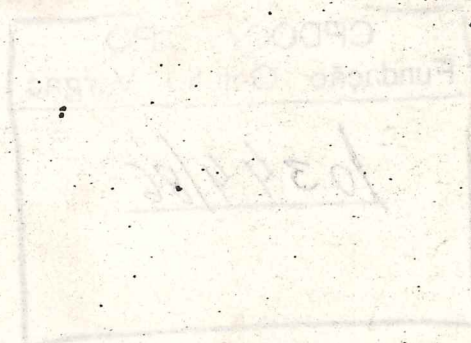
VAZ, ZEFERINO. ZEFERINO VAZ (depoimento, 1977). Rio, FGV/CPDOC - História Oral, 1986 (História da Ciência - Convênio FINEP/CPDOC).

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ZEFERINO VAZ

(anexo texto de Zeferino Vaz sobre a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

ENTREVISTADORES:
TJERK FRANKEN
RICARDO GUEDES

19.12.1977

T.F. - Então o senhor poderia começar a contar...

Z.V. - Quando analiso o meu passado e os fatores que condicionaram o meu caminho na Ciência, com todas as suas conseqüências, quer como cientista, quer como dirigente e criador de instituições científicas, fico convencido de que o primeiro fator foi ter nascido de um lar feliz, de pais que se amavam, pais que todas as noites jogavam bisca sueca, os dois sozinhos, de oito às dez da noite. Não gostavam de receber visitas à noite - as visitas eram para mamãe, à tarde, no chá. Mas à noite, de oito às dez - ainda tenho presente na minha mente - aquele casal brigava e discutia jogando a leite de pato, com um barulho de que eles já conheciam todas as cartas, mas divertiam-se à grande, roubavam escandalosamente um do outro...

R.G. - Isso foi onde professor?

Z.V. - Aqui em São Paulo, na cidade de São Paulo.

R.G. - O senhor nasceu em que ano?

Z.V. - Em 1908. Papai era um atacadista de cereais muito bem sucedido. É um dos fundadores da Cooperativa Agrícola de Cotia e da Bolsa de Cereais. Chegava às dez da noite, eles paravam de jogar e iam dormir, porque às seis horas papai levantava e ia lá para o seu armazém de atacadista de cereais. Essa lembrança, essa vivência de harmonia de casal...
Papai morreu muito jovem, com 49 anos, de um derrame cerebral. Ao tempo eu sofri muito. Eu estava passando do primeiro para o segundo ano de Medicina. Foi em 1926. Hoje eu me pergunto se não foi melhor a solução da morte, de um ho

mem que era um touro de forte, possante e poderoso, a ficar hemiplégico, arrastando uma perna e dependente. Mas o fato é que ele morreu em 26 e minha mãe foi morrendo e definhando, de amor, de saudade.
Em 33, morreu. Morreu de saudade, definhando lêntamente.
Mas nasci, de um lar feliz. Considero como fator também decisivo de um aparente sucesso da minha carreira científica, o fato de ter sido educado pelos padres salesianos, homens realmente excepcionais como educadores. Porque eu era um demônio em figura de gente, com uma atividade impressionante, uma vitalidade brutal. Conservo até hoje esse ânimo.
Era briguento como um desgraçado, como todo baixinho com esse complexo. Eu era um lambari azeitado, brigava por tudo. Mas era estudioso. E esses padres nunca me prejudicaram nas notas de aplicação por causa do meu comportamento.
Eles comprendiam este jovem brutalmente ativo, mas que estudava, que tinha a hora certa de estudar e tirava primeiro lugar sempre, sem prejuízo de brigar. Mas êles buscaram encaminhar esta agressividade em sentido construtivo.

Os padres salesianos foram os primeiros a fazer uma piscina nesse país. Falar em piscina naquele então, pôr maiô, era um quase escândalo. E padre! Num colégio de padre! E eu fui o primeiro que dei um salto na piscina deles - sem saber nadar.
Isso em Sant'Anna, na chácara que eles mantinham para o período de férias dos estudantes. Eu era aluno externo e eles tinham alunos internos, muitos dos quais eu vim a saber posteriormente que eram alunos que estudavam de graça, não tinham recursos, mas nenhum de nós sabia distinguir quem pagava e quem não pagava. Um deles eu posso dizer hoje. É o Venerando Freitas Borges - foi Prefeito da Fundação de Goiâ

nia, Ministro do Tribunal de Contas de Goiânia, Presidente do Tribunal de Contas e até hoje está vivo e ativo. E assim uma série de outros.

Estes educadores, não só ensinavam todos os jogos, futebol... Eu atirava a bola no padre, aproveitava para descarregar a agressividade, dava chute no padre, e eles admitiam. Na hora do recreio eles admitiam tudo. Barra bandeira - não sei se vocês conhecem - é uma corrida tremenda de pega. Claro que ninguém me pegava, porque eu era de uma agilidade diabólica.

E mais do que isso, fizeram-me ator teatral. Fui ator de teatro nove anos - dos sete aos 16 anos, no teatro do Liceu Salesiano Coração de Jesus. Teatro como qualquer teatro. Até hoje existe, com palco, com todos os cenários, com platéia, frisas, camarotes e geral. Um teatro autêntico. E nesse teatro se representava de tudo: comédias, dramas, até tragédias. Havia uns números de canto, de declamação, e eu participava de praticamente tudo. Eu declamava, eu cantava no corpo coral e eu representava. Era meu companheiro naquele então Rodolfo Mayer, que depois continuou naquela escala ascendente de grande artista e chegou às Mãos de Eurídice. E eu entrei pelo cano, entrei pelo caminho da ciência, me dagradei, do ponto de vista artístico.

Mas o fato é que esta atividade teatral e mais a atividade de cinema - fui ator de cinema da Companhia Romeiros do Progresso. O diretor era o José Medina, ainda vivo, com 80 e tantos anos. Eu era uma espécie de Pablito Calvo, que foi quando eu conheci Monteiro Lobato. Eu era um menino de dez para 11 anos, e estávamos filmando um filme chamado "Como Deus Castiga". Fiz toda a parte da infância e depois um

outro artista fez a parte de adulto. Nós estávamos filmando em Osasco, na fazenda de Delfino Cerqueira, e apareceu lá o Monteiro Lobato. Apareceu porque o diretor da empresa, que era o professor Miguel Milano, grande artista, com um vozeirão do tipo de basso profondo que declamava La Morte Cirilli, de Sarconi. Ele imaginou fazer um roteiro de um filme baseado no conto "Os faroleiros" do Monteiro Lobato, que talvez vocês não conheçam, mas que é um conto espetacular, do livro Urupês.

E o Monteiro Lobato queria saber com quem estava tratanto, para dar autorização para o filme. E apareceu então num set de filmagem, em Osasco, onde fez questão de tirar uma fotografia comigo. Esta fotografia, não sei como, foi parar nas mãos do Alex Vianny que escreveu depois a história do cinema brasileiro, publicada na revista Cosmos. A fotografia minha com o Monteiro Lobato saiu com a legenda: "Esta fotografia, este jovem menino, deve ser o hoje Professor Zeferino Vaz, diretor da faculdade de Medicina de Ribeirão Preto." E era.

Mas estou contando isto porque esta atividade teatral me ensinou a empostar a voz, me ensinou a usar o gesto adequado, me ensinou a dirigir-me ao público olhando para os olhos do público. Como esse público sempre me aclamava depois, batia palmas, por reflexo condicionado estabeleceu-se para mim que falar ao público é bom, é agradável. Então, não tenho medo, ao contrário, para mim é agradável expor sem nunca ter um papel na frente. Talvez a exposição saia um pouco desordenada, mas sai de dentro, com grande força de comunicação, e isto me serviu tremendamente para fazer o concurso de cátedra e para o sucesso aparente como professor, para quem os estudantes batiam palma e sempre queriam as aulas. E eu era classificado sempre como melhor professor.

Isso tudo derivado daquela atividade teatral que eu desen volvi durante nove anos. E mais, a memorização e o expediente de excogitar dentro de uma seqüência lógica para a exposição. Tudo isto devo às atividades teatrais desenvolvidas no Liceu Coração de Jesus. Agora a parte do desenvolvimento físico. Sou um sujeito de uma tremenda resistência física, fui corredor de 100m rasos no Paulistano, fiz parte de uma turma de 100m rasos, 200m rasos, e depois revesamento de 4 por 100, 4 por 200, figurando em boas turmas. Tudo isto derivado desses padres salesianos, que entendiam os jovens, que davam uma educação moderna, com piscina. Isto em 1922! Imagina uma piscina em 22, aqui! Foi a primeira feita no Brasil.

R.G. - Isso tem alguma coisa a ver com o movimento de educação nova, na época?

Z.V. - Ah sim! Veja bem. Dom Bosco foi um precursor tremendo. Ele é criador de uma instituição que chama Oratório Festivo. Veja bem, pense um pouco, oratório festivo quer dizer oração com festa! Quando a religião era toda ela de concentração, séria, isso tudo com uma cara fechada, era o medo do inferno, o medo disto, medo daquilo, ou confessa ou vai para o inferno, ele fez o Oratório Festivo. Que é isto, Oratório Festivo? Aos domingos os alunos externos eram atraídos - não era obrigatório ir à tarde - por jogos que eles promoviam, por cinema - eles projetavam filmes - por atividades de teatro, por atividades cívicas. E uma meia horinha nós íamos à igreja, para a bênção do Santíssimo Sacramento. E depois tinha um lanche farto, agradável. Veja bem, este homem, Dom Bosco, ele criou o Oratório Festivo em 1860/1870. O Pavlov ainda nem tinha pensado em reflexo condicionado.

Não creio que ele o fizesse com o objetivo de inocular especificamente uma fé, mas que ele conseguia isto porque associava a fé com coisas agradáveis. Não tenho dúvida nenhuma. E eu tenho uma lembrança disso tudo. Gravou-se na minha mente.

Mas saindo do Liceu Coração de Jesus, em fins de 1925, fiz exame direto para a Faculdade de Medicina de São Paulo. Éramos, aproximadamente, 500 candidatos para 50 vagas. Fiz exame direto e entrei em terceiro lugar. Isto significa que eu tinha uma boa preparação.

T.F. - Naquela época era costume ter os cursos preparatórios?

Z.V. - Não, não era, mas em geral o indivíduo ficava um ou dois anos estudando especificamente para o exame vestibular.

R.G. - Como era esse vestibular, na época?

Z.V. - O exame vestibular, na época, consistia de uma prova escrita, de uma prova oral e de uma prova prática. Para a Faculdade de Medicina, fiz exames de Física, de Química e de História Natural. Quer dizer, Zoologia, Botânica, Geologia, Mineralogia, História Natural. E a prova escrita era corrigida uma por uma pela banca examinadora. Depois havia uma prova oral. Uma conversa longa com o estudante. É uma apreciação do que é o indivíduo, como ele se desempenha. E a prova prática. E como eu tinha tido uma boa preparação, entrei em terceiro lugar.

Mas o fato não é este. O que aqui me faz comparar aquilo que eu sabia quando eu entrei para a Faculdade de Medicina e eu tenho uma memória bastante boa - com aquilo que sabe hoje um estudante que entra na Faculdade de Medicina - e eu

quero ser bem claro na afirmação - é que os estudantes hoje têm muito mais informação. Ele é uma mercearia de conhecimentos enlatados, ele sabe uma porção de coisas, sabe muito mais coisas do que eu sabia quando entrei para a Faculdade de Medicina. Mas a diferença que eu sinto é que eu tinha adquirido os instrumentos de aculturação, eu mesmo. Então, eu sabia muito bem Português. Tinha lido todos os clássicos da língua. Este ensino de Português havia começado no preliminar, pela leitura, em voz alta, de trechos de grandes escritores, as antologias antigas. Cada um de nós era obrigado a ler em voz alta, pronunciando todas as palavras - isto para mim era facilitado, porque eu era ator de teatro também, então não tinha problema - mas ler trechos de Machado de Assis, de Eça de Queiroz, de Herculano ou do Padre Vieira despertava a curiosidade. Depois era passar a ler esses todos.

Então, eu devorei o Eça de Queiroz, como faço até hoje, quando estudante secundário. Machado de Assis... Não li, é claro, o Bernardes, não li o Padre Vieira. Li trechos dos *Sermões* do Padre Vieira, um ou outro - aquilo é chato também para se estar lendo. Mas o Eça é divertidíssimo, o Machado é um encanto. São os dois escritores da língua que eu cultivo até hoje, sobretudo o Eça de Queiroz, pela graça e porque ele é um analista da alma humana, e o analista da alma humana é eterno, por isso é que ele é um escritor eterno. Os defeitos da alma humana são iguais na Grécia e agora, não têm diferença nenhuma.

Mas afora o Português, eu conhecia o Francês de falar. Falar foi uma circunstância, mas traduzir?

As *Fábulas* de La Fontaine, as belezas do Chateaubriand .... Lia correntemente, sem nenhuma dificuldade. Gramática francesa - os verbos irregulares eu sabia conjugá-los todos! Sabia traduzir correntemente o Inglês. Conhecia Matemática elementar: Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria. Então eu tinha como instrumento de aculturação próprio, não dependendo de outrem, as formas de comunicação: a linguagem vernacular, línguas estrangeiras e a linguagem matemática, que me permitia ler um livro de Física: o Ranout, *Traité Elementaire de Physique*. O Nobre, aquele compêndio de Física do Nobre. Ler a Ótica, porque qual era a dificuldade de ler? Aquelas fórmulas não tinham para mim segredo, pois eu conhecia a Matemática elementar. Então, vejam bem a diferença: os estudantes que ingressam hoje numa faculdade, que vêm fazer o vestibular aqui na USP ou na UNICAMP, num curso médico, eles sabem muito mais coisas do que eu sabia, seguramente, mas a diferença está em que eu adquiri instrumentos para fazer a minha própria cultura.. É como você dar para um indivíduo o arroz, o feijão e batatinha, tudo prontinho para ele comer, e a outro você dá o trator para ele ....

T.F. - Seria a diferença entre a informação e a formação?

Z.V. - E a formação. Exatamente. Essa é a diferença básica que eu vejo no ensino secundário do meu tempo e no ensino secundário de hoje. O fato é que eu entrei para a Faculdade de Medicina.

T.F. - O senhor entrou com a idéia de seguir carreira de médico?

Z.V. - De médico, como todos nós. Clínico. Naquele tempo nem se pensava em ciência. Sucede, porém - e isto é um depoimento

fundamental-que no dia 1º de março de 1926 ministrou a primeira aula de Parasitologia para a minha turma o professor Lauro Pereira Travassos, que viera de Manguinhos, contratado pela Faculdade de Medicina. O diretor Pedro Dias da Silva contratou o professor Lauro Travassos, que trazia como assistente Cesar Pinto.

Ouvida a primeira aula, quando ela terminou, o jovem adolescente, que mal tinha 17 anos, tem o atrevimento de ir à sala do Professor Travassos, que era uma salinha mínima, ridícula, e dizer a ele: "Professor, sei que vou fazer Parasitologia, o senhor me deixa trabalhar consigo?" - Ele - aquele atleta remador do Fluminense -, uma simpatia personificada, olha para mim com um riso extremamente agradável - tenho isso fixado, fotografado na minha mente, e me dia: "Olha, menino, vou fazer uma autópsia agora, você quer me ajudar?

Vejam o que é o educador valorizando o adolecente. Em que poderia eu ajudá-lo? Um homem como Lauro Travassos, que já era considerado uma das maiores figuras vivas da Helmintologia. Havia saído recentemente o livro de York and, ingleses de Oxford, que é um tratado de Nematóides. A introdução, a filosofia de Nematologia era quase toda do Travassos. Discutia pontos de vista dos outros mas ... *"However we prefer to follow Travassos"*. *"As Travassos has pointed out"*. Isso na introdução. Na bibliografia, mais de uma centena de trabalhos do Travassos citados.

Então vejam o que é o autêntico cientista e educador, que nunca havia aprendido Pedagogia. É intuitivo o que diz àquele jovem adolescente que ele conheceu ali, no primeiro dia. "Você quer me ajudar na autópsia que eu vou fazer?"

"Isso eu quero sim". "Então vai vestir o avental." E a partir daí, durante três anos consecutivos - 26, 27 e 28 nós nunca dissemos até amanhã, porque nunca saímos do laboratório antes de duas horas da manhã. Para o adolescente que ingressara numa faculdade com uma vitalidade tremenda e se não fora dirigido para uma atividade construtiva, e sim destrutiva, seria um *gangster* de primeira qualidade... Pode estar certo que esse mesmo indivíduo que se dedicou à ciência, se me dedicasse ao crime, não tenha dúvida, seria um sucesso tremendo, pela coragem, pela brutalidade de atividade e pela rapidez de raciocínio.

Três anos maravilhosos, em que ele pouco ensinava. Vejam bem, ele me dava problemas para resolver, cada vez mais complicados, ele me dava desafios, me orientava na busca da bibliografia, me orientava nas técnicas. Como clarer um nematóide, como corar um trematódeo, como obter a boca de um nematóide extremamente pequeno para cima do microscópio, que não é fácil, para depois, em câmara clara desenhar, usar a câmara clara. Mas sobretudo ele ensinou a necessidade fundamental de ser honesto na bibliografia científica, ler tudo o que se publica sobre a especialidade, para não estar descobrindo a América de novo, para ser honesto em valorizar aquilo que já foi feito e por quem foi feito. Mas como eu tinha facilidade no Inglês, no Francês, aprendi um pouco de Alemão, fui aprender um pouco de Russo, o Italiano e o Espanhol não tinha dificuldades ... Recebia desse homem esse impacto contínuo de seriedade brutal na afirmação. Aprendi com ele, por exemplo, a nunca satisfazer-se com a citação de um autor que está num livro de texto, que cita lá o autor e dá a opinião do autor num livro de texto. Não senhor, você tem que ir ao original, porque o número de vezes

em que o pensamento do autor é deturpado, ou por má tradu - ção, ou por não ter sido compreendido adequadamente - porque em geral os que escrevem livros didáticos ou científicos são um pouco apressados, falta-lhes, um pouco, critérios básicos.

Mas toda a minha vida foi sempre a da busca da fonte origi - nal, e é por isso que fui aprender a traduzir Russo com Clemente Pereira, que quando comecei a trabalhar com o Travassos estava voltado para Química com Milwart, aqui na Faculdade de Medicina. E isto agora é uma coisa *off the record* - eu não acreditava no Milwart, e não acreditava porque a Química do Milwart ia até o Moissan, Fremy e Gotier, até 1980, até Augusto Comte. Ele era um positivista fanático. Tudo o que se fez depois era secundário, e ele não falava. Não conheço cabotino que tivesse usado com tanta habilidade a técnica do Conselheiro Acácio de não abrir a boca para não dizer nada. Não era o conselheiro Acácio, era aquela figura eterna do Eça de Queiroz que não abria a boca para nada. Ele não abria a boca, então passava por um sábio, e ele tinha conhecimentos clássicos - tinha sido educado no Caraças. Então tudo aquilo que ia em matéria de Química até o Gotier, o Moissan e Fremy, que eram os grandes tratadistas da época, era Química. O resto não.

E eu achava que isto não era bem ciência. Eu habituado com o Travassos, com essa crítica contínua e busca de ... Pego o Clemente: "Não perca o seu tempo aí fazendo suas preparaçõezinhas de bicromato, de não sei o quê. Vamos fazer, vamos trabalhar". E o Clemente foi, por sorte minha, e passamos a trabalhar juntos. Também ele ia dia e noite conosco no laboratório, e o professor Paulo Artigas também, e Júlio Fuentes de Magalhães, porque o Travassos tinha essa qualidade excepcional: atrair.

Estou bem convencido de que se ele fosse para a Ilha do Bananal, junto com os índios Xavantes, ao cabo de dez dias tinha dois índios interessados em fazer Parasitologia. Porque onde ele foi.... Daqui de São Paulo ele esteve na Bahia, esteve depois na Universidade Rural do Rio de Janeiro, para onde ele fosse juntava discipulos, sem falar no Instituto Oswaldo Cruz, onde ele juntou aquela equipe formidável de jovens. Era uma figura... E que não ensinava, veja bem, não ficava ministrando lições. Ele punha desafios, ele fazia jovem exercitar a sua capacidade de excogitar.

Lucien Ijon, que é de Ribeirão Preto, e é o fundador da Histoquímica, deu uma definição de ciência que achei formidável: "Ciência é a arte de se virar". É realmente bem expressivo. É um indivíduo excogitar a insatisfação contínua diante do conhecimento adquirido, a tenacidade de perseguir o objetivo,não se deixar vencer por dificuldades aparentes. Quantos problemas eu levava meses para resolver lá, mas ficava ali feito um buldogue, teimando alí até levar a solução para ele. Alí ele dava a bênção, ficava feliz. Mas este homem era cria do Oswaldo, do Instituto Oswaldo Cruz. Então, sou um neto do Instituto Oswaldo Cruz. Em 1930, publiquei meu primeiro trabalho - estava no 4º ano de Medicina - nos *Comptes Rendus* da Société de Biologie de Paris. Mandei o trabalho para o Brumpt, e ele publicou, apresentou à sociedade e publicou. Depois publicou outros. De sorte que em 1929 ....

T.F. - O Brumpt tinha estado aqui, não é?

Z.V. - Tinha estado em 1913, na Faculdade de Medicina de São Paulo.

T.F. - Mantinha sempre contato com o meio brasileiro?

Z.V. - Mantinha. Conhecia bem e respeitava o Travassos - claro. Tinha por ele um profundo respeito. Mas, em fins de 1928, o Travassos foi convidado pelo Tropen Institute de Hamburgo. O Filler Born era o diretor do Instituto. Em 1928, o Filler Born passou pelo laboratório aqui de São Paulo - um laboratório modestíssimo - onde nós publicávamos o *Boletim Biológico*, uma revista científica do laboratório do Travassos. Tenho aqui a coleção, se vocês quizerem posso dar uma.

T.F. - Esse Boletim foi de quando a quando?

Z.V. - Esse Boletim foi depois continuado, um pouco, no laboratório de Souza Campos, aqui na Faculdade de Medicina.

T.F. - Ernesto de Souza Campos?

Z.V. - É. E depois foi se extinguindo.

Em 1928, então, ele foi para a Alemanha para ministrar cursos de pós-graduação, de especialização em Helmintologia no Tropen Institute de Hamburgo, e lá ficou dois anos. Foi um sucesso tremendo, é claro. E nós passamos, então, a trabalhar no laboratório de Souza Campos. O laboratório de Parasitologia ficou fechado, porque a cadeira de Parasitologia, que estava no 1º ano, foi transferida para o 3º ano do curso médico. Então, ficou fechado.

T.F. - Durante dois anos?

Z.V. - Durante três anos. Aí, o Clemente e o Zeferino foram para o laboratório do Souza Campos, que nos abrigou. Lá estava o Flávio da Fonseca irmão do Olímpio, como 1º assistente de Microbiologia - um excelente professor de Microbiolobia - e lá conhecemos o Floriano de Almeida, que foi o sujeito que demonstrou que a blastomicose brasileira era diferente da americana. Paracoccidioses Brasiliensis era diferente do coccidioses Imitis. Admitia-se que fossem a mesma espécie. Vi nascer esses trabalhos do Floriano, que era um clínico que tinha vindo do interior e que não sabia regra de nomeclatura, mal sabia microscopia. E eu me lembro bem das primeiras preparações que ele fez, levado pelo Souza Campos para a Santa Casa.

Ele estudava doentes de blastomicose. Era muito comum. Fazia uma série de biópsias, depois trazia para o laboratório e estudava. Ele mostrava, então. Chamava a mim e ao Clemente e dizia: "Olha aqui. Num caso é uma endoesporulação, no outro é uma exoesporulação. Será a mesma espécie? Não, não pode ser. Tem que ser diferente." Mas essa espécie já fora descrita aqui pelo Esplendore em 1908, 1911,uma coisa assim, não tenho bem idéia da data, com o nome de Zimonema Brasiliense. Zimonema era um gênero que incluía, tudo quanto é espécie de cogumelo. Era assim como uma espécie de áscalis em Helmintologia. Então, ele criou um gênero novo, mostrou o que o Esplendore já havia descrito e criou o gênero Paracoccidiosis. Foi um estouro científico. Isso nós vimos nascer no laboratório do Souza Campos, no começo de 1929.

Estávamos trabalhando no laboratório do Souza Campos, continuamos a publicar o *Boletim Biológico*, que ficou sob o nos-

so encargo - do Clemente, meu e do Flávio da Fonseca. E em agosto ou setembro de 29 recebemos um convite do Instituto Biológico, que acabava de ser fundado pelo Artur Neiva - esse grande baiano, careca, baiano de gênio, cria do Oswaldo também, homem extremamente interessante, porque tinha uma inteligência brilhante. Mas do que ele mais se vangloriava era da força física. Realmente era um monstro de forte. Ele tinha sido um brigador tremendo, ao tempo de estudante de Medicina. Era um sujeito que se sabia que na favela tal havia um valentão, ele ia lá saber se era mais valente que ele. Um sujeito que rasgava um baralho assim. A mulher dele é que o endireitou, tentou pô-lo na linha, numa linha...

T.F. - É descendente de alemães, não é?

Z.V. - É! É maravilhosa a mulher.

O Arthur Neiva chefiava aqui em São Paulo o serviço sanitário quando veio a broca do café, que dizimou a lavoura cafeeira, que era toda a base de sustentação econômica do Brasil. Ele foi nomeado com o Costa Lima para uma comissão para debelação da praga do café. E, como conseqüência desses estudos, surgiu a idéia de se fazer um instituto que estudasse Patologia vegetal e Patologia animal, que era totalmente desprezada, não era cuidada. E aí ele teve o apoio do Fernando Costa. E teve um apoio mais ou menos secreto - hoje não é mais, evidentemente - mas muito importante do Júlio de Mesquita Filho do *O Estado de S. Paulo*. Na redação de *O Estado de S.Paulo*. Isto foi em 27,28.

Então, os planos do Instituto Biológico foram esboçados dis

cutidos no laboratório do Travassos, quando ele ainda estava aqui. Estou voltando um pouco atrás porque, afora a influência do Travassos e do Cesar Pinto, que o Clemente e o Zeferino recebiam na sua formação, o laboratório do Travassos atraia grandes figuras: era o Costa Lima, era o Arthur Neiva, era o Rodolfo Van Ihering - grande zooólogo -, era o André Dreyfus, que viera do Rio de Janeiro contratado para a cadeira de Histologia.

Lembro-me bem das discussões. Naquele tempo eu tinha uma formação lamarquiana, era um evolucionista lamarquiano, o uso e o desuso dos órgãos empolgava, era uma coisa que atraia para a lógica humana, e o Dreyfus já tinha adquirido todos os conhecimentos das mutações, os trabalhos todos do Morgan de mutações. Então, eu tinha discussões tremendas com o Dreyfus. Até hoje olho para este retrato do Dreyfus envergonhado. Como é que eu tinha atrevimento de discutir! E ele aceitava a discussão de um jovem que tinha, 17, 18 anos. Ele, um homem feito, nunca usou um argumento de autoridade. Nunca disse: "Menino, você não sabe nada, cala a boca, não vem discutir comigo." Nunca! Ao contrário, buscava rebater com dados concretos, científicos. Fazia a crítica de todas as provas do evolucionismo clássico, as provas embriológicas, as provas anatômicas, o conceito de que na embriogênese o sujeito segue todo o caminho da evolução, desde o protozoário até o adulto.

De vez em quando vinha o Álvaro Osório, muito amigo do Travassos. O Miguel Osório aparecia lá também. O Tannay, diretor do Museu Paulista, historiador. Era um grupo de homens excepcional, e eu assistia um pouco assim de sapo, mas recebendo as influências das discussões abertas, fran-

cas, de homens de espírito largo, que queriam a crítica , queriam ser criticados, queriam a discussão, a permuta e intercâmbio de idéias. E via esboçar-se o Instituto Biológico ali, com uma visão ampla, não uma visão estreita, limitada, não de uma Patologia restrita, mas de uma Patologia comparativa, em que entrava a humana, a vegetal e a animal. Enfim, a Patologia de todos os seres vivos, porque os fundamentos são os mesmos.

Outro dado importante na minha formação. O Rodolfo Von Ihering, como todo bom filho de alemão, era tocador de violoncelo, e acontece que a senhora dele, dona Isabel Von Ihering, era uma pianista maravilhosa, daquele grupo do que tinha como figuras fundamentais Antonieta Rudge, a Madalena Tagliaferro, Guiomar Novaes. A dona Isabel era do grupo, mas ela casou com o Von Ihering, então passou a ser a senhora Von Ihering, mas continuava a tocar. Às quintas-feiras havia uma reunião na casa do Rodolfo Von Ihering. E a essas reuniões comparecia quem? Francisco Mignione, até hoje vivo; Camargo Guarnieri, na música clássica erudita, vamos dizer assim; aparecia o Heguel Tavares , que foi o criador da música folclórica erudita. Vocês nem sonham seguer.

T.F. - Não, mas esses nomes eu conheço.

Z.V. - Bom, como poetas apareciam Guilherme de Almeida, Menoti del Picchia, até hoje vivo - está com 80 e lá vai pedrada - o Cleôminos Campos, poetas que levaram as primícias das suas composições, como Mignione e Camargo Guarnieri levavam para dona Isabel. Eles levavam os originais e dona Isabel , então, tocava e sugeria acordes, mudanças e tal. E eu de

clamava muitas dessas coisas que eles levavam lá, porque era bom declamador. Pintor: o Paim Vieira, que ia lá , participante de 1922 e criador da cerâmica artística do Brasil. Então, influências artísticas e científicas simultâneas.

(FINAL DA FITA 1-A)

R.G. - O senhor falava das influências artísticas e científicas.

T.F. - Que não configuravam homens...

Z.V. - ... de visão estreita, mas homens que queriam ver, tinham uma visão angular de 360 graus. Hoje fala-se tanto em ecologia, como se fosse uma coisa nova. O Rodolfo Von Ihering só falava em ecologia, um naturalista antigo, era um ecólogo, porque ele não era um zoólogo que apenas ficava pegando bichinhos. Não, ele queria saber em que condições vivia esse bicho, que condições de terreno, que condições vegetais, que condições de temperatura, de unidade. Não se falava em eco-sistema, mas falava-se em ... O nicho ecológico, que foi criado posteriormente pelo Petrovisck, que eu conheci na Rússia. Mas eram ecólogos que tinham uma visão angular de 360 graus, buscando ver que parâmetros, no fenômeno biológico - que é ultra complicado - interferem na produção de um certo fenômeno. E isto, gente, vejam bem, influindo sobre um adolescente que estava alcançando os 19 anos de idade, numa face de impregnação, impregnação da mente e da alma. Em 29, então, nós fomos - Clemente e eu - convidados para ir para o Instituto Biológico, para resolver um problema - que se punha ao Instituto. Era uma episotia de cabras

em Campininha. Campininha é uma fazenda do Estado, aqui na região de Mogi-Mirim. O Fernando Costa havia importado algumas centenas de cabras tognenburg da Suíça. Elas chegaram aqui na primavera. Quando veio o verão, águas, clima quente, úmido, as cabras começaram a morrer deuma broncopneumonia. Tosse, tosse, emagrecimento contínuo e tal, morte. O diagnóstico anatopatalógico: broncopneumonia.

Então, eles lá no Biológico buscavam vírus e bactérias. E qual é? Seria a Pasteurer, a qual seria a Salmorer, a qual seria a Pneumococus, capaz de produzir o vírus? E nada. Foi quando o Rodolfo Von Ihering lembrou a possibilidade de ser uma helmintose. Acontece que os helmintologistas, com a saída do Travassos, eram o Zeferino e o Clemente. Então, fomos convidados pelo Arthur Neiva para tentar resolver esse problema, e não tivemos grande dificuldade, porque fomos a Campininha e verificamos que essas cabras, à noite, eram recolhidas a um redil, a uma mangueira de terra, chuva. Então ficavam aquelas poças de água e elas se deitavam sobre essas poças de água. Tudo quanto é verme que sai do intestino, tem ciclo evolutivo exterior, forma a larva infestante que penetra pela pele - estás a ver - tinha as condições ideais de penetração da pele, de fazer o ciclo pulmonar ou o ciclo de Loss. Então, para nós, foi muito fácil chegar lá e ver: "Bom, aqui está o ideal". Pegava-se um pouco de água daquelas poças e tinha milhares de larvas. Bom, pode ser que sejam nematóides de vida livre. As cabras que morriam a gente autopsiava, espremia o pulmão, saíam quantidades de larvas. "Está

bem, mas precisa demonstrar, cientificamente, que elas são a causa da broncopneumonia". Para nós não tinha dúvida, mas precisávamos convencer o Instituto Biológico.

Então, passamos a fazer cultura de fezes pelo método de Berman, de isolamento de larvas, para obter larvas e para infestar. Pelo método de Berman, que é um funil de filtração de ar quente c/uma gase - a gente põe as fezes, fica em contato com a água quente. Um piloto de bico de Bunsen, conforme a distância, mantém a 37 graus. Então, em contato com a água quente, essas larvas descem para a água e um tubo de ensaio, embaixo, recolhe. Mas sucede que, com a gase, o pigmento biliar também desce. Fica aquela água suja e ultra-contaminada.

Aí o Clemente, que era um sujeito de cabeça, imaginou, em vez de gase, pôr papel de filtro, porque disse: "Se a larva penetra através da pele ela é capaz de atravessar papel de filtro". E, realmente, pusemos papel de filtro em lugar da gase. Então, elas atravessavam, tinha-se uma água limpa. Mas essa água estava contaminada com bactérias, porque as bactérias também atravessavam. Então, surgia o problema: "Como esterilizar essas larvas, porque se a gente usasse essas larvas com bactérias para infestar cabritos isentos de infestação, e desencadeasse a pneumonia, podiam dizer: "Bom, pode ser um germen que foi junto". Daí, nós tivemos a idéia de usar prata coloidal. A prata coloidal tem um papel / germicida - é a base de salus, da moringa salus, que naquele então já existia. Fomos ao Otinger, o descobri -

dor do papel da prata coloidal, que era um veterinário professor da Politécnica. E ele nos deu prata coloidal.

Então, pusemos prata coloidal no tubo de ensaio onde se recebia aquela água, que era transparente com as larvas A gente via, assim, por brilho, por reflexão, as larvinhas ali, e a água bem transparente pelo papel de filtro, que não deixava passar pigmento de verme. Ao cabo de 24 horas entregávamos esse líquido ao bacteriologista: "Vê se tem bactérias aqui." Então ele semeava H simples, Tigg, todos os meios, não é. Estava esterilizado. Então, estas larvas é que foram usadas por nós para infestação experimental de cabritos isentos de infestação, e reproduzimos o quadro da broncopneumonia helmíntica. Foi o primeiro trabalho nosso feito no Instituto Biológico. Fomos nomeados assistentes do Instituto Biológico com essa prova de que tínhamos capacidade de excogitar, porque isso era um assunto novo, as soluções foram novas na condução do trabalho científico. A arte de se virar em que o Clemente era espetacular.

Então, em que ambiente nós fomos trabalhar? Estávamos passando do 4º para o 5º ano de Medicina. Jovens adolescentes, com 20 anos, mais ou menos. Idade em que vejo esses meninos lendo Gibi e Tio Patinhas, nós estávamos implantando um laboratório científico. Em que condições? Numa garagem de um prédio particular, onde estava instalado o Biológico. Dessa garagem - que era bem menor do que esta sala -, uma quarta parte era

ocupada por um quarto-estufa, onde os bacteriologistas - e eu vou falar deles - cultivavam as suas bactérias. E nós dispúnhamos de uma mesa bem menor do que esta. O Clemente ficava de um lado e eu do outro, cada um com o seu microscópio, e tínhamos como instrumento de trabalho placas de petri, bisturis, pinças, agulhas, solução fisiológica, formol e coisas dessa ordem.

Mas nós tínhamos aprendido a trabalhar em condições precárias. E quando o homem quer pesquisar, não fica à busca de instrumentos cada vez mais sofisticados, pedindo sempre, "se não faço isso é porque não tenho aquilo", "não faço agora, porque falta aquele outro". Esses são os indivíduos que nunca fazem nada, porque estão querendo sempre.... Isso o Travasso me dizia: "Olha, meu caro, para o mau corredor até as pernas atrapalham", para não dizer outra coisa, não é? *Off the record:* " Para o mau perdedor até os pentelhos atrapalham." É isso mesmo! Mas nós tínhamos aprendido a trabalhar nas condições de um Brasil pobre e a saber que a gente pode fazer algo novo, criativo. Novo cientificamente. E aprendemos mais: não há Ciência aplicada ou Ciência pura. Há boa ciência ou não há ciência. Essa distinção de ciência pura e ciência aplicada é ridícula, não tem o menor sentido. Quando se faz ciência aplicada, resolvendo um problema de realidade, encontram-se motivações para fazer ciência básica, pura, da melhor.

R.G. - O senhor incluiria a Física também nessa observação?

Z.V. - - Ah, perfeitamente. Hoje, então, com a autoridade - naquele então, não - de quem implantou a UNICAMP e que está assistindo todos os dias ao Sérgio Porto e à sua equipe de raios Laser trabalhando em Oftalmologia, resolvendo problemas de retinopatias diabéticas, resolvendo problemas de glaucoma e de descolamento de retina com raio Laser. E agora enxerto de tímpano por fotocoagulação com raio Laser, em associação com médicos - o médico sozinho não pode, o físico sozinho não pode...

E isso não prejudica em nada que a equipe do Sérgio Porto trabalhe em espalhamento de luz em sólidos, que é o ramo mais avançado do conhecimento da matéria. Técnica, aliás, introduzida pelo Sérgio Porto. Foi ele quem primeiro usou o Laser para o espalhamento de luz em sólidos. Sei porque houve um congresso internacional lá em Campinas, em 75, e foi um sucesso tremendo. Vieram 350 grandes cientistas de todo o mundo. E as contribuições dele são... Não prejudica em nada, ao contrário, ele fica feliz quando encontra uma motivação.

Respondo com prazer a essa pergunta em Física. Quando o Cesar Lattes descreveu, com o Ochialini e com o Powel, o Méson-Pi, era o tipo da pesquisa, aparentemente acadêmica, da Física pura, de uma importância fundamental. Era uma nova partícula que se descrevia. Pois bem, hoje o Méson-Pi é a arma mais poderosa no tratamento do câncer. A arma mais poderosa. Muito mais poderosa do

que cobalto 60, muito mais poderosa do que qualquer tipo de radiação.

Isso nós já aprendemos com o Travassos, com o Rodolfo Von Ihering, que fez Ciência básica da melhor, mas foi quem descreveu a técnica da hipofisação para inseminação artificial de peixes, o que permitiu o desenvolvimento da Piscicultura e o peixamento dos açudes do Nordeste, o repeixamento de rios brasileiros, que hoje se pode fazer, se pode jogar no Rio centenas de milhares. Hoje, no Rio Paraíba você pode tornar a pescar dourado, que estava extinto completamente. Tipo do cientista puro, para análise, cientista trabalhando na base da ciência. Então, este conceito de que a ciência aplicada ou a tecnologia prejudica a pesquisa pura é uma balela. E afirmo, com a experiência de 50 anos de vivência com grandes cientistas, em grandes institutos, demonstrativamente, com fatos e fatos que eu posso citar aos milhares.

Porque lá no Biológico... Veja quantos momentos felizes tive na minha vida: nascer em um lar feliz, fazer o curso primário e secundário num colégio excepcional, entrar para a Faculdade de Medicina e no primeiro dia encontrar esse homem que se chama Travassos. Este homem atrai uma grande quantidade de grandes cientistas no seu laboratório, que discutem abertamente conosco todos os problemas. A educação artística que vinha do colégio também, mas continuou na casa do Rodolfo Von Ihering com grandes poetas, grandes músicos e grandes

pintores. Depois, entro para o Biológico. Quem eu encontro lá? Arthur Neiva, Rocha Lima e uma grande equipe de jovens que eles haviam atraído de Manguinhos: Otto Bier, José Reis. Adolfo Martins Penha, homem extraordinário, veterinário formado em Porto Alegre, uma Faculdade que nem seguer existia. Mas ele fez o curso de Manguinhos, veio para cá, com um talento matemático enorme, foi o primeiro indivíduo que deu curso de Bioestatística, de delineamento experimental, deu a nós , no Biológico, em 1930, quando ninguém sonhava aqui em Bioestatística.

Vou para o Biológico, encontro esse grupo de homens excepcionais. José Reis criando a Patologia aviária do zero. A indústria avícola deste país se desenvolveu graças à patologia aviária começada pelo José Reis e, depois, com a colaboração da mulher, dona Anita. Teve também a colaboração do Paulo Nobre, meu colega de turma, que eu conduzi lá para o Biológico, porque ele precisava fazer uma tese. Depois se empolgou e ficou trabalhando com o José Reis, que é o criador, é o pai da Patologia aviária. Ele escreveu um tratado que é um monumento, tratado esse que eu vi nos Estados Unidos usado em Português - o professor ensinando Português para lerem aquele tratado, baseado todo em material colhido aqui, examinado aqui, isolado aqui. Nada de impresso, porque não havia.

E fico aí de 29 de 37 com o Clemente Pereira, companheiro inseparável, publicando trabalhos trabalhando aos do

mingos, feriados, dias santos. Nunca tivemos hora. Aquele ambiente de calor humano do Biológico. Nosso laboratório era pobre, o de Parasitologia, mas nós tínhamos liberdade de ir ao laboratório do Genésio Pacheco, que era o chefe do grupo de Bacteriologia, com o Otto Bier, Celso Rodrigues, Penha, etc, e pegar o que quiséssemos. Nunca ninguém se importou que eu fosse lá e pegasse uma droga, um instrumento, ou um equipamento, porque aquilo não era dos indivíduos, era da instituição. E vivíamos em franca camaradagem, discutindo, brigando.

Tive uma briga violenta uma vez, isso é, *off the record*, com o Celso Rodrigues, violenta mesmo, de agarrar pelo colarinho, assim. Ele morreu, coitado, nem quero recordar. O fato é que foi uma briga violenta. No dia seguinte o Arthur Neiva me chama: "Ei, como é, agora aqui as decisões científicas resolvem-se a muque?" Eu disse: "Olha, eu sou baixinho...

R.G. - - Mas era por motivo científico?

Z.V. - - Científico. "Mas aconteceu isto, isto, isto. E eu lhe afirmo, se esta circunstância se repetir, faço a mesma coisa, ou pior: rebento-lhe a cara. "Ele que, no fundo, gostava de uma briga, disse: "Está bom, está bom, mas vê se se acalma." No fundo ele estava adorando aquele negócio, porque correspondia àquele impulso interior dele.

Mas isso não quer dizer nada. Brigávamos, discutíamos. A crítica era franca e aberta, e havia um ambiente de calor humano. Aquelas reuniões de terças-feiras, em que cada um referia os últimos artigos das revistas científicas... Porque aprendi, com o Travassos e com o Arthur Neiva, a importância de biblioteca. Aquela biblioteca do Biológico era espetacular, uma bibliotecária maravilhosa. Dona Maria José Lessa da Fonseca, que era senhora do Flávio da Fonseca, conduzia aquela biblioteca com o Overmer, lá em Manguinhos. Não sei se vocês ouviram falar nesta figura maravilhosa que era o Overmer, que implantou aquela biblioteca que até hoje não tem similar. Em ciências Biológicas a biblioteca de Manguinhos não tem similar. Naquele então, eles já assinavam três mil revistas científicas. Hoje, na Universidade de Campinas, nós recebemos, por subscrição, 7.500 revistas, mas é uma universidade inteira, lá era só ciências biológicas.

T.F. - Eu queria fazer uma ressalva. Na verdade não era só ciências Biológicas. O Bernard Gross conta que o único lugar onde tinha a *Phisique* era exatamente em Manguinhos também.

Z.V. - Sim. Por que? Porque eles sentiam as correlações da Física e da Química. Por que é que ele tinha levado para lá o Carneiro Felipe?

R.G. - Nessa época, professor, o senhor tinha contato inclusive com pessoas do movimento antipositivista da Politécnica do Rio?

Z.V. - Não, não, da Politécnica não.

R.G. - Amanso Costa, Miguel Ramos.

Z.V. - Não, não, nessa época não. Só tive contato posteriormente; quando ingressei aqui na USP. Nesse tempo, eu estava mais no campo das ciências biológicas, em geral, que já era um mundo para abarcar. E artes. E muita Filosofia, porque o Rodolfo Von Ihering era neto do velho Rudolf Von Ihering, o grande filósofo do Direito do século passado. Então, ele discutia comigo.. Eu tinha recebido uma boa cultura filosófica no ginásio. Posso mostrar a vocês uma prova que eu tive, 50 anos depois, num livro que me foi devolvido. Dentro está uma prova manuscrita minha, do curso de Filosofia sobre classificação natural. Não modifico uma linha, nem no português. Escrita quando eu era quartoanista de ginásio. Vejam bem vocês o que era a formação que nos davam naquele então, com muito menos informação. Mas voltando, a entrada no Biológico foi também de uma importância fundamental, porque o Rocha Lima, às terças-feiras, organizava sessões. Então,eu referia Helmintologia, o Clemente também; Juvenal Ricardo Maia, na Anatomia Patológica; o Penha, mais Patologia bovina; o Reis, mais Patologia aviária - eu digo mais, e não, só ; o Dorival Cardoso, o Paulo Enéas Galvão na parte de Fisiologia. Tinha a parte também de Entomologia Agrícola.

Enfim, fui aprendendo coisas, parâmetros novos. Nasceu aí o meu conceito da multiplicidade etiológica das

doenças, porque nós estávamos impregnados, no curso médico, da unidade etiológica. Tuberculose é bacilo de Koch, lepra é bacilo de Hansen. O conceito da interferência de fatores ecológicos no desencadeamento ... O germe específico é uma condição necessária , mas não é suficiente. O conceito epidemiológico de saturação do ambiente, a super-população provocando o aparecimento de doenças. Enfim, vejam bem, sempre alargando horizontes. Nunca o especialismo, mas o especialista que estava sempre olhando para os lados, vendo a igual importância de todos os ramos do conhecimento para o desenvolvimento da ciência. E, ao lado disso, a sessão de sextas-feiras. Eram dois ou três conferencistas. Gente de fora ou de dentro, quando havia assuntos de natureza geral ou assuntos que não eram cogitados no Biológico, mas de que precisávamos tomar ciência. Então, vinha o Afonso Boveri, por exemplo, grande anatomista; o Lock, discípulo e cria dele; vinha Arquimedes Mussaca, grande oftalmologista, com o seu microscópio e a lâmpada de Fende. Ele era italiano e bruto como um cavalo, mas um homem espetacular em patologia do olho, com as contribuições novas. O microscópio e a lâmpada de fende, é daquele então. Até hoje é a grande técnica de exame de fundo de olho. O Penha, por exemplo, refere os trabalhos do Theobald Smith - são coisas da época que eu me lembro - sobre a importância do colostro, o significado do colostro do gado bovino. O colostro, vocês sabem o que é, é o leite que se concentra no úbere ou no seio de mulheres, na mama dos mamíferos , durante a gravidez. Quando nasce o feto - criança ,

bezerro, potro - ele mama o colostro, e este colostro é uma tremenda concentração de anticorpos contra bactéria. Então, oferece uma imunização passiva, e o recém-nascido ingere uma quantidade de anticorpos que lhe confere resistência contra doenças externas, até que ele desenvolva a própria capacidade de formar anticorpos. Isso é daquele então:

Hoje eu prego violentamente o eleitamento materno, que foi abandonado criminosamente a pretexto de que o leite da mãe é fraco. Houve pediatras que secaram milhares, milhões de seios com hormônios para não dar leite, para estimular e dar dinheiro para essas indústrias de leites concentrados, interesses puramente comerciais, cometendo-se o crime de não dar o leite materno desde o colostro. E muito mais, não é só o leite em si, é o afeto que vai à criança no colo da mãe, quando tem a criança em contato. Aquele *softness* do corpo da mulher, o carinho que ela transfunde à criança. É quando ela começa a inocular amor à criança. Estou convencido hoje que grande parte da agressividade de jovens se explica por não terem mamado o leite materno, por não terem recebido o leite materno no seio, encostado ao seio da mãe. Foram frustrados. São agressivos porque não aprenderam a amar. E assim vivi até 37, naquele ambiente espetacular do Biológico, com o Rocha Lima, grande cientista, nome mundial, com o Arthur Neiva, com o Genésio Pacheco, com o Otto Bier, com o Celso Rodrigues, com o José Reis, Adolfo Martins Penha, Paulo Enéas Galvão, Dorival Macedo Cardoso, Pinto da Fonseca, Agesislau Bitancourt, em Patologia ve

getal. E em 35 criou-se a Faculdade de Medicina Veterinária, e havia uma cadeira de Zoologia médica e Parasitologia. Então, combinado com o Clemente, resolvemos concorrer a essa cadeira, à qual concorreu também o Flávio da Fonseca, que fora nosso professor de Microbiologia. Esse concurso foi em 35. E eu ganhei o concurso por unanimidade da banca examinadora. Mas - isto é um depoimento sério - não ganhei porque sabia mais. Eu sabia tanto quanto o Clemente. Sinto que o Clemente tinha maior capacidade de se virar, de excogitar. O Flávio da Fonseca com mais tradição. Ele tinha sido nosso professor na Faculdade de Medicina. Mais tradição de Bacteriologia. E resolvera passar para a Parasitologia, que é sempre um *handicap*. Ele já tentara fazer concurso de Parasitologia aqui, na Faculdade de Medicina de São Paulo e, nessa ocasião, eu era estudante de Medicina. Escrevi para ele todos os pontos de Helmintologia, que até hoje estão aí. Foram escritos por mim, para ele, para aquele concurso. Preparamo-nos para esse concurso, Clemente e eu. O Clemente escreveu todos os pontos de Protozoologia - eu já tinha pronto os pontos de Helmintologia, que eu escrevera para o próprio Flávio para ele fazer a prova. E eu passei a escrever os pontos de Entomologia, e nós trocávamos. É claro que os pontos do Clemente, de Protozoologia, quando eu analiso hoje, que ele escreveu, tem muito mais profundidade do que os meus de Entomologia. Era a característica dele, essa capacidade de penetrar em profundidade. - É uma pena a morte desse homem, tão precoce. Lamento até hoje. Companheiros inseparáveis, inscrevemo-nos os dois no concurso para o que desse e viesse. E o Flávio da Fonseca.

Ganhei por unanimidade, ganhei todas as provas, e ganhei na prova didática e nem se diga que foi porque eu era um artista. Bom, já não era mais, mas tinha esta capacidade de comunicação e de memorização, de não precisar nenhum anteparo físico, nenhuma ficha – que é sempre um anteparo físico que corta a comunicação com o público - e de conversar olhando para os olhos de todo o Conselho Universitário que assistiu à prova, porque a Faculdade não tinha Congregação, então o Conselho Universitário que fazia a prova.

Ganhei a prova prática por que? Porque era um homem tranquilo. E aí é o lar. É a origem de um lar harmonioso. A prova prática eram quatro horas para cada um. O programa era o mesmo a desenvolver, mas eu tinha que ficar fechado. Eu era o último - letra zê. Então, fiquei fechado oito horas, enquanto o Clemente foi o primeiro, o Flávio foi o segundo, e eu o terceiro, pela ordem alfabética. O que eu fiz nessas oito horas? Dormi. Tranquilamente. Tinha uma mesa, deitei e dormi. Quando senti fome, bati na porta: "Quero comida". Tranqüilamente me trouxeram comida e eu comi lá. Deitei-me de novo e quando foi a minha vez, eu estava bem lépido - bem alimentado, bem dormido - e fui fazer a minha prova.

Entro nestes detalhes para explicar porquê, quando fiz Ribeirão Preto, suprimi a prova escrita e a prova prática. Porque a execução delas depende mais de qualidades que nada tem a ver com a cultura, com o conhecimento, e sim de fatores emocionais. Fatores emocionais

que não ocorrem quando você está trabalhando no seu laboratório e pesquisando. Está claro? Por isso é que eu entro nesses detalhes, para ficarem sabendo por que razão, quando fundei a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e fiz o regularmento do concurso, eu suprimi a prova escrita e a prova prática. Não pude suprimir a defesa de tese, porque a Constituição dizia "concurso de títulos e provas". Então, tive que pôr defesa de tese e prova oral. Mas tese qualquer cientista que esteja em trabalho tem sempre alguma coisa.

A prova oral tem 24 horas e passa. Mas dando valor à prova de títulos, dando valor ponderal 50 à prova de títulos. E o passado é o que importa, o que que esse indivíduo já fez. Não é aquilo que ele vai fazer em três dias que vai ensinar que ele é melhor do que A ou B, ou C, e sim que trabalhos ele publicou, que contribuição científica teve. Isto foi feito no regulamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto em 1952.

R.G. - Na USP como era naquela época?

Z.V. - Prova de títulos, prova escrita, prova oral, prova prática e defesa de tese. Eram cinco, e eu suprimi, simplesmente, a prova escrita e a prova prática - a prova escrita porque é uma prova de psitacídeos, é memorização. Saber de memória qualquer enciclopédia sabe mais do que eu, e não cria nada. E prova prática

tinha as contingências que levam um Maurício Rocha e Silva, que é uma das grande figuras da formacologia, viva a cometer uma falha de técnica boba, e pela qual a banca examinadora já abaixa a nota dele. Uma estupidez. Mas na minha prova prática, o que acontecia? Nós tínhamos que matar um sapo, fazer autópsia desse sapo, colher o material e identificar. Ao lado disso, tínhamos dois trematóides para identificar, não corados, dois nematóides que vinham em formol, dois protozoários, dois carrapatos e dois flebótomos. Bom, o que fizeram o Clemente e o Flávio? Chega lá: "Olha, vocês têm que fazer isto e aquilo". Pega logo o sapo e mergulha em água cloroformada para anestesiar o sapo. Já começou a contar o tempo, porque o tempo é limitado a quatro horas. Começou a contar o tempo e o sapo custa para morrer em água cloroformada e fica esperando. Bom, aí é que começa a pedir material: "Traz isto, me traz aquilo". Porque o pedido de material também faz parte da prova. Aí é que eles começaram a pedir o material.

Trazem lá o sapo, mas depois tinha o trematóide para corar e o nematóide para clarear, e não se preocuparam com aquilo. Ficaram lá fazendo autópsia do sapo. Já perderam um tempo enorme na anestesia, depois agora, e isto aqui não tocaram. Depois que terminaram a autópsia é que foram corar o trematóide e clarear o nematoíde. Os dois! Então ficaram com muito pouco tempo para o diagnóstico, propriamente. Resultado: o Flávio errou o diagnóstico de um carrapato - ele que era o maior especialista brasileiro em carrapato na

ocasião-, errou um flebótomos - ele que tinha descrito um flebótomos novo. O Clemente errou um nematóide - ele não podia! E errou também um flebótomos.

Isso eu soube depois do concurso. Agora, o que aconteceu com o Zeferino? Eu chego lá, o Aristides Lopes da Cunha, que fazia parte da banca disse: "Olha, tem esse negócio aqui, você tem que autopsiar este sapo que está vivinho aqui; tem isso aqui, oh, tem que diagnosticar isto, isto, isso e aquilo." Então, eu disse: "Bom, preciso do seguinte material, que eu quero aqui na mesa antes de começar, se não eu não posso fazer prova: "Está bem." E eu comandei a prova. Então, trouxeram corantes para corar os trematóides, ácido acético, fenol...

T.F. - E não contava tempo ainda?

Z.V. - Não! Não estou fazendo prova!
Bisturi, pinças, agulhas, etc. Quando todos estavam na mesa, eu disse: "Podem marcar o tempo que vou começar". Então, pego o sapo com uma agulha e destino a medula. Ganhei pelo menos 15 minutos de o sapo estar lá nadando na água clorofórmada. Pus o sapo na prancheta. Agora peguei os trematóides, fui pondo, seguindo a série para desidratação, coloração, nova desidratação, montagem do nematóide. E eu fazendo autópsia e vendo o relógio. E continuando a autópsia. Só que, quando eu ia dizendo: "Olha esse nematóide aqui, tal, podem tomar nota. Esse nematóide é isso, etc. Tem protozoários assim, assim, assim no intestino grosso e tal. Tem um bilário aqui..."

Quando terminei a autópsia do sapo, já estava tudo prontinho para pegar o trematóide e pôr no microscó - pio. E agora me sobrou um tempo enorme para aquilo que eu não sabia, que era carrapato e flebótomo. Quer dizer, não sabia na altitude do Flávio da Fonseca - dos outros não -, o Flávio é que era o grande especia lista em carrapatos. Para fazer o diagnóstico eu ti ve controle, recontrole da literatura toda, porque ti- nha pedido a literatura também. Então, quando entre- guei o diagnóstico, eu tinha certeza de que era aqui- lo, podia discutir com a banca ali à vontade.

Terminei. Em três horas e meia estava pronto, meia hora antes. Então, em primeiro lugar não errei nenhum diagnóstico, depois se impressionaram também com a me todologia. E essa metodologia não derivou de outra coisa senão de um homem tranqüilo, de um homem que não anda afobado, que não tem medo de ter ido à banca, ver a banca assim e ter aquela aflição, aquele medo de não ter tempo.

Prova escrita. Essa então foi pior. O Clemente sor- teia o ponto. Ele era letra "C", foi o primeiro que tirou o ponto. Iesodídios - estudo geral, carrapatos! O Flávio era doutor em carrapato. Conhecia a carrapa tologia inteira, porque ele não só tinha descrito o *anbrioma estriatum*, aqui redescrito do cão, como ti - nha feito a transmissão do tifo exantemático por car- rapatos, junto com o Lemos Monteiro aqui. Então, nin guém conhecia melhor do que ele carrapato. Como se comportaram os dois. O Flávio tinha um mundo de car-

rapatos na cabeça. Também em tempo limitado, prova escrita de quatro horas, não podia consultar nada. O Flávio já começa escrevendo e ficou na Morfologia. Ele descreveu os maiores detalhes - aquele pelinho do 4º par de patas do andrioma conxinxinense. Mas ele tinha que descrever não só a morfologia, tinha que escrever a Biologia, tinha que escrever a embriologia, tinha que descrever a patologia geral, as doenças produzidas pelos carrapatos e as doenças / transmitidas pelos carrapatos. Não deu tempo, não é?

R.G. - A banca estava na altura dos concorrentes?

Z.V. - A banca era toda de Manguinhos. Tinha um pessoal do mais alto calibre. E o que fez o Zeferino, que não sabia tanto carrapato? Pega um pedaço de papel e faz um sujo preliminar. Eu perdi 10 minutos fazendo um roteiro, Fiz um calunga, um carrapato icsodídio, outro largagídio, gazídio, pela face ventral, pela face dorsal, todos esses detalhes anatômicos fundamentais. Depois,biologia - ciclo evolutivo de argagídeos, ciclo evolutivo de icsodídios. Depois embriogênese,para explicar porque eles transmitem, por onde transmitem e como transmitem. A Embriologia é fundamental. Problema do revestimento interno do aparelho digestivo, etc. Problema de origem ectodérmica, endodérmica ou mesodérmica.

Bom, doenças transmissíveis, doenças produzidas, doenças transmitidas, e dei tempo para cada uma: dez minutos, 20 minutos, 30 minutos, etc. Eu tinha 355 minutos. Uma vez feito isso, comecei a escrever.

R.G. - ... era a última fase.

T.F. - - O senhor disse selecionou ...

Z.V. - - A banca examinadora. E depois estendeu a Minas Gerais, a Salvador, a Curitiba, a Porto Alegre. Seleciona uma metodologia de concurso; seleciona fatores emocionais: tranqüilidade e método, e não maior conhecimento. E o que importa em ciência é o maior conhecimento. E não só o conhecimento - o conhecimento em si é um instrumento - mas sim como esse conhecimento vale para a produção.

INTERRUPÇÃO

Claro que em igualdade de condições, ou mesmo com certas desvantagens de cultura, quem tivesse uma tranqüilidade de espírito melhor, quem tivesse melhor técnica de comunicação e melhor metodologia, na execução das provas e concursos levava a vantagem que eu levei no meu concurso. E não admito que eu tenha sido superior aos outros. O fato é que fui nomeado professor catedrático, naquele então, de Zoologia Médica e de Parasitologia da Faculdade de Medicina e Veterinária, e tive que implantar esse departamento. Era um departamento. Então, era uma segunda experiência de implantação. Implantara com o Clemente Pereira um laboratório simples no Instituto Biológico.

Quando cheguei no 350 tinha terminado, aproximadamente. Então, tinha cinco minutos para ler, corrigir um erro de concordância, alguma coisa assim que você sempre comete. Toquei todos os pontos fundamentais - porque a banca igno ra a existência do pelo do 4º par de patas do androma co xinxinense, mas se impressiona. Como ele não falou nem sequer na biologia, nas doenças transmissíveis, transmi-tidas? Então, um sujeito que sabia muito mais do que eu, foi muito pior numa prova escrita.

(FINAL DA FITA 1-B)

T.F. - - Essa escola foi criada nesse ano de 35?

Z.V. - - Não, ela foi criada junto com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934. Em 35, então, fez-se o concurso para provimento da cadeira de Zoologia Médica e Parasitologia.

T.F. - - Não teria havido a idéia de alocar esse tipo de atividade na Faculdade de Filosofia?

Z.V. - Não, aí não, porque é aplicada. A Parasitologia é essencialmente Medicina. Medicina é Patologia. A alocação na Faculdade de Filosofia seria uma Zoologia básica, uma Zoologia fundamental.

Mas implantei, então, o departamento de Parasitologia dessa Faculdade de Medicina Veterinária e, ao mesmo tempo, continuei no Instituto Biológico. Quero recordar, nesta oportunidade, uma atitude de um cientista autêntico, como era o Rocha Lima. Porque Clemente e Zeferino ocupavam no Biológico posição idêntica, do ponto de vista hierárquico. Ambos éramos assistentes do Instituto Biológico. Quando ficou definido e claro, para o Rocha Lima, que ia ganhar o concurso - porque ele era do Conselho Universitário e já tinha notícias - ele me emocionou e me comoveu, porque me telefonou na véspera da prova oral, tendo eu ganho todas as outras, como era claro, e me disse: "Olha Zeferino, sei que você ganhou o con

curso, ou há pelo menos todas as probabilidades. Então, queria dizer a você que vou propor que o Clemente seja promovido a chefe de seção do Instituto Biológico." Era o meu companheiro.

Vejam o que é um cientista. Qualquer burocrata de visão estreita teria feito o raciocínio inverso: "Ah, se ganhou o concurso de professor catedrático, então ele é que deve ser promovido aqui no Instituto Biológico à chefe de seção". Mas ele sabia bem as qualidades de ambos, e que nós tínhamos aproximadamente as mesmas condições de conhecimento e de aculturação, porque trabalhávamos juntos, produzíamos juntos, publicávamos juntos dezenas de trabalhos científicos. Então, isso me deu bem a atitude moral de dignidade, propondo que o Clemente fosse promovido à chefe de seção.

Passei, no Biológico, a ser subdordinado do Clemente, o que deu uma enorme e profunda alegria, porque eu sabia que tinha ganho aquele concurso, não porque soubesse mais do que o Clemente, mas porque tinha condições de personalidade psíquica que me ajudaram tremendamente na execução das provas habituais naquele concurso.

E, em 1937, o Getúlio outorgou a Constituição de 37, a chamada "Polaquinha". Foi uma constituição outorgada, elaborada pelo Chico Campos, que era um gênio do Direito, não tenha

dúvida nenhuma. Santiago Dantas e Francisco Campos são as duas figuras que eu respeito como inteligências privilegiadas. A do Chico Campos, sobretudo, porque foi ele, em 1931, que baixou o Decreto nº 31, um Decreto-Lei do Getúlio criando o estatuto das universidades brasileiras. É ainda, a meu ver ... Vejam bem a circunstância - nenhuma vivência universitária no Brasil. Nenhum outro estatuto universitário foi tão liberal, tão aberto, permitindo uma enorme plasticidade como lei substantiva. Uma lei realmente substantiva, que permitia uma variedade de soluções regionais ou que dependiam de condições de regiões brasileiras. E isto foi escrito por ele - sei que foi feito por ele com uma rapidez assustadora - , e considero que, até hoje, é ainda o mais liberal dos estatutos universitários brasileiros, outorgado em plena ditadura, e quando não havia nenhuma vivência de organismo universitário no Brasil. Mas não sei porque que passei para o Chico Campos.

T.F. - - O senhor estava falando que, em 37, foi outorgada a...

Z.V. - - Outorgada a "Polaquinha". E havia um dispositivo proibindo acumulação. Eu acumulava a cátedra de Zoologia Médica e Parasitologia da USP com o Instituto Biológico de São Paulo.

T.F. - - Eu queria lhe fazer uma pergunta aí. Foi um assunto que, a mim, particularmente, interessou - a famosa lei da desacumulação - mas uma curiosidade que me ficou é a seguinte: me

parecia ser uma lei de âmbito federal e não sei se afetou o ambiente de São Paulo, ou seja, porque tanto a Universidade quanto o Biológico eram instituições estaduais que se regiam, portanto, pela constituição estadual. Então não sei. Houve uma transferência dessa lei?

Z.V. - - Não, aí era um dispositivo constitucional aplicado na esfera federal, estadual e municipal.

T.F. - - Em todo o Brasil?

Z.V. - - Em todo o Brasil. Não houve meio de escapar. Tive que optar e optei pela Universidade. Na Universidade comecei o trabalho ....

T.F. - -Como é que isto afetou a comunidade? Quer dizer, no Instituto Biológico. Quem ficou na Universidade, quem ficou no Biológico? Tocou muito o nível de trabalho do Biológico ...?

Z.V. - - Não, do Biológico não. No caso não, porque o Clemente permaneceu, e ele tinha uma criatividade, uma capacidade de formação de discípulos ... E eu não era fundamental. O meu foi o único caso do Instituto Biológico.

T.F. - - O Rocha Lima, por exemplo, ele não exercia cátedra?

Z.V. - - Não, não acumulava. Ele era só o diretor do Instituto Bio lógico, não exercia cátedra nenhuma. O Biológico era uma ins tituição complementar da Universidade, mais para fins de coo peração, de colaboração, etc. Mas, que eu me recorde, fui o único caso do Instituto Biológico. Houve muitos casos de de sacumulação - professores que lecionavam em diferentes facul dades foram obrigados a optar por uma só. Eu me lembro que o Travassos lá no Rio de Janeiro - já estava então no Rio de Janeiro - optou pelo Instituto Oswaldo Cruz, onde ele nasceu. Deixou a Veterinária, onde ele tinha já começado a fazer es cola com o Hugo de Souza Lopes, o Jaime Lins de Almeida,etc, etc. Como sempre, onde ele se localizasse, ele formava esco las e deixava discípulos.

Mas o fato é que implantei um departamento de Parasitologia e comecei o trabalho de investigação científica e de formação de discípulos. Na ocasião foi muito duro, porque eu ganhava mais no Biológico do que na Universidade. Eu ganhava mais como assistente do Instituto Biológico do que como professor catedrático da USP.

T.F. - - Significa que, de repente, seu salário cai até a metade?

Z.V. - Menos da metade. Mas o então diretor da Faculdade, que era Altino Antunes, que está lá, conseguiu com o Armando Sales, que era o interventor, que eu passasse para o regime de dedi cação integral, regime de tempo integral, que já vigia. E

isso foi um dos fatores fundamentais do desenvolvimento científico de São Paulo. Vigia na Faculdade de Medicina de São Paulo, desde 24, para as cadeiras básicas, por imposição da Fundação Rockefeller. A Fundação Rockefeller deu, naquele então, em 24, à Faculdade de Medicina, um milhão de dólares para construir o prédio e laboratórios, impondo como condições que o governo do Sales construísse o Hospital das Clínicas, que houvesse limitação do número de alunos para 80 no máximo. No Rio, naquele então, a Faculdade de Medicina aceitava 300, 400, 500.

Então, era tempo integral e *numerus clausus*. Tempo integral para as cadeiras básicas. E esse tempo integral era muito bem pago, em 24. Representava, mais ou menos, 260% sobre o tempo parcial. Então, atraía cientistas. E o Altino conseguiu que fosse estendido a mim o tempo integral no departamento de Parasitologia. Passei a ganhar mais do que ganhava com os dois acumulados. Pude me dedicar integralmente à produção científica, que eu tocava largamente lá no Biológico, e à formação de discípulos. Formei uma série de discípulos, alguns até já morreram - o Theodoro Leão de Araújo e Laerte Machado Guimarães, duas figuras exponenciais da Medicina Veterinária, foram crias minhas, eu os preparei a ambos, um para doenças infecciosas e parasitárias, e outro para Higiene e Medicina Preventiva. Depois preparei o Décio de Mello Malheiros, que morreu também, infelizmente. O Leal Franco Rocha e uma série de outros que estão em outras universidades.

O Milton Campos, que está aqui até hoje. O Leal Franco Rocha é, seguramente, o mais talentoso. Realmente é uma brilhante cabeça. Mas, enfim, produção científica e formação de discípulos, ativamente.

Atraí para o meu laboratório de Parasitologia, um bioquímico que fazia Microquímica - Microquímica começava naquele então. Essa Química de microelementos, cujas técnicas de detecção eram extremamente difíceis e mal aplicadas. A exemplo: determinação do cálcio no sangue, que são quantidades mínimas e admitindo flutuações muito pequenas; o ferro cérico, as oscilações de ferro cérico, tão importante para o conhecimento dos problemas das anemias; o problema do fósforo, do magnésio ... E um químico, Rubens Salomé Pereira - agrônomo - que trabalhava na indústria animal - tinha desenvolvido uma série de métodos novos usando o   . O era um espectro fotômetro baseado na visão, um método comparativo, não se tinha ainda os métodos eletrônicos que se tem hoje, os fotômetros elétricos e eletrônicos que permitem ... Escapa o coeficiente individual do subjetivismo. Mas o
        era um aparelho bastante preciso da

E ele, na indústria animal onde ele estava, era mal visto, porque era um cientista, vivia no laboratório, na biblioteca, publicava na *Revue de Chimie Biologique* da França, cujo diretor era o Jean Roch, um dos pais da ... Foi reitor de Paris, hoje é doutor *honoris causa* de Campinas. É um dos criadores -

da Bioquímica, e recebia os trabalhos do Rubens Salomé Pereira e publicava. Então, eram trabalhos que mereciam a mais absoluta confiança. E eu estava interessado nos problemas da anemia, da ancilostomose. Eu não era químico, mas já tinha sentido a importância da Bioquímica no trabalho biológico. Importância que já fora percebida pelo Afrânio Amaral, no Instituto Butantã aqui, quando implantou ... Voltando dos Estados Unidos, houve uma crise no Butantã. Ele foi convidado a ser o diretor do Butantã e trouxe uma série de bioquímicos: o Karbuzinski o Slota, o Frankel. Foi quando o Slota descreveu a crotamina, esse componente ácido aminado do veneno da cascavel. E depois, em Ribeirão Preto, o Moura Gonçalves descreveu a crotoxina, já sob a minha direção.

Então, o parasitologista trabalhando com o bioquímico. Ingresso para o Conselho Universitário da USP, primeiro como representante da Congregação, depois como diretor. E daí fiquei 27 anos no Conselho Universitário, e exercendo. Sem falsa modéstia, tinha realmente uma posição de liderança. Durante 27 anos eu, praticamente, era o Presidente da Comissão de Ensino e Regimento. Assisti toda a implantação da Universidade de São Paulo, criação das novas Faculdades, toda a evolução .... Um dia, tenho que escrever esse depoimento. E era considerado como o indivíduo que fazia os reitores da Universidade.

Em 1951, o Conselho Universitário e o governador de então, que era o Lucas Garcez, entenderam que se devia fazer uma nova faculdade de Medicina no Estado de São Paulo - porque havia a Faculdade de Medicina de Pinheiros e havia a Escola Paulista de Medicina. Mas o número de candidatos ao curso médico crescia assustadoramente, e havia uma pressão tremenda para ampliar o número de vagas aqui de Pinheiros.

T.F. - - E muita gente vinda do interior, não é?

Z.V. - - Milhares.

E a pressão para aumentar o número de vagas, porque eram apenas 80, 90 vagas. Mas aumentar o número de vagas é diminuir a qualidade do ensino.

R.G. - - A USP resistia a essa idéia de aumentar o número de vagas?

Z.V. - - Ah sim, claro. Sobretudo a Congregação da Faculdade de Medicina. Ferozmente, não admitiam nunca.

T.F. - - Até hoje?

Z.V. - - Até hoje. E ela mesma preconizou a criação de uma nova Faculdade, integrante da USP no interior. E foi-me apresentado esse desafio de criar uma Faculdade de Medicina no interior.

T.F. - - A idéia foi basicamente da Congregação?

Z.V. - - Da Congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo.

T.F. - - Endossada pelo Lucas Garcez?

Z.V. - - Endossada pelo Conselho Universitário e pelo Governador, que era um grande universitário, o Lucas Nogueira Garcez. Um homem a quem este país deve muito. Muito mais do que vocês podem imaginar, porque foi ele quem fez todo o plano de desenvolvimento energético do Estado de São Paulo, abrangendo Rio Grande, Paraná, Paranapanema, Tietê, Mogi. Tudo isso foi feito em 1948 por Lucas Nogueira Garcez, e desenvolvido esse plano até hoje em continuidade. Daí a razão de nós termos oito ou nove milhões de quilowatts e abundância de energia elétrica para o desenvolvimento industrial.

Eu era muito amigo do Lucas, e o Conselho acreditava em mim. Então me pediram para assumir a responsabilidade. Tinha que escolher onde. Não devia ser perto de São Paulo. Olhando para o mapa de São paulo, vi duas capitais geo-econômicas. Bauru, grande entrocamento ferroviário da Noroeste e Ribeirão Preto. Vou a Bauru, estudo as condições de população e verifico que era uma população ainda de *parvenus*, um pouco preocupada ainda com os próprios problemas pessoais de assegura-se na sobrevivência, de consolidar situações. Uma terra arenosa da Noroeste, que tinha aquelas florestas tropicais

que foram derrubadas. Plantaram café, nos dez primeiros anos deram colheitas abundantes, depois a terra se esgotou. E houve a substituição do café pelo colonião, e a transformação em pecuária bovina.

Vou a Ribeirão Preto e me impressiona, em primeiro lugar, a riqueza da terra, que era roxa. É aquela terra coloidal, que absorve os insumos que você coloca ali de fertilizantes e retém. Portanto, uma terra agradecida. Três metros de profundidade de solo fértil, no mínimo, embaixo uma rocha viva - a terra resulta dessa desagregação da rocha viva. Então, não há erosão em profundidade. Uma cidade já com 110 anos. Uma população otimista, porque a terra infunde otimismo. Água e terra, com aquele verde da clorofila, que é o equivalente da hemoglobina da pessoa corada, que mostra saúde. E aquelas plantas mostrando saúde. Isso infunde otimismo no homem. Então, uma população otimista, uma população que sai à rua, uma quantidade brutal de estudantes em escolas secundárias, um ginásio de primeira qualidade, comparável ao ginásio do Estado aqui. Eram três: o de São Paulo, o de Campinas e o de Ribeirão Preto, que eram os grandes cursos secundários do Brasil, fora o Pedro II do Rio de Janeiro.

T.F. - Nessa altura, provavelmente, já decadente.

Z.V. - Em 1951... Mas ainda estava em bom nível. Ainda tinha o Oiticica, gente desta ...

Mas, na verdade, me impressionou a terra, o otimismo, essa influência telúrica. Eu disse: "É aqui". E tive o atrevimento, em setembro de 1951, no Centro Médico de Ribeirão Preto, então presidido pelo Paulo Gomes Romeu, que me acompanha até hoje... É o vice-reitor de Campinas.

T.F. - - Nós o conhecemos na sua ausência.

Z.V. - - É um sujeito de talento, com cara de songa-monga, mas um homem com visão de estadista. É o que eu chamo de homens contemporâneos do futuro. Quer dizer, o indivíduo com capacidade de prever o que acontece em função de situações atuais, ou que vai acontecer daqui a cinco anos, com um razoável grau de probabilidade. Ele presidia a comissão da cidade, que pleiteava a criação. Optei por Ribeirão Preto, e dei uma primeira entrevista - de atrevido - no Centro Médico à imprensa.

Nessa entrevista eu disse: "Minha gente, vim criar uma faculdade de Medicina. Mas não vim criar uma Faculdade de Medicina qualquer. Vou fazer daqui o melhor centro de educação médica e de pesquisas científicas, no campo da Medicina, do Hemisfério Sul". Eles tomaram nota, ficaram muito contentes e tal, mas sempre me olhando com uma certa desconfiança. Aqui em São Paulo os meus melhores amigos me diziam: "Zeferino você é louco de hospício, vamos internar você. Você vai ser.

interditado. Como é que você que é um líder aqui - e eu era realmente, no Conselho -, que ocupa uma posição de destaque, que está em pleno trabalho científico, de produção, simultaneamente, como é que você pretende criar um grande centro médico a 350 km de São Paulo?" O asfalto ia até Campinas."Como você pretende levar para lá grandes cirurgiões e grandes clínicos? Eles vão deixar as clínicas que eles têm aqui, situações econômicas firmes, de clientela, de situação moral excelente?"

Eles ignoravam o meu segredo, que é um segredo de polichinelo. Sei como se atrai um cientista, aprendi cedo, trabalhando no laboratório do Travassos e no Instituto Biológico nas piores condições. Atrai-se um cientista oferecendo um novo ideal de ciência. E o que eu oferecia era uma revolução completa da educação médica. Por que revolução? Porque naquele então, os físicos tinham criado instrumentos de análise de fenômenos biológicos, altamente sofisticados, que permitiam penetrar no conhecimento profundo do fenômeno biológico, que os químicos utilizaram.

A partir de 35, mais ou menos, a cromatografia, a eletroforese já eram correntes na literatura científica; a espectroscopia, que eu mesmo usava no laboratório, permitindo a detecção de microelementos nas quantidades precisas e, portanto, analisar exatamente que papéis eles representavam. Já sabíamos que o organismo humano ou animal tinha cálcio, fósforo,

potássio, magnésio, ferro, sódio, mas não sabíamos como eles interagiam, em que quantidade, que papeís eles tinham. O antagonismo potássio/sódio era desconhecido, mas a partir de 35 começou a se revelar. O cálcio no sangue admite oscilações extremamente baixas. Qualquer baixa no ... Hoje sabemos que quando começa a baixar o nível do cálcio do soro, a paratieróide mobiliza cálcio do osso e vai mantendo, e se a paratieróide não funciona, ou é extirpada, o indivíduo entra em tetania paratieróidopriva. Começa com contrações crônicas e tônicas dos músculos até contrações tetânicas, por baixa do cálcio no sangue..

Mas isto nós sabíamos que tinha cálcio, mas que papel representava? Que papel representava o potássio e o sódio no equilíbrio entre a célula e o meio ambiente? O equilíbrio de , o equilíbrio de membrana, a diferença de potencial entre elétrico, entre o interior da célula líquido e potássio e o sódio, perifericamente. Conhecimentos esses que permitiram penetrar no mecanismo, por exemplo, da desitração infantil. O problema das infecções intestinais da criança. Admitia-se que era o germe que fazia toxina, que acabava matando a criança por uma toxina que invadia, quando, ao contrário, não é alguma coisa que entra no organismo, porque a diarréia elimina do organismo, por ação dessa contração do intestino, do soro sangüíneo, do sangue sai para a luz intestinal, saem proteínas, sai o soro, sai o sódio, potássio, desequilibra o ácido básico: coma. Era uma lesão

bioquímica muito mais do que toxina. Não havia toxina nenhuma, tanto que você reidrata - a chamada reidratação. O que você está fazendo é inocular sais minerais, estabelecer o equilíbrio, e em 24 horas a criança que estava morta, ou morrendo, está falando, conversando, comendo.

Bom, havia as conquistas da eletrônica, permitindo a ampliação de energias que a gente sabia que existiam no organismo, ou suspeitava, mas não tínhamos instrumentos de detecção.Vem a eletrônica, permite a ampliação dessas formas de energia, a ampliação e o registro. Então a eletrocardiografia, a eletroencefalografia, que acabou demonstrando a existência de seis correntes elétricas, ou oito... E sei lá se tem mais. Os fisiógrafos registram nas condições de vigília, de sono , e se tem qualquer anteparo por um tumor ou coisa que o valha, interrompe a corrente e isso se registra. Pois bem, todas essas conquistas...

As conquistas dos antibióticos e quimioterápicos. Os quimioterápicos e os antibióticos mudaram o quadro da patologia, porque antes deles a prevalência brutal era das doenças infecciosas que matavam. Quantas dezenas de milhares de crianças morreram de diarréias/infantis, ou quantas mulheres morreram de infeccção puerperal; quantos milhões morreram de febre tifóide, de pneumonia, de tuberculose,de sífilis? As doenças venéreas todas tinham uma prevalência tremenda 60% dos consultórios médicos eram sustentados por doenças venéreas:era

gonorréia, era sífilis, granuloma venéreo, cancro mole. Vêm os antibióticos e dominam essas doenças infecciosas e passam, então, a dominar, na patologia. As doenças crônicas, hipertensão, doenças cardiovasculares e doenças do aparelho digestivo, mais de origem psicogênica do que outra coisa, não é? Eram conquistas já.

Pois bem, as conquistas da imunologia, tremendas! Essa revolução não era incorporada à educação médica. O ensino médico continuava essencilamente morfológico estático, baseado numa anatomia que se ensinava em três anos. Havia o culto do cadáver. Então você tinha: o que que lhe dá o cadáver e anatomia patológica cadevérica? Dá o conhecimento de um momento. Mas a Bioquímica me havia permitido penetrar nas transformações químicas que ocorriam em células, através da Histoquímica e da Citoquímica, de que o Lison foi um dos fundadores. Você detecta as transformações que ocorrem no interior de uma célula, ou em micro, fração de micro de uma célula. E as transformações que ocorrem na corrente sangüínea. Esses conhecimentos mudaram completamente o problema da anestesia. Então, a cirurgia pôde dar um passo tremendo, porque você detecta, no decorrer do ato cirúrgico, quais são as deficiências e os excessos que estão ocorrendo no paciente, e você corrige. Então pôde-se prolongar a anestesia por horas e horas, ao invés daquela preocupação de o cirurgião operar rapidamente - o recorde: fazer uma apendicite em dez minutos. Desapareceu isto, porque você hoje pode ter o doente em anes

tesia horas e horas seguidas. E se você pode ter horas e horas seguidas, você pode penetrar na cirurgia do sistema nervoso, você pode penetrar na cirurgia cardíaca.

Mas todas estas conquistas não estavam incorporadas à educacação médica, e eu então fiz uma revolução completa. Porque, primeiro: redução do tempo dedicado à Anatomia de três anos para um ano - aquela Anatomia cadavérica que não constrói nada; ampliação brutal dos programas de Bioquímica, de Fisiologia, de Farmacologia. Quer dizer,os aspectos dinâmicos da vida. O médico lida com o ser vivo, e vida é movimento, vida é transformação química, então você precisa conhecer essas transformações. A Patologia tem que ir para uma Patologia Bioquímica, não ficar só em lesão morfológica, porque antes da lesão morfológica ocorreu uma lesão bioquímica que condicionou uma transformação morfológica.

De outro lado, em todo o mundo a Pediatria, a Obstetrícia e a Ginecologia eram tratadas como especialidades médicas,dadas em três meses, de freqüência não obrigatória. Fiz todo o meu curso de Medicina na Faculdade de Medicina de São Paulo e só fui a duas aulas de Pediatria. Para o exame cheguei na enfermaria, copiei uma ficha lá duma observação clínica de uma diarréia infantil e fui promovido. Na Obstetrícia, nunca assisti a um parto, e saí doutor da Faculdade de Medicina de São Paulo.Assisti parto em boneco. Freqüência não era obrigatória.

Ora, o meu raciocínio é esse: a criança é o ponto fundamen - tal, é a esperança. O adulto já está degenerado, mas a criança precisa ser cuidada, prevenida, e também o organismo que a gera, que é a matriz. Então, em vez de três meses, passei a dar dois anos de Pediatria, dois anos de Obstetrícia e Ginecologia, que também eram separadas. Juntei num departamento. Então, só para dar um exemplo da Pediatria: de três meses para dois anos. O berçário era do obstetra. "Não senhor, o berçário é do pediatra". Com isto, atraí para Ribeirão Preto o maior pediatra do Brasil, que era o Joaquim Woishi - e que até hoje é. O Woiski tinha, em 54, quando fui para lá, a maior clínica pediátrica de São Paulo, a mais rica. Ele fazia, naquele então, 250/300 contos por mês. Ele largou tudo para ir para Ribeirão Preto ganhar 45 contos por mês, em tempo integral. Por que? Porque é um fanático da criança, é um fanático da Pediatria, e eu oferecia um novo ideal.

Martinez era obstetra aqui, farto de fazer parto aqui, largou tudo para ir para lá, porque dei dois anos, e ninguém sai de Ribeirão Preto que não tenha feito 30/40 partos, porque a minha experiência era dolorosa. Formei-me médico, parasitologista já, mas quando fui para o interior estudar doença parasitária, a primeira coisa que me aconteceu foi ser chamado para atender um parto. " E agora João, como é que você se vê?" Felizmente, naquele então, Nosso Senhor resolvia 95% dos casos. Fiquei esperando e deu certo. Mas agora não, agora a mulher não sabe mais parir, e 70% é cesária, esse outro

crime que se está cometendo - não vou entrar nesse detalhe agora.

Mas, enfim, criei o conceito de departamento. Por quê? Clínica Médica. Havia uma cadeira de Semiologia, quatro de Clínica Médica, uma de Terapêutica, uma de doenças infecciosas e parasitárias, uma de radiologia - tudo separado. Juntei tudo em um departamento. Um departamento de Clínica Médica. Como é que você pode separar doença infecciosa da clínica comum? Como é que você separa Semiologia da clínica? O que é a clínica? É exame semiológico, preliminar, que lhe permite fazer um diagnóstico, um prognóstico e um tratamento. Criou-se pela primeira vez neste país o Departamento de Clínica Médica, como se criou o Departamento de Clínica Cirúrgica também. Um departamento só. Como se criou um Departamento de Obstetrícia e Ginecologia. Separar o normal do patológico para mim não tinha sentido. Como se criou um Departamento de Pediatria, com Puericultura, dando *status* de departamento.

E essa posição da Pediatria e da Obstetrícia e Ginecologia, não vão pensar que era aqui só! Em todo o mundo. Em 62, corri todas as grandes faculdades de Medicina dos Estados Unidos e da Europa. Em todas elas, Pediatria tinha um professor adjunto. Não tem professor titular. Obstetrícia, idem. Desconsideração ...! Mas eu introduzi Bioestatística no curso médico. Por quê? Porque havia essas contribuições básicas da Fí

sica, que permitiram quantificar o fenômeno biológico. A introdução do número. Senti que estávamos vivendo nas ciências biológicas, a era galileana da Física. Porque o que fez o Galileu há quatro séculos? Criou instrumentos de medida do fenômeno físico. Antes o fenômeno físico era observado e descrito em função dos sentidos e da capacidade objetiva de elaboração mental do físico. Mas Galileu criou instrumentos de medida do fenômeno físico. Então, a Física passou a ser uma ciência exata. E levamos quatro séculos para que o fenômeno biológico pudesse ser quantificado.

Então, as ciências biológicas, que eram essencialmente descritivas, baseadas em documentos - que é o corte histológico, é o desenho e a fotografia ... O fenômeno biológico passou a ser medido, graças à eletrônica, graças à espectroscopia. Estudar as variações na normalidade e na doença, variações nas mais diversas condições. Esse é um fenômeno que pouca gente percebeu. É o que eu chamo a era galileana das ciências biológicas, pela matematização. Então, as ciências biológicas, que eram essencialmente descritivas, estão assumindo o caráter de ciência exata, ou se aproximando disso. Nunca será, porque o número de parâmetros que interfere... Mas aí você entra com probabilidades, você entra com a Bioestatística. Introduzi Bioestatística por causa de delineamento experimental,e para ir habituando o médico ao raciocínio matemático. Foi introduzido em Ribeirão Preto. Isso em 52. A Me

dicina Preventiva foi introduzida lá, também. Medicina Preventiva por quê? Porque toda a educação médica era feita para preparar o indivíduo para atender doente num consultório, ou num ambulatório, ou num hospital. Então, o médico tinha da doença o conhecimento de um momento, o momento clínico. O que sucedera antes e o que acontecia depois...

T.F. - Não era problema dele.

Z.V. - Não era problema dele.

E tínhamos, então, repito, o conceito da unidade etiológica da doença.

T.F. - O bacilo.

Z.V. - O bacilo de Koch. Agora, como pôde esse bacilo de Koch desencadear o ... Que condições econômico-sociais, que condições de aculturação ...? Vivem quantas pessoas nesse quartinho aqui? Um velho com tuberculose semiclínica desseminando. Onde está a fosse e o poço que servem à mesma família? Que distância tem, para explicar uma série de infecções? Tudo era ignorado, porque a prevenção e a higiene não eram problema do médico. E isto vem desde o período lendário da Medicina. Lembrem-se que o deus da Medicina é Esculápio. Deus. Esculápio teve duas filhas. Higéia e Panacéia. Higéia cuidando da prevenção e Panacéia cuidando do tratamento. E caminharam separadas até 1930.

FINAL DA FITA 2-A

Z.V. - Não é? Disciplinas novas criadas.

R.G. - Estatística... O senhor terminava falando pela Medicina preventiva comparada com a Medicina Clínica.

Z.V. - Medicina preventiva e social, criando um médico com uma outra visão do quadro da Patologia humana, ou da doença que incide sobre o homem, com uma visão dinâmica. Não a estática, de um momento da doença, que é o momento clínico, mas uma visão cinematográfica, uma visão que parte da ... Quando ele recebe o doente no consultório, ele tem que estar pensando em como, que circunstâncias ambientais de todos os tipos contribuíram para que ele apresentasse este quadro clínico, sabido que as condições psicológicos, não só podem determinar, primariamente, uma doença, mas contribuem para modificar, realmente, e nitidamente, o quadro clínico de uma mesma doença.

Por isto, também, se pensou na recuperação funcional. Então, o médico é formado para pensar na prevenção, no tratamento e na recuperação, funcional e psicológica. E eu tinha em mente... A quantidade, por exemplo, de doentes de tuberculose que ficavam dois, três, quatro anos num sanatório, em tratamento, terminavam o tratamento... Tinham no sanatório todas as condições de sobrevida, sem nenhum esforço, mas agora são obrigados a voltar e a cuidar da própria subsistência. Só que agora totalmente despreparados. Às vezes, até fisicamen

te, devendo assumir uma outra profissão, porque foi preciso tirar um pulmão. E perderam o emprego anterior, esqueceram.A recuperação funcional... A recuperação de um cego, de um surdo-mudo. Ensinar um cego a viver, ou um surdo-mudo, para dar-lhe condições de trabalho, de sobrevivência, sem depender de caridade pública.

Mas eu tinha dito que a Medicina lendária começara com Esculápio. Higéia e Panacéia caminhando separadamente, até que se reencontraram. Porque o médico clínico não tinha nenhuma ligação com problema de higiene. A higiene e prevenção eram do Estado, e eram uma outra classe, eram os higienistas que cuidavam da higiene e prevenção. E o médico clínico só tinha um contato com a higiene: era a notificação obrigatória de doença infecciosa. Ele era obrigado. Recebia um paciente,ele era obrigado a notificar. Era o único problema dele. Ele nunca pensou em termos de prevenção e de higiene e, muito menos, de recuperação. E a Medicina moderna tem que preparar um médico com uma outra visão, com uma outra mentalidade. Foi o que se buscou fazer quando criei Ribeirão Preto.

Mas agora isso e, também, como conseqüência, criei pela primeira vez na educação médica a cadeira de Psicologia Médica. O médico lida com pacientes cujo estado de alma se precisa buscar, conhecer e interpretar para que consiga um resultado muito melhor. Sabemos do sucesso de tanto curandeiro, de tan

tas santas dos coqueiros e padres de itambaú na cura de paralisias histéricas, paralisias de origem, puramente, psicogênicas. Pelo impacto emocional daquele santo, daquela coisa, há um estímulo e ele sai andando. Mas isto o médico pode fazer no seu consultório também. Cegueira psicológica! Vocês podem imaginar que existe cegueira de não ver nada, e o globo ocular estar perfeito! E o médico teve que simular uma intervenção cirúrgica com anestesia, com injeção, etc., preparando o paciente! Pois tira a venda e agora está enxergando. Ele passa a ver. As doenças do aparelho digestivo. Hoje sabemos que 90% das doenças do aparelho digestivo - colites, úlceras, vesículas preguiçosas, etc. - são de origem psicogênica.

E o médico não era ensinado. Aprendia psiquiatria, quer dizer, aprendia a internar um alienado que ficava o resto da vida internado. No máximo era um eletrochoque, era insulinoterapia, era aquela coisa. Então, introduzi, como introduzi Genética Médica, que não existia nos cursos médicos. Introduzi, também, pela primeira vez aqui no Brasil, o tempo integral obrigatório para todas as cátedras.

T.F. - - Quer dizer, o próximo passo ao tempo integral das cadeiras básicas?

Z.V. - - Básicas. Mas para as cadeiras clínicas um tempo integral peculiar, um tempo integral chamado geográfico, em que o pro

fessor exerce toda a sua atividade dentro do hospital universitário, mas pode atender clientes particulares em certos dias da semana e em certo número de horas. E isto não é para que ele ganhe mais, é para que ele aprenda uma clínica integral, porque é diferente a maneira como uma doença se manifesta num pobre ou num rico. Até a sarna comum apresenta-se de forma diferente num sujeito que toma banho diariamente com um sabão, e noutro que não. Isso foi criado pela Faculdade de Medicna de Ribeirão Preto. E também estabelecia a investigação científica original, como norma obrigatória de todo o docente.

T.F. - - É o que eu ia perguntar. Quer dizer, pelo que o senhor acaba de falar, a preocupação básica de Ribeirão Preto era com o ensino médico e a formação do novo médico brasileiro.

Z.V. - - Mas em base científica.

T.F. - - Exatamente. Qual é exatamente o papel da ciência nesta ..?

Z.V. - - O papel da ciência, fundamentalmente, é o seguinte. Primeiro, contribuir cientificamente para a busca de soluções para problemas da nosologia específica brasileira. Doenças de Chagas, Xistosomose, Malária, doenças que são características, prevalentemente nossas, e não podemos esperar que as soluções venham de fora. Então, a investigação científica na Faculdade de Medicina, que é a que recebe pacientes de todos

os tipos, tem este como um dos objetivos. O segundo objetivo, de extrema importância, é para a educação do médico, para a formação do médico. Porque para o estudante de Medicina, que vive numa faculdade em que todos os professores estão embarcados num programa de investigação científica, o que é que esse professor está mostrando?

Primeiro, uma insatisfação frente ao conhecimento adquirido. Esta insatisfação frente ao conhecimento adquirido inocula-se no estudante. Não é preciso dar aulas não. O estudante que vive numa escola em que todos estão embarcados em programas de pesquisa científica, o que ele está fazendo nesse programa? Está buscando conhecimento novo, está buscando remover o horizonte do conhecimento. E, então, o estudante, inoculado dessa insatisfação, quando sai da escola continua um estudante por toda a vida.

Isto é decisivo, porque ai do médico ou de qualquer profissional que sai com seu diploma e depois vai exercer a sua prática satisfeito com os conhecimentos que tem, num mundo em contínua evolução de conhecimentos. Buscar inocular no estudante o conceito de que ele é um estudante por toda a vida, que a fase de faculdade foi uma fase formativa e informativa, mas que é insuficiente, que ele tem que continuar sempre insatisfeito. Mas isso só se inocula quando os professores estão embarcados em programa de iniciação científica.

Então, a necessidade da investigação científica, em toda a universidade, tem dois objetivos básicos: primeiro, buscar resolver problemas da comunidade, não esperar que esses problemas recebam solução de fora, porque eles lá fora estão pouco interessados na solução desses problemas. Segundo, do ponto de vista da formação profissional, é formar um profissional insatisfeito, continuamente, frente ao conhecimento já estabelecido, e com espírito crítico frente a esse conhecimento.

T.F. - - Outra pergunta que eu tinha. O senhor falou que teria sido a primeira Faculdade a implantar o sistema de Departamento.

Z.V. - - Certamente.

T.F. - - Onde o senhor se inspirou para essa idéia de Departamento, que era, na estrutura acadêmica brasileira, um corpo estranho, pelo menos naquela época?

Z.V. - - Era, era. Eu me inspirei nas discussões com os meus amigos, grandes médicos, professores insatisfeitos por ver a fragmentação do conhecimento. Você veja. Uma faculdade tem quatro cadeiras de Clínica Médica. O que sucede é que, por via de regra, os quatro têm preferência por ensinar problemas sofisticados de Cardiologia, porque é o chique, é o elegante, em que ele mostra maior cultura. Pouquíssimos ensinam o aparelho digestivo, porque aquilo é meio sujo e tal. Há sempre uns resíduos desagradáveis. Mas as doenças do apare

lho digestivo estão aí. Doenças do pulmão. Chegaram a criar uma cadeira de Pneumologia, porque não se ensinava tuberculose. Aparelho renal pouco se ensinava. Então saía uma formação insuficiente, e todos estavam insatisfeitos. Mas quem tinha que romper com essas cátedras já estabelecidas, qual era o professor que renunciava ao seu imperiozinho de cátedra?

Em Ribeirão Preto, como não tinha nada antes, como eu parti do ponto zero, eu pude fazer a congregação das disciplinas afins em um mesmo Departamento. Mas afora isto, esta criação departamental - que foi lá criada, efetivamente, pela primeira vez - modifiquei e criei, pela primeira vez no Brasil - isso é uma lei de 51, elaborada por mim - a carreira didática. O que acontecia antes é que o catedrático, mandarim, senhor suzerano medieval, tinha direito de vida e de morte espiritual sobre seus assistentes e sobre seus alunos. Quer dizer, ele reprovava ou aprovava quem queria, e ninguém podia discutir.

R.G. - - Inclusive na USP?

Z.V. - - Em toda a parte. Quando o catedrático resolvesse ... Ele era o dono da cátedra, o proprietário. Era a única estrutura medieval persistente no século XX. Os assistentes. Ele nomeava quem queria primeiro assistente, e era muito comum o compadrio e o nepotismo. Quer dizer, o filho do professor formava-se, ou o sobrinho, ou filho de um amigo ou um afilhado.

Ele podia, tranqüilamente, nomear este fulano primeiro assis tente dele e punha para fora os outros. Ele admitia ou demi tia *ad nutum*, a seu total arbítrio e ninguém podia interfe rir. E era indiscutível, estava na lei: os assistentes são admissíveis *ad nutum*. Admitidos e demitidos. Ora, isto cria va situações tremendas de frustrações do indivíduo que esta va como assistente de uma cadeira há 10,15 anos, aspirando um dia à cátedra, e assim de repente: pum! Olho da rua. Não tinha mais nada.

Essa situação eu acabei com ela, pela primeira vez neste país, criando a carreira didática, pela qual ficou estabele cido em lei que o recém-formado só podia ser instrutor, ele só podia passar a assistente quando conquistasse o mestrado. Só podia passar a assistente doutor, quando conquistasse o doutorado. Só podia passar a assistente docente, quando fi zesse docência livre. Depois, a professor adjunto, pelos tra balhos publicados em concurso, e depois professor catedrá tico. Mas essa escala não existia. Existia primeiro assis tente, 2º assistente, 3º assistente, 4º assistente.

T.F. - - Todos faziam.

Z.V. - - Nomeava quem queria. O ingresso e ascenção na carreira era feito em função de trabalhos e títulos conquistados pelo es forço de cada um. E acabou, então, com o nepotismo e com padrio. Sempre ainda persiste um pouco, mas atenuou brutal

mente. Essa foi uma das grandes conquistas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Isto só foi introduzido em 66 pelo Castelo Branco, na legislação Brasileira, a carreira didática.

T.F. - - 15 anos defasados.

Z.V. - - Outro concurso de cátedra, eu já contei a vocês. Suprimi as provas de psitacídio e aquelas dependentes de condições emocionais, e mantive - porque a Constituição dizia: concurso de títulos e provas, duas provas - uma defesa de tese, que é sempre um trabalho científico, o sujeito que é um cientista tem sempre alguma coisa para escrever, e a prova de didática, que o sujeito tem 24 horas para preparar. E a prova de títulos, mas ao invés de dar valores ponderais iguais, passamos a dar à prova de título 50%. As outras, 25% cada uma. Então, o indivíduo que não tem títulos, que é apenas um caçador de concurso, de excelente memória, que podia fazer e ganhar, como aconteceu tantas vezes, é eliminado na prova de títulos, porque não tem o passado. Isto foi introduzido por Ribeirão Preto e depois se estendeu a muitas unidades.

T.F. - - Por essa sistemática de seleção, não se estaria favorecendo a seleção de bons cientistas em detrimento de bons professores?

Z.V. - - Não, porque não há bom professor que não seja um cientis-

ta. Nenhum professor é bom quando não é um cientista, quando não é um pesquisador. Por que? O professor que se limita a transmitir conhecimentos, ele não sendo um pesquisador, que conhecimentos que ele transmite? Conhecimentos que ele leu em livros, certo? Na literatura nacional ou estrangeira. Por melhor que ele seja, na transmissão da cultura, ocorre o mesmo fenômeno que na transmissão da energia elétrica ou térmica. Há sempre perda de energia na transmissão". A energia gerada em Urubupungá, chega aqui com 20/30% de perda. A energia gerada num motor de explosão chega à roda propulsora sempre com 20/30% de perda.

O mesmo sucede na transmissão da energia cultural, nunca um indivíduo consegue transmitir todo o conhecimento que ele leu, e nem tem espírito crítico para selecionar, naquilo que lê, aquilo que realmente importa. Ele só pode fazê-lo, quando ele é, ele mesmo, um pesquisador. Ele adquire espírito crítico para selecionar e para criticar, e mais do que isso, ele gera conhecimento. Então, ele gerando conhecimento, compensa a perda da transmissão. E mais, o exemplo que ele dá de insatisfação frente ao conhecimento adquirido.

Está bem claro: não se pode, não há bom professor, quando o que se busca é formação e não informação, não há bom professor universitário que não seja um gerador de conhecimento. E não é só nas ciências experimentais, mas, também, nas artes. Um criador, um artista criador é um gran-

de professor. Na filosofia, quando o sujeito excogita mental mente uma nova doutrina, novos conceitos, novas interpreta ções; no Direito, o que importa é criatividade.

Então, não ocorre esse risco. O Travassos era um péssimo di data e um grande professor. O Dreyfus é um exemplo brilhan te de um grande cientista e excepcional didata com um capaci dade didática assustadora. Sei porque fui assistente dele, e depois o substitui, mas nunca, em nenhum livro estrangeiro que eu tenha lido, encontrei a exposição da Genética, da Evo lução e Variação com a maneira com que ele fazia, com a cla- reza com que ele fazia. Metia na cabeça de um burro. E ao mesmo tempo, um cientista. Não era um cientista da mesma es tatura de um Travassos, mas ele foi o criador da Genética no Brasil. A Genética do Brasil, a origem, está aqui no Dreyfus e, quando ele morreu, deixou seis grandes centros de Genética, só de discípulos dele. Deixou o de São Paulo que está aí o Pavan, o Brito da Cunha e o Frota Pessoa, uma ca terva de geneticistas de primeira qualidade. Deixou no Rio de Janeiro, deixou na Bahia, com a Cora de Freitas, deixou em Curitiba, deixou no Rio Grande do Sul, Salzano, etc, etc. Deixou no Chile, deixou no Estados Unidos, o Carlson, que é o atual diretor do Departamento de Biologia da Universida- de de Saint Louis, na Washington University.

T.F. - Aí, foi aluno do Dreyfus.

Z.V. - - Foi aluno dele, do Dreyfus.

T.F. - - Que interessante esse detalhe. Mas ele chegou a lecionar nos Estados Unidos?

Z.V. - - Não, o Carlson esteve aqui mandado pela Fundação Rockefeller. Esse homem teve um papel ... Hoje o Brasil é um dos grandes produtores da Genética do mundo, porque depois veio o Brieger, para Piracicaba, Genética Vegetal e completou. Eles se davam muito bem. Então, entendiam-se como grandes cientistas que eram, e se respeitavam. O Dobzansky veio dos Estados Unidos trazido pela Fundação Rockefeller. Abriu a era drosofiliana da Genética. Era drosofiliana que foi, não digo interrompida, mas com uma contribuição decisiva do Pavan, quando descobre a Rincotiara, essa mosca da banana, que tem aqueles cromosssomas gigantescos, com uma quantidade brutal de DNA permitindo, inclusive, o estudo da Biologia molecular, penetrar fundo na Engenharia Genética. Isso é descoberta do Pavan. É a grande contribuição do Pavan. Diz: "Oh,mas foi ao acaso!" O acaso, mas o acaso só favorece quem trabalha e quem tem cabeça para distinguir. Hoje a Rincotiara é usada em todo o mundo. É a Drosóphila do Morgan.

Mas, enfim, fiz essa referência às inovações da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, para explicar por que razão pude atrair para Ribeirão Preto, grandes cientistas que fui buscar em toda a parte. O Moura Gonçalves veio do Rio de Ja

neiro, do Instituto de Biofísica - foi-me cedido pelo Carlinhos Chagas. Começou a trabalhar lá em Ribeirão Preto, num porão de uma casa alugada! Nós não acreditamos em edifícios, acreditamos em homens. Homens, homens, homens! Me dá os homens que eu faço as grandes invenções.

Trouxe o Lison, da Bélgica. O Lison era professor da Universidade de Bruxelas, o criador da Histoquímica. Por que que este homem vem, sai de lá de Bruxelas e vem para uma Faculdade recém-criada, que não tinha nenhum conforto científico, de equipamentos, não tinha tradição, não tinha nada?! Ao contrário, o que o atraiu foi o programa revolucionário. E ele me escreveu: "Quero ir para o Brasil." Porque eu tinha escrito ao Lison pedido a ele que me indicasse um assistente, um livre-docente, e para surpresa minha este homem me escreve dizendo que ele quer vir. Eu escrevi a ele a carta mais antidiplomática - se um sujeito do Itamarati tivesse visto aquela carta ele morria de vergonha!

"Professor Lison, recebi a sua carta com a mais profunda surpresa, oferecendo-se para vir para Ribeirão Preto. Minha surpresa deriva dos seguintes fatos: primeiro, o senhor é um nome universal, criador de uma ciência nova; 2º, o senhor é um homem economicamente independente, não depende de vencimentos, de ordenado - ele é um milionário; 3º, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto é recém-criada, não temos conforto nenhum para lhe oferecer, não temos tradição, nada!

Então, o sr. vai me perdoar, mas quero saber porque o sr. quer vir para o Brasil."

Vocês já viram que topete?! O tipo da pergunta indiscreta, não é? "Por que que você quer vir para o Brasil?" A esmola era tão grande... E ele me respondeu imediatamente, gostando muito da franqueza. Dizia ele: "O sr. deve ser um homem de ciência querendo saber os porquês das coisas e eu vou tentar responder. Primeiro: tenho 42 anos de idade e pertenço a uma geração que viveu na Bélgica duas guerras. Invadido por alemães e por franceses, de ida e de volta, sem termos nada que ver com o assunto: 2º, tenho um filho de 16 anos, para o qual não desejo a mesma perspectiva de vida; 3º: conheço o Brasil mais do que o sr. possa imaginar. Sei que é um país de um povo bom que não pensa em guerra, tem muito para conquistar-se; 4º: o seu plano de educação médica é uma revolução médica. Aqui na Europa é completamente impossível adotá-lo, porque há um apelo a uma tradição morfológica cadavérica que ninguém alui, e o sr. rompe com essa estrutura morfológica estática. A sua reforma coincide exatamente com as minhas idéias, de sorte que, se essa explicação lhe interessa e o satisfaz, eu vou para o Brasil."

Passei um western urgente: "Venha." Dali há um mês e meio esse homem me aparece na alfândega de Santos com quatro ou cinco toneladas de bagagem. Porque ele veio de mala e cuia. Ele trouxe todos os móveis, móveis clássicos: sala de jantar

Napoleão, mas não é estilo Napoleão, é Napoleão mesmo! Sala de visita é Luiz XVI, é Luiz XVI mesmo! Chinoiserie, uma quantidade de vasos e de pratos e louças , tapetes orientais de todos os cantos - ele é um colecionador. Uma harpa do século XVI - uma beleza. Cristais de todos os gêneros, e trouxe equipamento, também, que ele mesmo construíra! E olha agora o meu trabalho para desembaraçar essa mercadoria presa na alfândega de Santos. Vai convencer que não é um contrabandista!

T.F. - - Pois é!

Z.V. - - Mas era o Horácio Lafer o Ministro da Fazenda. É meu amigo. E eu fui ao Rio. Eu disse: "Lafer, olha aqui este camarada! Lucien Alfonse Joseph Lison. Olha o que diz aqui o livro do Gomore sobre ... A introdução do livro do Gomore de histoquímica: "O professor Lucien Lison pelas contribuições que fez, novas, etc., etc., etc.,etc.," dizia isto e aquilo." Largamente merece ser chamado o fundador da Histoquímica. "Ele disse: "Mas você trouxe esse camarada para cá?" Eu disse: "Sim senhor, está aqui, está no Brasil, e não pode entrar porque veio de mala e cuia, mas não deixam entrar a mala e a cuia dele. Por isto ... Olha aqui, oh, ele é um homem rico como você. Você não é um milionário? Olha aqui, olha aqui os *trem* dele." Ele disse: "Mas que beleza, hem?" - É uma beleza mas, e agora, lá na alfândega não querem deixar ele entrar." - Ah, é só isso? Não tem problema."

Bom, veio o Láger da Sorbone. Não sou pobre orgulhoso não, quando peço, peço logo presente caro. Depois foi substituído pelo Miguel Covianca, até hoje está lá, cria do Houssay, do Houssay que não saía, depois, de Ribeirão Preto. Trouxe o Keberly, o grande patologista de Viena, indicado pelo Rocha Lima. O Maurício Rocha e Silva, que tinha perdido concurso aqui em São Paulo. "Não tem dúvida, vai para lá." Eu conhecia o Maurício, trabalhava comigo no Biológico, já tinha descoberto a Bradicinina. Tinha aberto aquele capítulo dos polipépteis e dos hormônios, que não estão concentrados em um órgão, em uma glândula. Hormônios fabricados por todo o organismo. Ora, se eu tinha grandes cientistas assim, imediatamente, ela começou a ser focalizada, e eu tinha autoridade moral para ir ao governo e pedir recursos. "Olha os homens que eu tenho aqui." É claro, o Lucas nunca me negou.

R.G. - - Governo Federal e Estadual?

Z.V. - - Estadual. Só o estadual.

R.G. - - E o Federal?

Z.V. - - Nada.

R.G. - - Mas houve alguma tentativa?

Z.V. - - Como?

R.G. - - Alguma tentativa por parte do senhor?

Z.V. - - Não, filho, eles não davam nem bom-dia. Naquele então, mas

nem bom-dia, que era para não habituar a dar qualquer coisa. Posso lhe afirmar. Esse negócio do Governo Federal é agora com a FINEP, com a Secretaria de Tecnologia Industrial. Naquele tempo não tinha nada disso não, só tive foi tropeços , inclusive para o Conselho Nacional de Educação me reconhecer isto. Levei esse plano novo para o Jurandir Loddi, que era o ditador da educação superior. O Jurandir Loddi disse: "Ah, não pode!" - Mas não pode por quê?" - "Ah não, tem que obedecer o padrão da Faculdade Nacional do Rio de Janeiro."- "Por que eu tenho que obedecer esse padrão obsoleto de 50 anos?" - "Ah, porque está escrito no estatuto que é a escola padrão de educação médica no Brasil."

"Se está escrito é no estatuto dela, mas não está escrito na Lei Chico Campos, naquele Decreto-lei. E aquele é que vige. Aquele estabelece as disciplinas mas não me proíbe de criar novas, e nem determina que tempo eu deva dedicar a cada disciplina, se mais ou menos, que ênfases eu devo dar. E nem me impede de criar novas. E o que eu fiz está aí, é só isso. Foi reduzir umas, criar outras, congregar em departamento , não fala em cátedras." Veja como fora bem feito o estatuto do Chico Campos.

Ele disse: "É, mas o Conselho Nacional não reconhece. "Eu digo: "Bom, mas se o Conselho Nacional não reconhece, eu vou à Justiça. "Nessa base ele começou a estudar melhor. Aí eu fui a alguns conselheiros do Conselho Nacional de Educação e eles acabaram aprovando. Houve alguns votos contra e tal,mas

eu estava me importando pouco e ... Com esta estrutura e com esta gente nas ciências básicas, é claro, quando eu ia oferecendo a Pediatria, a Obstetrícia e Ginecologia, com outras perspectivas, então eu pude atrair um clínico da estatura do Hélio Lourenço de Oliveira que é uma grande figura da clínica médica, um cirurgião da estatura do Rui Ferreira Santos, que é um autêntico cirurgião, não é um operador. É um *scholar*. É um sujeito que tem um *back ground* de Bioestatística, de Bioquímica, cirurgião, cirurgião de uma habilidade tremenda, um grande clínico conhecendo muito bem Filosofia, e conhecendo Música muito bem. *Scholar* autêntico. Falando inglês correntamente, francês correntemente, alemão correntemente. Esse é o cirurgião que eu levei para lá.

O Woiski que foi para a Pediatria, atraído pelos dois anos de Pediatria e Berçário, largou tudo, largou uma fortuna aqui em São Paulo. O Martinez foi para Ginecologia Obstetrícia. Figueiredo para Neurologia. Na cadeira de Medicina Preventiva peguei o Pedreira de Freitas que foi o 1º professor de Medicina Preventiva no Brasil e que implantou uma Medicina preventiva, efetivamente, funcionante.

R.G. - - Aqui no Estado de São Paulo?

Z.V. - - No Brasil. Não existia Medicina preventiva.

R.G. - - Sim, mas ele implantou aqui, no Estado de São Paulo?

Z.V. - - Não, na Faculdade de Ribeirão Preto. Na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Estou mostrando em que ela inovou e porque pôde atrair grandes personalidades, porque diziam que eu não conseguiria levar para lá, e ela rapidamente se projetou de tal forma que a Associação Médica Brasileira, cujo 1º presidente foi o Hilton Rocha - não sei se vocês conhecem, é o grande oftalmologista de Belo Horizonte, figura espetacular de homem.

T.F. - - Me tratei com ele.

Z.V. - - Você conhece bem esse homem? Uma dignidade integral. Ele era o presidente da Associação Médica Brasileira, e o 1º Congresso da Associação Médica Brasileira, e o 1º Congresso da Associação Médica Brasileira, o tema era "Educação Médica" e ele resolveu fazer em Ribeirão Preto, que estava no 4º ano de funcionamento. Por quê? São palavras dele, eu vou ler para vocês. "Os médicos no Brasil sabem-no e, principalmente, sentem e reconhecem que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi uma espécie de clarinada, que reuniu céleres todos os que, cogitando da melhoria do ensino médico nacional, viram a possibilidade de se concretizarem os seus projetos, as suas convicções e o seu ideal. Serviu de padrão e de exemplo, mostrou o exeqüível daquilo que muitos ainda julgam devaneio. Temos pois, para com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, uma dívida de gratidão."

"Isso ele escreveu no jornal da Associação Médica Brasileira para justificar a escolha da mais jovem faculdade de Medici-na, para ser a sede do 1º Congresso da Associação Médica Bra-sileira. Então vocês podem ver o que ela significou no pano-rama da educação médica. Mas eu insisto: não é apenas nacio-nal, é também internacional, e a prova está aqui. Fundação Rockefeller no relatório de 59, relatório da Fundação Rocke-feller publicado nos Estados Unidos. Em oito anos, desde a sua fundação, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade do Estado de São Paulo, tornou-se um centro na-cional e internacional para médicos, professores e cientis-tas. Antes o Dean Rusky a visitou, era o presidente da Funda-ção Rockefeller. Era a 1a. vez que um presidente da Fundação Rockefeller vinha à América Latina, ainda que ela viesse con-tribuindo para a educação médica desde 1913 ou 14. Mas mais decisivamente em 24. Mas nunca um presidente tinha vindo. Dean Rusky que depois foi secretário de Estado, passou lá conosco três dias, passou três dias em Ribeirão Preto e um dia em São Paulo, e me deu um milhão de dólares.

T.F. - - A figura do Harry Miller tem...?

Z.V. - - Papel decisivo.

T.F. - - O sr. poderia falar ...

Z.V. - - Harry Miller e Robert Brist Watson. Harry Miller - a per-

gunta é absolutamente pertinente e me permite extravasar gratidão a dois homens que contribuiram decisivamente para o desenvolvimento da educação médica e das ciências Biológicas em geral: Zoologia, Botânica, Agronomia, Veterinária, Genética. O Harry Miller, durante muitos anos, era um homem que nos visitava regularmente, entrevistando cada um, sentindo o jovem, dando bolsa. Mas vejam bem: a Fundação Rockefeller teve sempre um comportamento de alta dignidade, porque quando ela dava uma bolsa, ela impunha duas condições, depois de selecionar o indivíduo. Primeiro, que a instituição onde ele trabalhava o recebesse de volta, lhe garantisse o emprego; 2º, que ele, bolsista, assinasse um compromisso formal de voltar à instituição. Não podia ficar nos Estados Unidos, tinha que voltar à instituição. Oferecia a bolsa, o indivíduo passava lá 2/3 anos, conforme o caso e, quando voltava, a Fundação Rockefeller dava-lhe os equipamentos necessários para que ele continuasse a linha de pesquisa que ele vinha desenvolvendo.

Esta Instituição, realmente, eu lhes falo como um autêntico brasileiro, foi a única que agiu de maneira decente, não espoliou cérebros, porque os Estados Unidos desenvolveram uma tremenda política de espoliação. Nós gastando um dinheiro surdo na formação de indivíduos, de talentos, manda para lá e eles, pumba! Já pegam o indivíduo formado. Veja que economia tremenda para eles. E assim eles fixaram centenas. Eu consegui trazer de volta, agora, com a UNICAMP, cerca de

180 brasileiros que estavam nos Estados Unidos, na Europa. Mas da Fundação Rockefeller, o cientista tinha que voltar. E ai daquele que não voltasse, ficava marcado para o resto da vida, mas se ele voltasse e tivesse um comportamento que progredisse, ficava sempre sob o égide da Fundação e sempre recebendo novos auxílios. Uma volta para a reciclagem, os equipamentos de que ele precisasse.

Tão digna foi a Fundação Rockefeller, que me lembro como hoje, quando o Dean Ruski esteve aqui. Passou três dias em Ribeirão, passou um dia em São Paulo, esteve na Faculdade de Filosofia com o grupo do Pavan e, nesse dia, ele encontrou tempo para ir fazer uma visita a um brasileiro que foi o 1º bolsista da Fundação Rockefeller, Ernesto de Souza Campos, já velho, aposentado com 70 e tantos anos. Ele foi pagar uma visita ao Souza Campos porque fora bolsista da Fundação e tivera sempre um comportamento digno, correspondera àquela bolsa. Era o Presidente da Fundação que ia pagar uma visita. Isto é dignidade, isto é *finesse*, é refinamento da educação, da decência, da dignidade.

E o Harry Miller foi decisivo nisto, ele ajudou centenas e centenas de jovens brasileiros, e depois dele o Robert Brist Watson que passou a residir no Rio de Janeiro e virou um brasileiro 100%, amante do Brasil. Conhecendo a música folclórica, conhecendo o Brasil melhor que nós. Os filhos criaram um problema: se viciaram no feijão e arroz e, depois, quan.

do ele voltou para os Estados Unidos, queriam comer feijão e arroz, e olha o problema dele. Este é outro homem que merece gratidão. E merece por quê? Porque a educação médica no Brasil, ao contrário do que dizem muitos espoletas que passam dois anos nos Estados Unidos e voltam de lá cheios de si mesmo e pontificando que a educação médica no Brasil não vale nada. Isso é uma mentira deslavada, a educação médica no Brasil, em umas 15 ou 20 Faculdades , é de muito melhor padrão do que o ensino médico europeu, que eu conheço. Por quê? Por causa da limitação...

FINAL DA FITA 2-B

R.G. - - ... recuperar essa parte. Falamos sobre a quantidade de alunos e a qualidade do ensino de Ribeirão.

T.F. - - No caso de Ribeirão, em quanto o sr. fixou o número de alunos?

Z.V. - - Inicialmente foi fixado em 50.

T.F. - - 50.

Z.V. - - No comecinho, porque tínhamos condições muito precárias de edifícios e instalações. Agora são 90.

T.F. - - 90.

Z.V. - - 90, porque hoje as condições são outras de edifícios, de hospitais, de equipamentos. Mas cada professor tem sete,oito, nove assistentes. Então, uma turma de 90 dividida por sete, oito, nove assistentes, estás a ver que o ensino é quase individual. Todos os estudantes fazem suas próprias experiências. Eles não assistem demonstrações de um professor que fica todo mundo espiando e vendo. Não sr., eles realizam as experiências. E assim em todas as boas faculdades do Brasil. E é claro que nós temos algumas que não são de tão bom nível, mas para as necessidades brasileiras, de um país que precisa de médicos em quantidade, é evidente ...

A limitação do número de alunos é um dos segredos - fundamentais da excelente qualidade de ensino médico em 10 ou 15 Faculdades de Medicina no Brasil e de um ensino médico aceitável, mesmo nas faculdades mais precárias, porque, apesar de precárias, como o número de alunos é limitado, o aprendizado é seguramente melhor do que nessas faculdades européias ou sul-americanas que recebem mais de mil estudantes, o que não têm condições de aprender mesmo com os grandes professores, e nem condições de freqüência hospitalar que lhes dê aquela experiência e a vivência que lhes permita fazer uma clínica razoável. E nas condições do Brasil, em que precisamos de médicos ...

Em primeiro lugar, não posso aceitar que aqui o ensino médico seja péssimo, de forma nenhuma. falo com autoridade de quem visitou todas as grandes faculdades da Europa, todas com o número praticamente ilimitado de alunos - mil, dois mil, como em Roma, em que as condições de ensino são extremamente precárias. Conheci estudantes de Medicina que, no sexto ano, jamais tinham visto um doente. Depois de formados é que eles vão fazer dois anos de estágio num hospital de província para começar aprender alguma coisa. No mais é só lições teóricas...

T.F. - - O sr. não acha que, talvez, este ensino seria, para um país como o Brasil de recursos escassos, um ensino caro?

Z.V. - - Não. O ensino médico é obrigatoriamente caro. E a limita

ção do número de alunos se impõem, porque admitir abrir as portas da Faculdade de Medicina para quem queira é um erro grosseiro, que contraria o direito natural. Porque não somos nós que somos elitistas, é a natureza que é elitista, é a loteria genética. Eu, por exemplo, adoraria ter talento para tocar piano, mas apesar de ter aprendido piano jamais consegui passar do Schimol. Então, não tive outro remédio senão me interessar pela ciência, que me permite ter instrumentos que eu posso usar sem ter talento inato, mas dependendo da minha vontade, da minha determinação. Então, da mesma sorte a loteria genética condiciona a que certos indivíduos tenham capacidade e outros não tenham para serem médicos.

Não podem abrir as portas indiscriminadamente para formar, ou frustrados ou indivíduos incapazes. A saúde do homem é algo muito sério. O primeiro direito do homem é o direito a saúde muito mais do que a educação. Primeiro sobreviver. E o médico deve estar razoavelmente preparado. E o ensino médico é caro mesmo. Nós temos 70 e poucas Faculdades de Medicina, hoje, no Brasil. Pois bem, o número de alunos e de médicos que formam 70 e poucas faculdades é muito inferior a apenas quatro faculdades de Medicina da Argentina - Buenos Aires, La Plata, Rosário e Tucuman. Porque admitem dois, três mil alunos por turma. Que qualidade de ensino se ministra?

Resolver, o problema do número de médicos ampliando as matrículas e deixando entrar todo mundo é como resolver o proble

ma de falta de leite pondo água no leite. Ah, está faltando leite para a população? Então põe água no leite: então distribui um leite paupérrimo. Eu então defendo esta limitação e devo dizer que esta limitação foi condicionada pela Fundação Rockefeller quando fez a primeira doação à Faculdade de Medicina de São Paulo, de um milhão de dólares. Foi pela primeira vez que vi o mineiro perder do paulista, porque primeiro foi oferecido a Minas e eles não aceitaram, por causa da limitação. E a Faculdade de Medicina de São Paulo aceitou.

T.F. - - Isso em 24?

Z.V. - - Em 24. E daí a liderança inconteste que São Paulo assumiu em matéria de educação médica, por causa dessa limitação do número de alunos, tempo integral nas cadeiras básicas, estabelecendo um critério científico e de pesquisa científica que se estendeu depois às clínicas. Essa atitude depois se estendeu aos professores de clínica.

R.G. - - O sr. falava de Robert Watson.

Z.V. - - Ah, de Robert Watson, que sucedeu Harry Miller na direção da Fundação Rockefeller no Brasil e que teve um papel semelhante. Apenas o Watson viveu aqui no Brasil, porque ele representava a Fundação Rockefeller para toda América do Sul, mas a sede era no Rio de Janeiro. Então, ele estava sempre

conosco e conhecia em profundidade as nossas condições e,não só continuou o trabalho do Harry Miller, como o ampliou também, em larga escala, oferecendo condições extremamente favoráveis ao desenvolvimento, não apenas da Medicina, mas de todas as ciências biológicas, sobretudo da Agricultura, porque se passou a prestigiar o Instituto Agronômico de Campinas, a Faculdade de Medicina Veterinária, a Luiz de Queiroz, e assim por diante.

Isso deu um impulso, realmente, muito grande às Ciências Biológicas, sempre com os mesmos critérios de seleção por entrevistas longas com o Watson e com Harry Miller, e com obrigatoriedade de volta à instituição primitiva. E sempre oferecendo equipamentos para que os meninos continuassem as investigações que tinham iniciado. Então, creio que já manifestei o quanto foi importante esta ... Nenhuma outra Fundação americana teve um papel sequer aproximado.

T.F. - - Quanto tempo o sr. ficou como diretor lá da Escola?

Z.V. - - Em Ribeirão Preto?

T.F. - - É.

Z.V. - - 12 anos. Ao cabo de 12 anos eu tinha a instituição estabelecida solidamente, com um corpo docente de altíssimo nível, com uma produção científica enorme, com projeção internacional, com uma quantidade de trabalhos publicados em todas as

revistas científicas sérias americanas, inglesas, alemães , francesas, etc. Tinha a parte física de edifícios e de equipamentos e instrumentos; tinha o hospital; tinha residência dos estudantes; tinha a parte esportiva pronta, com campo de esportes, um lago maravilhoso, com mais de mil metros de comprimento, com praia - então podia-se fazer remo, natação,etc. e aí eu senti que ela havia alcançando a maioridade, a maioridade científica e física sadia. Então, busquei agir como um pai que era, pai que quando tem um filho que alcança a maioridade e que se casa e tem filhos, não pode continuar sob a égide paterna, sob pena de despersonalizar-se. Ele tem que encontrar em si os fatores de autodeterminação.

Então, renunciei ao cargo de diretor, porque naquele então não havia tempo limitado - podia ser reeleito e eu era reeleito a cada quatro anos. Não queriam que eu saísse, mas fiz questão absoluta, porque, amando aquela filha, eu queria que ela realmente não continuasse sob a dependência de um pai que acaba por vezes esterilizando o filho, despersonalizando-o. Renunciei e escrevi no discurso de despedida o quanto eu sentia, do ponto de vista afetivo, deixar a filha que eu criara, que me dera muitos trabalhos, vencendo lutas tremendas, porque vocês não fazem a menor idéia das tentativas da mediocridade de destruir aquilo ...

R.G. - - O sr. poderia falar um pouco sobre isso?

Ż.V. - - Ah, falo! Não tenha dúvida, vou falar sobre isto. Mas,como pai que realmente amava, que queria que ela encontrasse em si a capacidade de autodeterminação, uma vez que tinha uma Congregação de cientistas. Mas alertava para um ponto: deixo-a quando forças externas não podem mais destruí-la.Até o momento em que forças externas podiam contribuir para destruí-la eu estive a frente da luta, buscando descarregar para mim as agressividades. Mas agora estava tão solidamente estruturada que ninguém mais podia destruí-la por fora. Mas eu alertava para o perigo da contaminação endógena, no dia que começasse à admitir o medíocre, o rotineiro e o invejoso. Rotina, inveja e mediocridade são três forças destrutivas que se unem com uma invejável solidariedade para destruir ou impedir o progresso das forças do talento, do ideal e da insatisfação, que são as forças que constroem. O talento pela capacidade, o ideal pelo coração e a insatisfação para remover o horizonte do conhecimento.

O escudo de Ribeirão é aquela águia que carrega numa pata o caduceu da Medicina e na outra a espada do Apóstolo São Paulo, que é o símbolo de difusão de cultura. A águia é o símbolo da visão alta, ampla, que é a visão de cima, de cinco mil metros, que abrange uma larga superfície mas não perde o detalhe, ela desce num pique para pegar um carneirinho que esta lá embaixo; a visão angular ampla sem perda da minúcia do detalhe é o escudo de Ribeirão. E o dístico é "*Scientia terminus ad moverem*", quer dizer, " A Ciência Remove o Horizonte", remove o fim.

E acredito que eles têm buscado aceitar este conselho que deixei. Porque eu dizia que no dia em que vocês permitirem que o medíocre e o rotineiro entrem nesta faculdade, ela vai começar a autodestruição. Sei que isso é assim porque conheço a patologia das instituições científicas brasileiras. Sei que foi assim que Manguinhos, daquele auge, começou a degradar; sei que foi assim que o Butantã começou a degradar; e foi assim que o Biológico também decaiu bastante, porque não houve rigor no critério de seleção daqueles que entraram. O problema é que o invejoso muitas vezes tem talento, mas ele sofre com o progresso dos outros e impede. Então, para isto, ele se une com o medíocre e com o rotineiro.

Quando comecei a faculdade, ela era vista assim, até com um certo paternalismo, "a Escolinha do Zeferino", todo mundo via assim com simpatia a "Escolinha do Zeferino". E eu fui trabalhando silenciosamente e contratando esses grandes mestres. No dia em que o Dean Rusky foi direto a Ribeirão Preto, sem passar por São Paulo, passou lá três dias conosco, e me deu um milhão de dólares, foi um estouro de boiada. Começou uma luta tremenda contra o Zeferino, no sentido de tirá-lo da direção por todos os meios e modos. Luta sórdida, que eu enfrentei porque não havia pedido o cargo - ele me fora imposto praticamente. Eu não podia comodamente fugir à luta, o que seria muito confortável para mim, porque muitos dos que vieram, vieram confiados no meu passado e no meu nome. Abandoná-los agora seria covardia, e eu não tenho espíri

to de fugir à luta. Enfrentei com o apoio integral de toda a faculdade, corpo docente e discente, de toda a comunidade da região, não só de Ribeirão Preto mas como de toda a região. E foi de tal sorte a pressão psicológica ambiental que não puderam me tirar, estava tudo combinadinho direitinho para que eu não fosse reconduzido ao cargo de diretor.

R.G. - - Isto depois de quatro anos ou de oito anos?

Z.V. - - Isto foi depois de oito anos. Esse mesmo tipo de luta eu tive depois em Campinas, nas mesmas circunstâncias, no dia em que ela começou a se projetar ... A inveja!

R.G. - - Se o sr. pudesse detalhar um pouco mais essa crise dos oito anos ...

Z.V. - - Essa crise se revelou assim. Eu terminara um dos mandatos e eu era reeleito pelo Conselho Universitário - Conselho que eu dominava - , mas havia que indicar uma lista tríplice e eu punha sempre dois companheiros - um era Dorival Fonseca Ribeiro e o outro era Edgard do Amaral. Figuravam na lista tríplice mais para constar, porque todos queriam que eu continuasse. Numa das últimas vezes ...

R.G. - - Uma dúvida. Isto foi 1959 ou 1958?

Z.V. - - 1958 mais ou menos. Não tenho datas precisas aqui. Se vo

cês quiserem depois eu dou os números precisos. Numa das eleições alguém me pediu: "Olha, vamos por o Junqueira - que é esse cientista aí da Faculdade de Medicina, excelente - na lista tríplice." E eu não tive dúvida nenhuma. Pedi aos outros conselheiros, porque ele votavam em quem eu queria, a verdade é esta. "Põe o Luiz Junqueira e tal, não há inconveniente nenhum". Acontece que o Ulhoa Cintra, que era o reitor da Universidade, não gostava da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, porque ela passou a fazer sombra à Faculdade de Medicina de São Paulo, que era a faculdade padrão. Há aquela coisa, e que dormiu sobre os louros e não fez essa revolução que eu fiz na educação médica. E então o reitor .... Era governador o Carvalho Pinto.

Venceu o meu mandato e ele não nomeou o diretor. Então, ficou claro que ele não queria que eu voltasse. O reitor que tinha que dar ao Carvalho Pinto para nomear. E naquele tempo era o governador quem nomeava. Hoje, é o reitor quem faz a nomeação de diretor. Então, o Bechelli, que era o vice-diretor de Ribeirão, assumiu. Aí, quando a população de Ribeirão percebeu o negócio, e a Faculdade de Medicina, fizeram uma manifestação monstro de apoio. E todas as classes dentro da classe médica, todas as profissões liberais, todas, sindicatos operários - eu me lembro do telegrama do sindicato dos vassoureiros - prefeitos de toda a região telegrafando ao Carvalho Pinto, governador do Estado, estranhando que não nomeasse o professor Zeferino. O Carvalho Pinto gostava muito

de mim, porque ele era munheca de porco assado, unha-de-vaca e eu tinha arranjado um milhão de dólares da Rockefeller e ele achou aquilo um colosso. Era uma economia tremenda para o Estado.

Mas o Ulhoa Cintra que fez? Embarcou para os Estados Unidos. Fizeram aqui na reitoria uma tentativa de me envolver numa irregularidade de prestação de contas, perdendo o processo - o processo de prestação de contas de adiantamento, que a gente apresentava e depois vem aquela seção de tomada de contas e sempre faz umas glosas - e mandaram o processo para Ribeirão Preto para eu informar sobre aquelas glosas. Perdeu-se esse processo. Saiu da reitoria mas não veio às minhas mãos. Então, começou a onda de boatos, o zum zum zum, chefiado pela Rosaura Escobar, que nós chamávamos de "Reitaura" que era chefe do gabinete do Cintra, uma mulher de uma eficiência incrível. Não sei se vocês chegaram a conhecer a Rosaura Escobar. O apelido dela era "Reitaura", os outros diretores despachavam com ela e eu não, nunca dei pelota. Ela era esquerda rasgada, chefiava os sovietezinhos da Universidade, como o Fernando Henrique Cardoso, Mario Schemberg, etc, e não gostavam de mim porque eu era desbocado, dizia as verdades, e começaram a espalhar o boato de que eu devia uma prestação de contas irregulares.

Quando eu soube do negócio, fiquei revoltado e consegui re

constituir o processo integral, porque a minha sorte, quando eu mandei o processo de prestação de contas, é que ele passou primeiro pelo patrimônio da Universidade, e eles registraram na ficha tudo aquilo que era bem patrimonial, e na ficha dava todas as indicações de todas as compras, de quem comprar e de quem não comprar, etc. Faltavam alguns recibos de nota de gasolina e umas despesinhas de transportes, umas besteirinhas. Eu peguei as fichas da divisão patrimonial da Universidade e fui a firma por firma e tive cópia de todas as faturas, de todos os recibos, um por um. Reconstituí o processo. O Ulhoa Cintra estava nos Estados Unidos e estava na reitoria, como vice-reitor em exercício, o Professor Mafei. Levado lá, foi à seção de tomada de contas, eles verificaram tudo. Estava tudo patrimoniado já, e a parte de despesas diversas era uma porcaria. A seção de tomada de contas deu as contas como boas e aí eu fui ao Mafei. Disse: "Mafei, você sabe o que é isso". Aí o Mafei deu o "aprovo" dele na tomada de contas.

Enquanto isso, eu estava já fora da diretoria e a pressão sobre o Carvalho Pinto: "porque não nomeia?" Inclusive, o presidente da UDN - Vicente de Lima, depois foi ministro do Tribunal de Contas - foi procurar o Carvalho Pinto e dizer: "Olha, Governador, o sr. está me trazendo dificuldades políticas, porque a população de Ribeirão e de toda a região está revoltada porque o sr. não nomeia. O sr. tem alguma coisa contra o professor Zeferino?" "Não, eu não tenho nada. É por -

que o reitor Ulhoa Cintra foi que pediu para esperar que ele voltasse dos Estados Unidos". Aí, o Vicente Paula Lima disse: " Mas como! O reitor é para ajudar não é para lhe criar problemas, e o sr. está criando problemas para si e para o seu governo".

Na Câmara Federal o Waldemar Pessoa levantou-se lá e fez um protesto veemente. A Assembléia Legislativa do Estado... Porque que eu já tinha adquirido... Eu tinha dado um prestígio enorme a uma região que era conhecida pelo café e que passou a ser conhecida no mundo inteiro por uma Faculdade de Medicina. Fiz eu, mudar o ciclo histórico de uma região, do ciclo econômico para o ciclo cultural! Só se falava no mundo em Ribeirão Preto e na Faculdade de Medicina. Aí o Carvalho Pinto sentiu o negócio, chamou o Mafei e disse: "Traz o decreto." E me nomeou diretor da Faculdade de Medicina na ausência do Ulhoa Cintra. E ele ainda estava fora, quando o Secretário Geral, o Júlio Estamato, convocou para a posse. O Cintra não estava. E eu tomei posse, então, perante o Mafei, porque o Júlio Estamato convocou o Conselho. Tomei posse, fui empossado, acabou. Tudo sacrementado.

Quando o Cintra voltou, ficou uma fera. Suspendeu o Júlio Estamato. Deu uma suspensão de oito dias, depois teve que engolir essa suspensão, porque eu fui a ele e disse: "Olha , ou você tira essa suspensão safada, ou então vou ao Conselho da Universidade dizer porquê você suspendeu. "Não, mas não

fui eu, e tal. Afinal de contas, essa pressão de telegramas". "Esses telegramas não foram feitos por mim, foi uma nomeação espontânea da população". Mas por um triz eu não sou tirado de lá, quando ainda não estava completa a obra. Porque, no fundo, o que queriam aqui em São Paulo é que eu fizesse uma filial de São Paulo, para trampolim. Quer dizer, o sujeito chegava aqui, passava lá como livre docente e depois vinha para São Paulo. E eu resolvi fazer uma matriz. "Eu não vou fazer filial, não sou farmacêutico, sou médico, faço a minha receita própria". Mas foi uma campanha tremenda. Vocês não podem fazer idéia.

Outra campanha que sofri foi, antes disso, quando saiu o Garcez. Foi o Jânio Quadros. O Jânio Quadros não me conhecia e não me suportava, porque ele era deputado, quando a Faculdade foi criada, e eu pleiteei aquelas instalações da Escola Prática de Agricultura para a Faculdade de Medicina. Umas instalações maravilhosas. As escolas de Agricultura tinham sido um fracasso total. Todos os que se formavam lá se formavam de *smoking* e não voltavam mais para a lavoura. Ficava tudo empregado em cidade. Era elemento de fuga do campo, e eu demonstrei isso para o Lucas e o Lucas, então, me deu 200 alqueires e aquelas instalações todas. Para vocês terem idéia do que eram aquelas instalações, os galinheiros tinham cinco metros de pé direito em estilo colonial. Instalei ali os laboratórios de clínica médica. As galinhas não enxergavam, não tinham alcance disso. Mas o Jânio era deputado na

ocasião e, para fazer oposição, irrompeu um vasto discurso dizendo que eu estava espoliando a lavoura, patati, patatá.

Quando ele assumiu o governo de São Paulo, sucedendo ao Lucas, ele fez aquela viagem que esses governadores fazem. E em Paris ele foi ciceroneado pelo Carlinhos Chagas, que pode dar o testemunho a vocês do que eu estou dizendo, porque foi ele quem me contou. E o Carlinhos Chagas tinha o cunhado dele que era embaixador, um Melo Franco qualquer e, então, o Carlinhos Chagas perguntou ao Jânio em matéria de Universidade o que ele pretendia, quais eram os planos. E o Jânio disse: " A primeira coisa que vou fazer é fechar a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto". E levou o primeiro tranco, porque aí o Carlinhos Chagas disse: "Então o sr. vai terminar com a melhor experiência de educação universitária hoje vigente no Brasil".

Mas o Jânio não se convenceu. Veio para cá - e tinha ao lado dele o Benedito Siqueira Ferreira, professor da Faculdade de Direito a quem eu, como presidente da comissão de ensino do Conselho Universitário, negara que acumulasse com a cadeira de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas. Então, não me suportava,e vivia ao lado do Jânio, futricando o Jânio. Enchendo os ouvidos do Jânio contra mim. O Jânio, então, tinha uma raiva tremenda. Sucede que o reitor era o Alípio Correia Neto, que eu elegera reitor, com o meu prestígio no Conselho Universitário, que era o presidente do Partido Socia

lista... Um grande cirurgião, um sujeito de alta dignidade, um grande chefe de Escola Cirúrgica. O Alípio é um sujeito extraordinário - está vivo ainda - um sujeito formidável. E eu sabendo que o Jânio vivia falando mal de mim, insinuando, pela imprensa, notícias contra mim, criando um clima psicológico contra mim. Um dia eu redigi um ofício de demissão em caráter irrevogável, pus dentro de um envelope, fui à reitoria e disse: "Alípio, você tem despacho hoje com o Jânio, não tem? "Ele disse: "Tenho sim". - "Você me deixa ir com você, lá?" - "Esta bom, vamos, não tem problemas".

Nós entramos no gabinete do governador, estava o Jânio com os óculos dele assim. Entra o Alípio, ele olha para mim e diz para o Alípio: "Quem é esse senhor?" Eu avancei e disse: "Professor Zeferino Vaz, diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e seu fundador, o homem de quem o sr. fala mal todos os dias, sem conhecer. Mas o sr. precisa ficar sabendo que fui para Ribeirão Preto deixando uma posição de relevo aqui em São Paulo. Voando em aviões da VASP, o DC3, ou indo de automóvel pela estrada, arriscando a minha vida cada vez. E minha mulher rezando quando eu saio; e depois rezando quando eu volto, para pagar a promessa que ela fez. Para tentar estabelecer no interior um grande centro, para ter como resultado que o governador do Estado de São Paulo, que não conhece a Faculdade, fique falando mal de seu diretor. Está aqui o meu pedido de demissão em caráter irrevogável. Até logo sr. governador".

E saí pela porta. Ele saiu atrás de mim, me segurou e disse: "Professor, é de homens como o sr. que eu preciso! "Encostou aqui no meu ombro, sabe, e disse: "Por favor, não saia assim! Eu faço um apelo de um governador de Estado". O Alípio, que tinha sido apanhado de surpresa - porque ele não sabia que eu ia fazer isso - disse:"Não; Zeferino, você não vai fazer uma coisa dessas, você tem o meu apoio integral", - e o Alípio foi duro - "não importa que o governador fale mal." Bom, então, eu continuei e, a partir daí, o Jânio não dava mais um passo na Universidade sem me consultar. E ficou gostando mais de mim porque, uma vez, eu fui ao gabinete do reitor,do Alípio, entrei - eu tinha entrada livre - e estavam lá três ou quatro sujeitos do Partido Socialista, inclusive o Jair Monteiro, que hoje é o chefe do Gabinete do Afrânio de Oliveira. O partido tinha brigado com o Jânio. O Alípio era o presidente do partido.

Então, eles queriam que o Alípio pedisse demissão do cargo de reitor. Eu ouvi aquela conversa e disse: "O quê? Alípio pedir demissão do cargo de reitor? Alípio não foi eleito por vocês! Foi eleito pelo Conselho Universitário! O Alípio não está aqui nesta reitoria em função de Partido Socialista! Aqui nesta Universidade não se admite intromissão política de qualquer espécie. Ele foi eleito porque é um homem digno, é um chefe de escola. Alípio, você não pode fazer isso! Você

não tem o direito de renunciar. Você se um dia quiser renunciar tem que fazê-lo perante o Conselho Universitário, e alegando razões de decência e de dignidade, senão você fica mal perante os seus companheiros. Senhores, aqui não se fala mais em Partido Socialista!" Assim nesses termos! Ficou todo mundo pah! Parado assim. Eu sou tremendamente agressivo e não podia suportar.

Depois, o Alípio foi falar com o Jânio e disse: "Olha, aconteceu isto assim, assim e o Zeferino ficou uma fera, e eu resolvi não pedir demissão. Aí o Jânio ficou feliz, entende. Imagina se o Alípio pedisse demissão do cargo de reitor. Do ponto de vista do governo era... Aí ficou, então, mais amigo meu. E quando o Alípio, depois, terminou o mandato, e se elegeu um novo reitor, o Jânio queria a todo o custo que eu fosse reitor, de qualquer jeito. E eu tinha jeito de ser indicado na lista tríplice, papagaio! Mas eu não queria e eu disse a ele: "Não, eu não quero". Como eu já tinha dito antes ao Lucas Garcez. Porque eu assumi uma responsabilidade de implantar uma Faculdade e enquanto ela não estiver pronta eu não me empolgo por posições. É preciso dizer mais. Porque eu sou mais ambicioso do que vocês imaginam. Porque reitor uma porção de gente já foi, todo o mundo esquece, mas se eu completar a obra de Ribeirão Preto, meu filho, o meu nome fica eternamente ligado a ela. E eu não quero nominho municipal, nem estadual, não. Sou mais ambicioso do que vocês imaginam.

E realmente eu tinha razão. Aí ele disse: "Mas quem é que disse que quer que você seja reitor, eu quero o Gabriel de Teixeira de Carvalho. "Eu disse. "Ah, você quer um reitor particular?" - "É isso mesmo, eu quero um reitor..." .

E tem o bilhetinho dele - porque o Gabriel estava na lista tríplice ... Está comigo o bilhetinho dele à reitoria:"Trago o decreto de nomeação do professor Gabriel Teixeira de Carvalho, o professor Zeferino é portador deste. Tal. Jânio Quadros". O bilhetinho está comigo.

Mas foram lutas sérias contra um governador e depois contra um reitor. Um reitor que fora meu contemporâneo de Faculdade, que até hoje me trata com a maior consideração e que é um sujeito de alto valor, o Ulhoa Cintra, como clínico e chefe de clínica. Hoje ele está na expulsória também, alcançou 70 anos, mas é realmente uma grande figura, mas que queria a todo custo me tirar de lá para fazer da Faculdade de Ribeirão Preto uma filial da Faculdade de Medicina de São Paulo, de que ele era professor. Então, isto foi até 1964. Em 1963, devo dizer-lhes que aceitei ser Secretário de Saúde do Adhemar, na fase de preparo da revolução de 64. E fiquei lá nove meses. Depois não suportei mais, porque não sou um político e o cargo de Secretário, como o de Ministro, queiram ou não queiram, tem sempre uma conotação que a mim repugna - a política partidária ou ideológica. Eu faço política universitária, no seu mais alto sentido. Recusei mil propostas para ser de

putado federal, para ser senador, para ser o diabo, porque tinha adquirido um prestígio enorme na população de toda aquela região. Então, tinha possibilidades enormes de ser eleito e jamais aceitei. Dizia: "O dia que eu aceitar, vocês podem estar certo que eu estou com amolecimento cerebral. Então me interditem logo. É amolecimento cerebral mesmo."

Tendo eu participado do preparo da revolução de 64 e participado porque, como Secretário da Saúde, fui testemunha de como elementos do governo João Goulart vinham a São Paulo para promover greves, às vezes desumanas. Uma delas foi na Santa Casa de Santos, em agosto de 1963. Recebo um telefonema do provedor da Santa Casa: "Professor, por favor, eu estou em situação de calamidade". Eu disse: "Por quê?" - "Porque veio aqui o Ministro do Trabalho" - que era aquele ..... daqui há pouco me vem o nome - e convenceu todos os enfermeiros, auxiliares de enfermagem, cozinheiros, atendentes a exigirem de mim que dobrasse o ordenador, senão entravam em greve. E entraram em greve porque eu não tinha jeito nenhum de dobrar o ordenador. Como é que eu posso, numa Santa Casa? Então, eu estou aqui com 800 pacientes internados, tenho 15 indivíduos no centro de recuperação, recém-operados e tenho um berçário com 35 crianças recém-nascidas, sem nenhum atendimento. Só estão os médicos. Todos estão na rua, fazendo um piquete. O que que eu faço, professor?"

Eu disse: "Olha aqui, eu vou tentar corrigir essa situação".

Telefono para o Hospital das Clínicas - era a enfermeira-chefe Alice Ferraline - eu disse. "Alice, você tem aí enfermeiras para desceram comigo para Santos? "Ela disse: "Olha, professor, tem uma turma de 60 que está saindo agora do plantão. "Elas iriam comigo?" -"Vão sim". Então, imediatamente, peguei dois ônibus e fui de automóvel na frente. Chegamos na Santa Casa...(O Ministro do Trabalho era o Amaury Silva.) Chego lá, tinha um piquete de greve e esse piquete não queria deixar entrar. Eu fui ao telefone e telefonei ao Bolivar Barbante, que era o Delegado Regional, amigo meu, que tinha servido em Ribeirão Preto, e disse. "Barbante, eu estou aqui na porta da Santa Casa para entrar e não me deixam entrar. Tem um piquete aqui, você traz força aí e vamos entrar de sola". Ele não teve dúvida. Daqui a pouco aparece lá ele e entramos de sola mesmo. E eu na frente. Atravessamos o piquete - prenderam uma porção de gente. - E vinha descendo as escadas o Amaury Silva. Vem ao meu encontro. Eu acintosamente,neguei-me a encontrar com ele, subi a escada de largo, nem dei bom dia. Fui direto ao provedor com as 60 enfermeiras e disse ao provedor: "Chama a viúva do Ferreira Martins aqui." Chamei e disse: "Olha, a sra. por favor vai à radio e convoque as suas amigas" - eu sabia que ela tinha um grande prestígio - "convoque as mulheres de Santos e filhos adolescentes de 18, 20 anos para tomarem conta da cozinha, do serviço de limpeza, ascensorista, etc." Ela foi. Bom, às oito horas da noite a Santa Casa estava em pleno funcionamento.

O Amaury Silva ficou tenteando lá. Como ele não conseguiu, veio o General Zerbini. Foi a Santos mandado pelo João Goulart, para convencer o provedor, sr. Oliveira, um português para ceder aos grevistas. Eles queriam que cedessem para dar estímulo, depois, aos outros. Ele estava escorado por mim e foi convocado pelo João Goulart ao Forte de Itaipu. O João Goulart pediu a ele que aceitasse as condições, que ele, Jango, mandava o dinheiro para ele. E aí o português respondeu na minha presença: "Olha Presidente, eu, infelizmente, nunca recebi um tostão do governo Federal e, apesar de todas as promessas, não vou ceder." Assim mesmo. E não cedeu. Mas eu voltei pensando: " Puxa, mas se quando as vidas humanas são expostas - eram 35 crianças recém-nascidas, doentes recém-operados - são expostas à morte, para fins políticos... Essa situação não pode perdurar. Então, eu me engajei na Revolução, me engajei mesmo, e me articulei com o então tenente-coronel Restel- e que hoje é general lá no Rio Grande do Sul - que era o articulador aqui, com o Saldanha da Gama, que era o comandante da Guarda Civil, professor aqui da Universidade, ex-combatente da FEB. Enfim, me articulei com eles e preparei 250 peruas de transporte de tropas e depósito de gasolina em vários...

FINA DA FITA 3-A

Z.V. - Bom, tendo participado dessa revolução, e porque eu conhecia o Castelo Branco, já ... Tinha conhecido o Castelo Branco como diretor de cursos da Escola Superior de Guerra, que nós tínhamos promovido aqui na Universidade de São Paulo. O primeiro curso de extenção da Escola Superior de Guerra, fora dela, foi feito aqui na Faculdade de Direito, com uma freqüência de 600, mais ou menos. O melhor conferencista foi sem dúvida, o Castelo. Desenvolveu o tema "A Ciência e a Defesa Nacional". Um expositor brilhante, é um cartesiano. O fato é que, no dia 20 ou 25 de abril, por aí, recebo um telefonema, às duas horas da manhã. Eu, que acordo sempre sobre protesto, sou um dorminhoco desgraçado, acordei com aquele barulho telefônico, atendi. "Aqui é o Presidente Castelo Branco". A minha primeira intenção era dizer: "Aqui é o Imperador da Índia, seu idiota". Mas, sabe, esses lampejos assim, pelo sotaque cearense, acordei bem e disse: "Oh, Presidente! Como está e tal". Ele disse: "Olha, professor, o sr., me desculpe de eu estar telefonando agora, a esta hora, é que eu acabo de assinar um decreto nomeando o senhor reitor-interventor da Universidade de Brasília."

- "Mas, Presidente, eu estou aqui como presidente do Conselho Estadual de Educação, na fase de instalação, um trabalho tremendo, o sr. não podia me dispensar?" Ele disse: "Não. É uma missão, o sr. não se meteu na revolução?" - "Me meti". - "Então, tem que vir cumprí-la. "Eu disse: "Pois não, Presidente, quando é que o sr. quer que eu embarque?"

- "Hoje pela manhã."

E assim eu fui. E fui com o objetivo de salvar a Universidade contra as tentativas de destruir o que ela tinha de bom. Porque, tendo muita coisa má, eu sentia que a gente podia fazer uma intervenção cirúrgica, tirar as coisas ruins e deixar o que ela tinha de bom, que era uma estrutura universitária brasileira nova. E lá permaneci por quase dois anos. Busquei criar cursos que lá não existiam. O curso de Física,por exemplo. Havia mais Ciências Humanas, e o grupo de jovens que o Darcy Ribeiro tinha trazido de Belo Horizonte - numa universidade em que eu fosse reitor não sequer instrutores - eram lá professores. Esta gente não tinha o que fazer. Eram agitadores. Criei cursos de Química, criei cursos de Biologia básica para Medicina, criei os cursos de Engenharia Industrial, criei os cursos de Desenho Industrial, organizei o departamento de música com o Cláudio Santoro, com a Anita Shwartzman, com o Anízio Obino, mas não permiti que tirassem...

Eu mesmo tirei 17 ou 18 elementos que eu chamei e disse: "Olha, vocês vão sair daqui não é porque são comunistas não, porque nem isso vocês são. Vocês não sabem ser comunistas, vocês pensam que são. Eu vou tirar vocês por mediocridade". E eles aceitaram. Mas de vez em quando eu recebia uma palavra do general Magessy, que era o presidente dos IPMs: -"Ah, porque está aí o Cláudio Santoro, comunista, esteve na Rússia, o sr. o mantém aí na Universidade! "Eu disse: "Olha, realmente, ele está aqui. É um grande compositor. É um nome

internacional, que merece todo respeito e que não tem atividade nenhuma subversiva aqui dentro, empolgado por sua música. "- Ele esteve na Rússia. É verdade, eu também. Estive lá, fiz conferências na Universidade Central de Moscou. Não tiro não! "O Niemeyer, o querem com o Niemeyer? Não tiro o Niemeyer. O Niemeyer tem as suas idéias socialistas, mas é um teórico e está muito preocupado com os seus projetos arquitetônicos. Tinha aquele que foi presidente da CAPES, que eu fiz vice-reitor, o Almir de Castro.

R.G. - Nomeou ele com o Cândido, antes de ir para a FINEP.

Z.V. - Antes de ir, pois é. O Almir de Castro, fiz o Almir de Castro. Eu o fiz vice-reitor ....! Eu lá vou tirar o Almir. "É porque quando na CAPES ele só dava bolsa para esquerdista". Não é verdade. Eu sabia que não era. Enfim, o que eu fiz foi defender o bom, tirar o mau e preservar o conceito de Universidade que queriam que fosse destruído.

Dei o primeiro tranco no dia em que eu tomei posse como reitor efetivo, - porque, primeiro eu fui reitor *pró-tempore*, depois eu fui efetivado. Então, o Flávio Suplicy de Lacerda, que era Ministro da Educação, me deu posse e, no dia da posse e, no dia da posse - tinha lá uma porção de professores - ele declarou que agora é que ia ser feita a Universidade e tal. Eu era um homem que tinha experiência de milênios e patati, patatá. Até agora não existia coisa nenhuma. E eu não respondi agradecendo os generosíssimos conceitos,

mas eu queria dizer que a Universidade de Brasília existia mesmo, uma estrutura original que precisava ser preservada e mantida. E tinha alguns grandes elementos que precisavam ser preservados e mantidos, e que era a minha intenção. O Flávio, depois, disse: "Mas Zeferino, você me esculhamba logo na tua posse." Eu disse: "Mas o que é que vou fazer,existem coisas que estavam criadas". Mas isto impressionou muito os professores que viram que ia lá, não era perseguir , mas sim para defender.

T.F. - Quanto tempo o sr. passou como reitor-interventor?

Z.V. - Interventor foi coisa de um mês, dois meses, e depois fui efetivado. Mas o fato é que fiquei lá buscando construir, construir, construir e preservando a estrutura. Porque o Darcy, realmente, muito inteligente, cometeu um erro grosseiro, resultante da inexperiência, mocidade e da formação pessoal. Se o Darcy tivesse se limitado a ser o pai da Universidade, é possível que ele estivesse lá até hoje. Ele hoje diz que não reconhece mais a filha, porque a filha foi degradada,como se fosse uma prostituta. Se isso aconteceu a culpa é dele, porque ele abandonou a filha, aceitando,ainda no começo, a posição de Ministro da Educação e, depois, a chefia da Casa Civil da Presidência da República. E ele sentiu que ele era o mais capaz de toda aquela turma que rodeava o Jango e era realmente. E foi mordido pela mosca azul - ele estava certo de que ia ser o Presidente da República -

como Chefe da Casa Civil. Mas como Chefe da Casa Civil ele assumiu uma atitude política ideológica.

T.F. - E aí chocou.

Z.V. - Ora, se você assume uma política ideológica "X", você tem lá o inimigo "Y" que vai combater você. Não podendo alcançar você, que foi o que aconteceu depois da Revolução, que eles fugiram, não podendo alcançar o criador, então vai buscar alcançar a criatura, que é a Universidade. É a fábula de La Fontaine, não foi você, foi seu pai. Então, o erro grosseiro dele foi naõ ter sentido que ele seria hoje um nome universal se tivesse permanecido reitor de Brasília, e não aceitar posição de Ministro da Educação e depois Chefe da Casa Civil do João Goulart. Ele é que abandonou a filha e deixou a filha exposta a todos os embates e conflitos, porque ele assumiu posição ideológica que a Revolução combateu. Está bem claro para vocês este...? Quer dizer, ele não fez o que eu fiz, que não aceitei ser reitor da Universidade de São Paulo, para poder completar a minha obra. Ele agiu como pai que a criança tinha dois anos e ele deixou. Foi substituído pelo Anísio Teixeira, execelente indivíduo, mas fraco, do ponto de vista ... Ele era um... Não tinha essa liderança executiva, não é, e a Universidade passou a assumir uma posição ideológica, alguns grupinhos lá dentro, e o meu trabalho foi depois defender essa Universidade contra a destruição.

T.F. - Pelo que eu sei, uma das peças básicas nessa defesa que o sr. fez de Brasília foi exatamente, reforçar o setor de ciências exatas e biomédicas, não é? O sr. podia falar um pouco sobre ...

Z.V. - Exatamente. E ciências biológicas. Busquei reforçar, trazendo para ela elementos de alto valor, como o Salmeron, que era um físico de nome mundial, que eu queria atrair mas ele não queria largar aquela posição que ele tinha no CERNEN, naquela ocasião. Então busquei conquistar a sra. dele, que era uma excelente psicanalista, mostrnado a ela: "Olha, ali está um campo aberto. Brasília não tem ninguém, filha de Deus!" E ela se convenceu, foi para Brasília e o Salmeron veio e me deu uma colaboração preciosa na implantação dos cursos de Física, como na implantação dos cursos de Química.

O Gotlieb, que eu ... Do Rio de Janeiro. Conseguimos um equipamento formidável para Química de Produtos Naturais. Criei o Departamento de Psicologia, implantado o departamento de Uma Psicologia Experimental. Criando os cursos básicos de Física, estava também criando os de Engenharia, porque só existiam os de Arquitetura, com o grupo do Niemeyer, um grupo muito bom mas que estava em conflito com outro grande arquiteto. Como é que chamava aquele? Não está mais lá. Muito interessante, fez o projeto da Faculdade de Educação lá.

Então, até tinha uma rua lá que era chamada de "Paralelo 33", porque uma parte era do Niemeyer e a outra parte era dele. Mas fiz críticas ao Niemeyer, ao projeto dele, aquele minhocão de 150 mil metros quadrados, dos quais você utiliza 40%, no máximo. E eu acho uma construção monótona aquela coisa, aquela lingüiça colossal. Aquele buraco que eles escavaram embaixo, no chão, não sei para quê, sem luz, com problemas de escoamento e o diabo, problemas de infiltração. Aqueles jardins começaram a infiltrar água, porque concreto não resiste à água, não é? Depois precisou tirar tudo para impermeabilizar, um custo fabuloso. E lá só tinha ciências. Ciências biológicas e ciências exatas, mas as ciências humanas e as artes separadas, Por que? Perdia, a meu ver, o caráter integratório. Ciências humanas, ciências exatas, ciências biológicas e artes devem funcionar como um todo harmônico.

T.F. - Para as ciências biológicas, o sr. trouxe o Cordeiro?

Z.V. - O Cordeiro e uma série de outros. Agora não me ... O Cordeiro, sobretudo em Genética. Enfim, busquei tirar aquele caráter só de ciências humanas que estava prevalecendo lá. Tinha Direito, tinha Economia, tinha Administração. Através das ciências físicas e biológicas você consegue dar maior consistência e dar mais estrutura à universidade.

Mas depois de um ano e meio, uma coisa assim, o Laudo Natel

e o Conselho Estadual de Educação de São Paulo me convence rem de que eu devia vir, que eu já havia completado a missão - fazer uma universidade no interior.

INTERRUPÇÃO DA FITA

R.G. - Quando o sr. era Reitor em Brasília, me parece que houve uma demissão em massa.

Z.V. - Não senhor!

R.G. - Ou foi anterior?

Z.V. - Não senhor, houve quando eu entrei ...

R.G. - Aquela demissão de 200?

T.F. - Isso foi depois.

Z.V. - Foi depois. Quando eu entrei, eu tirei 16 ou 17 jovens elementos que não faziam outra coisa senão agitação, que tinham vindo de Belo Horizonte, lá de uma escola de Economia lá de Belo Horizonte, recém-formados, e foram para lá como professores. E eu chamei e disse: "Olha, eu vou tirar vocês, não é porque vocês sejam comunistas, porque eu respeito o comunista autêntico. O comunista que tem convicção eu respeito,mas que não vem aqui pregar doutrina, usar a posi

ção de superioridade de um professor, superioridade mental, superioridade hierárquica para induzir jovens espíritos a serem plasmados e que recebem aquilo..."

Eu, como tinha recebido impactos de gente decente, construtiva, senti como você pode induzir à agressão - jovens adolescentes que, pela própria natureza, são agressivos, e ai do adolescente que não seja, porque é a fase contestatória, ele contesta toda a autoridade paterna na fase de adolescência - e materna. Autoridade paterna porque até a pré-adolescência, pai e mãe era onicientes, onipotentes e ele precisava sentir isto psicologicamente, para sentir garantia de sobrevivência, mas depois, quando as gônadas amadurecem, começa a formar-se a personalidade, ele quer sentir-se ele mesmo, mas ainda não é bem, então fica essa ambivalência do adolescente, que só se sente pessoa em grupos, é o grupo que é a pessoa, e é por isso que eles não se separam, ficam conversando até altas horas da noite, aquele grupinho de adolescentes. Isso eu observei bem nos meus filhos, e a minha mulher preocupada: "São duas horas da manhã". Aquele negócio. Deixa lá, filha, que eles estão lá se arrumando. Eles temem quebrar o grupo para não partir a personalidade própria.

Mas esse jovem, ele é receptível. Se vem um professor e prega doutrina, é claro que ele é induzido com facilidade pela superioridade mental do professor. Então, numa universida

de, o indivíduo não tem direito de ser um doutrinador. A mim não importa a doutrina a que ele aprecie, o que ele não pode é usar a universidade para doutrinação. É um crime, é um abuso de autoridade moral, científica, hierárquica. Então, eu pus para fora, naquela ocasião, esses 17, por mediocridade, e busquei por todas as formas, defendi e não deixei que tirassem de lá indivíduos acusados de subversivos que tinham idéias socialistas, mas que eram puros, que eram decentes e de alto nível. Assim foi o Niemeyer, assim foi o Santoro, e assim uma série de outros, que eu defendi e não deixei tirar da universidade. O Almir de Castro. O que é que o Almir de Castro tinha de ... não é? Você que conhece bem o Almir.

T.F. - Havia alguma especulação sobre o tipo de ciência que Brasília deveria fazer? Como o sr. reforçou esse lado de ciências naturais ? Havia algum tipo de especulação, que tipo de ciência, como fazer esta ciências, que relação esta ciência teria com os problemas brasileiros, como é que era isso?

Z.V. - Não, devo dizer que, naquele então, eu pensava em ciência pela ciência e, como já disse, o que me importa é a criatividade e ciência de verdade, o que eu não admito é a meia ciência e não distingo ciência aplicada de ciência pura. Continuo com o mesmo pensamento. Então, quando eu estimulava a criação de núcleos de ciências físicas, biológicas, químicas, matemáticas - tinha um grupo de matemáticos, muito

bom, o Elon Lages de Lima, está até hoje lá no IMPA, aquele Figueiredo, um grupo realmente bom. Eu queria estimular produtividade, porque esta produtividade acaba sendo útil ao país e à cultura. Era este o meu pensamento, defender, como defendia o poeta, o Ciro dos Anjos, que é um grande poeta, que era professor de Brasília. Como defendia o Niemeyer, que era um grande arquiteto criador. Defendia criatividade. Bom, o fato é que em 1965 comecei a receber pressões para vir para São Paulo para implantar uma universidade no interior.

R.G. - Pressão por parte de quem, quer dizer, de onde surgiu a idéia, o apoio?

Z.V. - Do Conselho Estadual de Educação, sobretudo, porque já estava criada a Universidade de Campinas, e só tinha um curso funcionando, que era o curso médico que estava no 3º ano.

T.F. - Mas já estava criada, enquanto universidade?

Z.V. - É, como universidade, já por lá, teoricamente no papel, mas ele não preenchia as condições de uma Universidade. Só tinha o curso médico que estava no 3º ano, e funcionando num prédio inacabado de uma maternidade.

T.F. - O sr. falando de Ribeirão preto, diz que a intenção era um pouco criar uma filial da Faculdade de Medicina lá.

Z.V. - Exato.

T.F. - A idéia de criar uma universidade em Campinas, também, era um pouco uma idéia de filial da Universidade de São Paulo ou não?

Z.V. - Não posso afirmar se era. O fato é que, quando assumi, resolvi fazer uma matriz, como fiz em Ribeirão Preto, e conceber uma nova universidade, um novo tipo de Universidade. Uma universidade que eu planejei quando aceitei o desafio apresentado pelo Conselho Estadual de Educação, que premia, porque dizia: "Aquilo não existe como universidade, precisa primeiro fazer uma comissão de instalação". Acabei aceitando e fiz um planejamento prévio, que começou com a definição da palavra universidade.

Qual é a conotação da palavra universidade? O que quer dizer universidade? Deriva de *universitas*. Universidade na versatilidade, unidade na pluralidade, unidade na generalidade. O que é universo senão - aquele escudo português - é aquela faixa que envolve o globo. Porque eu verificava que 99% dos professores universitários, talvez mais, e a totalidade dos estudantes, ignoravam o que é ser estudante universitário ou professor universitário. O que distingue um professor universitário de um professor de um instituto isola

do de ensino superior? Então, universidade - unidade na ver
satilidade, unidade na pluralidade das atividades humanas.
Mas o que confere unidade? As atividades de conhecimento de
um sociólogo e de um parasitologista, de um filósofo episte
mologista, de um economista e de um químico, de um matemá
tico e de um psicólogo, o que confere unidade a atividades
tão díspares, com bases tão diversas e objetivas aparentes
tão diferentes. A meu ver, e foi o que eu defini, só há uma
coisa que confere unidade, é o objeto geral perseguido por
todos, o gol perseguido. Então, qual é o gol que você perse
gue quando você está aqui neste momento tomando uma entre
vista como essa. A do violinista que está tocando uma paga
niniana, a de um médico no exercício de sua profissão ou de
um sociólogo, o que confere unidade?

Qual é o gol perseguido por todos? Só há um gol que realmen
te merece dignidade, merece respeito: é a formação do bem-
estar físico, social e espiritual do homem. Ou você exerce
a sua atividade atual e eu a minha, além da necessidade nor
mal de satisfazer as suas próprias necessidades, tendo mais
do que isso o objetivo mais alto a alcançar que é a promo
ção da cultura e, consequentemente, o bem-estar da comuni
dade ou a sua atividade e a minha atividade não merecem res
peito. Se ela é feita só com o conteúdo egoísta, ela não
merece respeito. Está bem claro! Só o gol é que nos une a
todos, o objeto final, o bem-estar do homem comum, a promo
ção da justiça social. Se o gol é um só, nós temos que agir

como um time em que jogadores das mais diferentes posições buscam marcar o gol. E não importa que o alcance, importa que o time o alcance. Se nós temos que agir como um time, a universidade deve ser concebida como um organismo, e não como um conglomerado de organismos.

As universidades atuais, na sua quase totalidade, brasileiras ou estrangeiras, são constituídas de faculdades e institutos - instituto de Física, instituto de Química, faculdade disso, faculdade daquilo - cada uma é uma unidade independente. Elas só estão unidas por um conselho universitário, que é mais um órgão da cúpula, de política geral da universidade. Traça as linhas mas não é unidade nas atividades fins, não é interação.

E eu queria conceber uma universidade como um organismo, o que é um organismo? O meu é um organismo, constituído de órgãos totalmente diferentes - fígado, baço, pâncreas, pulmão, coração, cérebro, sistema nervoso, sistema circulatório, excretório, renal, muscular - órgãos de estrutura e de funções totalmente diferentes uns de outros. Mas em primeiro lugar eles estão próximos uns dos outros; segundo, eles trabalham sincronicamente através de órgãos de integração, sistemas de integração. Para que? Para preservar a minha saúde física e mental. E eu queria conceber uma universidade como um organismo em que órgãos diferentes, físicos, quí

micos, matemáticos, naturalistas, filósofos, artistas da mesma sorte agissem conjugadamente para a preservação da saúde física, mental e espiritual da comunidade.

Ou como uma grande orquestra, em que você tem instrumentos dos mais diversos de corda, de percussão, sopro, metais. Cada instrumento tocado isoladamente você pode obter um efeito harmônico agradável, mas você jamais poderá obter o efeito brutal de uma sinfonia se cada órgão tocar isoladamente. Como é que você pode ter o efeito estético de um quarteto de câmara, se o violino, o violoncelo, o piano e o contrabaixo tocarem cada um por sua conta?. Mas se eles tocarem conjugadamente o efeito que você tem, global, é muito superior à soma matemática do efeito de cada um. Está claro o raciocínio? Então, eu estabeleci isto. Objetivo: promoção do bem-estar, através de um organismo com órgãos totalmente diferentes, mas esse organismo vai trabalhar conjugadamente para somar efeitos, multiplicar efeitos, por efeitos de ressonância.

A larga experiência da USP aqui e desta cidade universitária em que cada instituto dista dois km uns dos outros; da Ilha do Fundão, em que a Escola de Engenharia dista 2 km da Escola de Arquitetura; da própria Brasília, em que naquele minhocão de 750 metros a comunicação entre os extremos não se dá, e muito menos com as artes e com as ciências humanas, que estão completamente fora do conjunto. Falta pro-

ximidade, faltam ágoras, faltam pontos de encontro onde os homens se encontrem para programas conjuntos de pesquisa, de ensino.

Estabelecido o gol, estabelecido que deva ser um organismo, eu passei a definir que atividade deve desenvolver esta universidade para alcançar esse gol. Então, tem as atividades clássicas da transmissão do conhecimento adquirido e acumulado pela humanidade para a formação de profissionais de profissões liberais; cientistas, artistas, filósofos, literatos. Mas uma univeresidade que se limite a transmitir conhecimento entra em degradação, porque em toda a transmissão há perda de cultura, como eu já disse. Então, a universidade deve ser criadora de cultura, geradora como o dínamo gerador para compensar, não só a perda de transmissão como também para resolver problemas específicos da comunidade em que está.

Mas há um segundo tipo de atividade que tem sido praticamente olvidada pelas universiades, que é a de sair das suas paredes e ir à comunidade detectar que problemas afligem a comunidade. Que problemas de saúde? Que problemas de produção? Que problemas educacionais? Que problemas de ajustamento econômico e social afligem esta comunidade? Detectar esses problemas, buscar equacioná-los e procurar soluções para eles. Mas ela deve sair ativamente e ir à comunidade. Ela não

pode é esperar que a comunidade venha a ela, por várias razões. Em primeiro lugar, porque a comunidade nem sempre tem a consciência dos problemas que a afligem, por ignorância; segundo, porque a comunidade, quando tem a consciência, ela teme a universidade, teme porque vê ... Põe na universidade sempre uma conotação agressiva. O estudante que é revoltado, os professores, etc. E terceiro, porque vê a universidade assim como algo inacessível, assim como o Dalai Lama do Tibet.

Tem um profundo respeito, e a univeridade cultiva esse aspecto, ficando encastelada, enfeudada, para mostrar que é realmente um negócio sério, intocável, é o Papa ali. A universidade cultiva isto. E cultiva esse isolamento também , porque teme ter que resolver problemas, porque sente que não sabe resolver. Fuga da realidade.

Acontece que a minha formação é medica e o médico não pode fugir à realidade. O médico só aprende Medicina no doente: cheirando o doente, apalpando o doente, ouvindo o doente. Mas já o engenheiro não, esse aprende em usina piloto, em casos de livros,em casos teóricos e o probleminha ali, aquele de consertar aquele motor, ele não quer saber. Então, essa é a terceira função fundamental da universidade: Sair dos seus muros e ir ativamente à comunidade tentar detectar os seus problemas e buscar equacioná-los.

Exemplos concretos de como agiu a UNICAMP. Estou primeiro falando do projeto, depois é que vou dizer como agiu. Então, o projeto foi estabelecido: transmissão, criação do conhecimento novo e extensão à comunidade ativa. Estabelecidos os três tipos de atividade, eu passei a estabelecer que elementos são necessárias para desenolver essas atividades para alcançar o gol e, prioritariamente: 1º, homem; 2º, homem; 3º, homem. Um pouco agressivamente, num país que busca resolver os seus problemas construindo edifícios monumentais que ficam fechados, parados, não sobrando, depois, dinheiro para equipamentos. Ou, se compram equipamentos, não têm dinheiro para pagar os homens. E edifícios e equipamentos não constroem e nem fazem nada.

Então, estabeleci claramente essas prioridades. Depois dos homens aí, então, vem equipamentos, depois biblioteca e, por fim, em último lugar, edifícios. Último, fiz questão absoluta. E passei a proceder assim. Então, primeiro cuidado: seleção do corpo docente e técnico-científico. Como selecionar? Oferecendo, atraindo grandes cientistas. Mas como atrair grandes cientistas se eu não tinha nada a não ser um ideal? O mesmo ideal de Ribeirão Preto, uma nova concepção de universidade. E é claro que, quando eu convidava, tinha também uma certa credibilidade pelo passado de Ribeirão Preto, como tinha conseguido partindo da estaca zero fazer aquela Faculdade em alto nível.

Então, este nome adquirido e depois em Brasília me deu credibilidade para convidar grandes cientistas brasileiros que estavam fora do Brasil. E a quem eu fiz um apelo "Está na hora de voltar. Vocês têm filhos e saibam que o futuro de seus filhos é aqui. Aí, eles não vão ter vez". Há discriminação lá fora. Essa discriminação que vocês não vêem aqui no Brasil contra o estrangeiro, existe em todos os países do mundo. E nos Estados Unidos idem, idem. E lá, como na Europa, há uma tremenda competição, e na hora de competição, meu filho, eles dão preferência a gente da casa.

R.G. - Esse apelo à volta dos cientistas foi quando, professor? Quer dizer, se estendeu por longo período ...

Z.V. - Longo período. Isso continua. Não pára nunca. Começou em 66.

T.F. - Esta concepção o sr. traçou sozinho?

Z.V. - Sozinho.

T.F. - E também a seleção dos cientistas que viriam?

Z.V. - Exatamente. É claro que depois... Se veio um Rogério Cerqueira leite, depois eles me indicam outros. Isso agora é uma bola-de-neve. Veio o Ripper - "Olha, trabalhei lá com

o fulano de tal, americano espetacular, vale a pena trazer e tal". Mas as primeiras ... Eu tenho esta capacidade de co nhecer homens capazes e distinguir, - isto eu aprendi cedo - distinguir a meia ciência da ciência verdadeira.

T.F. - Como o sr. relacionaria a sua vivência, a sua percepção de Brasília e o modelo de Campinas?

Z.V. - O modelo de Campinas é muito mais integrado. Já lhe disse que lá eles integraram ciências exatas e biológicas de um lado, naquele minhocão, e ciências humanas era outra coisa, separada. Artes é outra coisa separada. Em Campinas, não. É uma unidade. E para simbolizar esta unidade, quando construi a cidade universitária, eu chamei o arquiteto e disse ... (Fiz como o português da anedota. Você casa com qualquer um, com tanto que seja com o Joaquim) "Você vai fazer qualquer coisa, contanto que haja uma grande praça central de 300 metros de diâmetro, que eu farei dela um belíssimo jardim, um jardim atrativo com belezas naturais de flores, árvores, pedras, água. A ágora grega, e todas as grandes unidades são construídas perifericamente, e todas convergindo para ela".

A distância máxima de um instituto a outro é 300 metros. Os contatos são fáceis, a ágora é atrativa, lá se encontram estudantes, encontram-se professores, discutem e intercam biam idéias, conceitos, idéias de trabalho. Você vê lá o

economista e o geneticista, o físico e o médico, o botânico e o químico, e a Faculdade de Engenharia de Alimentos, e tudo está fervilhando de programas interdisciplinares facilitados pelo *lay out*, porque o círculo dá o conceito de unidade e não há posições privilegiadas, não há lados privilegiados, todos estão no perímetro da praça. Crescem radialmente para trás, mas convergem todos para essa praça, que simboliza o bem-estar do homem. É um lugar de sobra, de repouso, agradável. É o bem-estar simbolizado, assim, urbanisticamente, e os incentivos voltados para ela.

O Instituto de Artes está, no momento, dentro do Instituto de Física, porque eu não tenho um local para pôr. E os concertos, quase diários, são em anfiteatro do Instituto de Física. Mas por que o Instituto de Física? Porque lá é onde estão os equipamentos mais sofisticados para análise do som. Então, lá nós já construímos cinco cravos maravilhos. A Anete Dreyfus só tocou, aqui no Brasil, em cravos feitos na UNICAMP, com madeiras nossas , cravos de alta sofisticação, inclusive estética. Mas por que? Porque cada detalhe é analisado com aparelhos que refletem o som em vídeo e você analisa a altura e intensidade de timbre com todas as minúcias, com todos os detalhes, as nuances as mais específicas, as mais mesquinhas nuances são analisadas. Flautas doces nós fazemos lá.

Enfim, veja sempre o sentido de um organismo, com está ágora, física e com ágora espirituais, em que eu busco aproximação como o Centro de Epistemologia, Lógica e História da Ciência, em que eu reúno no mesmo centro discutindo e intercambiando filósofos, físicos, químicos, matemáticos, estetas, e eles encontram motivações, sugestões de trabalhos técnicos usados para aplicar num outro ramo da ciência. E a multiplicação do trabalho é uma coisa impressionante. O efeito de ressonância, o efeito orquestral.

T.F. - O sr. já teve em algum lugar fora do Brasil, quer dizer, fora de Campinas, é verdade, sequer uma coisa parecida com isso?

Z.V. - Não.

T.F. - Ou algo que se aproximasse?

Z.V. - Não. Não tem mesmo. E eu fui fazer conferência em Jerusalém, em Telaviv, mostrando essa concepção. Eles me convidaram exatamente para isso, não só para conhecer as quatro universidades de Israel ...

FINAL DA FITA 3-B

T.F. - Quer dizer, o sr. não conhece ...

Z.V. - Não. Não conheço. Mas eu conheço a universidade medieval, como ela nasceu. Quem ignora a história, corre o sério risco de incidir nos erros da história. Como nasceu a universidade medieval do século XIII? Como nasceu Praga? Como nasceu Salamanca? Como nasceu Bolonha? Como nasceu Sorbonne? Naquele então, indivíduos excepcionalmente bem dotados escreviam, excogitavam conhecimentos. Mas era tudo manuscrito, não havia imprensa de divulgação e sabiam por viagens, mais por comunicações de frades e religiosos que imigravam, que fulano de tal em tal parte ... E eles sentiram o indivíduo que excogita, que cria ... Ele sente necessidade de expor as suas idéias, de submetê-las a críticas ... Eles sentem necessidade de massa crítica, de indivíduos para discutir, para sentir se ele realmente teve uma concepção nova ou não, se ele está criando algo novo ou não, que sugestões outros têm.

Então, esses indivíduos passaram a se reunir, a constituir organismos em que, como eram poucos e poucas as ciências, foram constituídas essas universidades medievais, como organismos em que os indivíduos todos se encontravam uns com os outros. Mas depois os conhecimentos foram se ampliando, as universidades crescendo, crescendo, crescendo. Veio o século passado, que é um século analítico. Com a criação de

instrumentos houve uma penetração em profundidade dos co nhecimentos e volta a tendência à segregação, à separação , à desintegração da universidade, que ficou só ligada pelo Conselho Universitário.

Mas se nós estamos no século XX, século da integração, se nós caminhando em todas as ciências biológicas e exatas e mesmo as humanas, acabamos caindo no terreno da Matemática, porque houve uma matematização das ciências humanas, come çando pela economia. Hoje, a lingüística o que é? Até as artes! Hoje, você compõe em computadores. Caindo no terreno da Matemática, quer dizer, caindo num alicerce comum. Qual é a diferença entre Física Quântica e Química Quântica? E Matemática Quântica. O químico que faz Química Quântica,ele não lida com pipetas ou buletas, lida com máquinas calcula doras e computadoras. Então, verificou-se que, na base dos conhecimentos, há uma unidade e, então, a volta ao passado. Volta ao que era a universidade. Foi o que eu fiz em Campi nas.

R.G. - Um renascimento?

Z.V. - Não é bem um renascimento, mas uma volta. É um *feedback*. É um *backcross*.

T.F. - Quando o sr. está falando assim, sinto uma certa semelhança entre o ideal, eu digo, bem claro, o ideal da USP, quer dizer, na idéia dos seus fundadores. Não sei se eu estou certo?

Z.V. - Está certo sim. Eles queriam um denominador comum que seria a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

T.F. - Exatamente.

Z.V. - Mas que não conseguiu vigir. Por que? Porque uma tradição das arcadas ou uma tradição da Politécnica, ou da Medicina, como é que podia admitir que ia surgir aí uma Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Filosofia fosse dar os cursos básicos da Engenharia? Eles que tinham a tradição da Politécnica... Uma falsa tradição.

T.F. - Eu queria então fazer uma provocação: isso quer dizer que a verdadeira USP está nascendo em Campinas?

Z.V. - É um pouco diverso. Porque, realmente, tenho o círculo básico lá, que é a USP sonhada, não como uma Faculdade mas como institutos que funcionam efetivamente e não por uma estrutura, uma estrutura administrativa ou institucional, por consenso - físicos, químicos, matemáticos, biólogos e tal interagem por consenso. Administrativamente um está neste instituto, aquele está noutro, mas está mais para fins administrativos, pela ênfase do trabalho que eles produzem. Mas

trabalho que eles produzem. Mas quando eu quero, como fiz há dois anos atrás, estabelecer um grupo de Energias não Convencionais - energia solar, energia de hidrogênio, energia biomassas - eu organizei um time de 70 indivíduos, em que entram físicos, engenheiros, matemáticos, biólogos, arquitetos, com resultados incríveis.

R.G. - A UNICAMP não mais se assemelha ao modelo universitário norte-americano?

Z.V. - Não senhor.

R.G. - Quais seriam os pontos de congruências e de divergências?

Z.V. - O modelo universitário norte-americano continua, ainda, como um conglomerado de institutos e faculdades. E assim em Israel.

R.G. - Apesar do modelo departamental?

Z.V. - Apesar do modelo departamental. Departamento é uma coisa, universidade é outra. Eu quero uma universidade em que os professores de Arte, de Estética integrem o Centro de Epistemologia, se relacionem com o físico, com o matemático, com o químico, com o biólogo, para que se percam o tapas, essas limitações de visão angular. E isto deriva um pouco do fato de, naquela fase de impregnação que eu vivi com o Travassos,

Dreyfus, Von Ihering, Rocha Lima, etc., ter vivido arte na casa do Von Ihering. Então, senti o quanto isto me enriqueceu, porque não posso viver sem estesia. A estesia é um bem necessário ao homem. O homem precisa de estesia. E um universitário que fique limitado àquela sua pesquisa científica é uma barbaridade. É um sujeito sempre de visão estreita.

T.F. - O sr. acha que teria sido possível dar esse mesmo espírito a Brasília?

Z.V. - Se fosse estabelecido desde o começo. Mas não foi.

R.G. - Brasília seria o modelo americano?

Z.V. - Não. Mais integrador. Mas lá, ele separou ciências humanas, ciências exatas e artes. E eu não separei. Eu integrei. Uma integração mais completa. E traduzi isto arquitetonicamente e urbanisticamente. A de Brasília traduziu bem a separação de ciências biológicas e exatas, de um lado, ciências humanas do outro e artes do outro, como se fossem atividades que não têm nada que ver umas com as outras.

Este seminário organizado agora, que terminou domingo passado, em que reuniu cientistas, empresários, sociólogos, políticos, executivos governamentais, é uma ágora. Buscando o quê? Qual é o gol perseguido? Não é a independência do Brasil. Mas todos nós lutamos pelo mesmo objetivo. Então, vamos jogar como um time, vamos intercambiar; as soluções que

nós preconizamos são diferentes. Mas ver quais são as factíveis e as não factíveis, quais são aquelas puramente teóricas e aquelas que são viáveis, não. Que modelos são viáveis de aplicação? Mas isso você só pode fazer numa universidade que não pegue pelo gigantismo. Porque o gigantismo é patológico para indivíduos como para instituições. O acromegálico, ou tumor de hipófise, tem o desenvolvimento desmesurado dos membros, mas não tem o desenvolvimento sincrônico dos órgãos de integração, que articulam as ações. Assim nas universidades. O mal das universidades modernas é o gigantismo.

Por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro. Por mais que você queira não consegue, a começar pela disposição. Eu aqui, para me comunicar com o químico - e eu sou um biólogo - preciso andar dois km. O físico outros dois. Matemático outros dois. Ciências humanas nem sei onde estão.

R.G. - Uma pergunta pessoal no meio disso. O sr. tem conhecimento de literatura sociológica?

Z.V. - Algum.

R.G. - Durkheim, por exemplo?

Z.V. - Um pouco, não muito profundamente. Mas superficial tenho.

R.G. - Sobre a UNICAMP eu tenho um batalhão de perguntas. Talvez fosse bom você pegar uma linha e depois eu pegava outra.

Z.V. - Eu estava nos elementos necessários. Eu disse que consegui... Para desenvolver as atividades e para alcançar o gol. Então, seleção de pessoal: eu trouxe cerca de 180 brasileiros que estavam fora. Tenho 230 professores estrangeiros. É a universidade, do mundo, que tem maior número de professores estrangeiros. Eu tenho de todas as origens: tenho ingleses, franceses, alemães, espanhóis, portugueses, italianos, húngaros, techoslováquios, poloneses, russos, chineses, coreanos, sul-africanos, neozelandeses, argentinos, uruguaios - 230 - selecionados pela capacidade.

E se vêm para trabalhar ativamente, para formar escola e desenvolver cientificamente, ficam quanto tempo queiram, se não *out*.

Em geral, ficam quase todos, como ficaram em Ribeirão Preto, porque esse país atrai. Esse país é cordial mesmo, não há agressividade contra o professor estrangeiro. O exemplo da USP foi para mim um ensinamento formidável. Com todos aqueles professores que vieram da primeira leva, política que, infelizmente, não resistiu ... Não ter contratado mais professores estrangeiros é um erro grosseiro. Os americanos até hoje continuam contratando professores estrangeiros.

T.F. - Provocou um *inbreeding*.

Z.V. - A mediocridade indígena vai assumindo as posições. E o *inbreeding* acaba dando fatores letais e semiletais.

T.F. - Nessa escolha de professores estrangeiros da sua primeira leva, de Campinas, o sr. por exemplo, na área de Física, se preocupou mais com a parte teórica, em função da falta ainda de instalações, se preocupou mais com a parte, digamos, imediatamente aplicável, com é que foi isso? Eu gostaria de saber com detalhes.

Z.V. - Eu vou dizer.

R.G. - Quer dizer, eu gostaria, inclusive, adicionalmente, que o sr. começasse assim: relatar a história da Física bem detalhadamente desde o início, desde a vinda do Marcelo Damy a ... Tudo isso.

Z.V. - Exatamente. Eu levei o Marcelo Damy, com quem eu tantos anos trabalhei, ajudando-o como Conselheiro da Universidade. Ele é um homem de grande valor. Um homem que fez o primeiro acelerador linear Bétraton. Ele trouxe na cabeça, de memória, o *cash* lá de Visconsin e construiu aqui. Eu tive lutas tremendas no Conselho Universitário, porque os reitores que sucederam o Jorge Americano não queriam continuar. E,afinal, ele acabou construindo, excelente,simplificando os comandos,

reduzindo o número de pessoas necessárias. Eu vi o Marcelo Damy construir os detectores de submarino por ultra-som durante a guerra. Eu ajudei, dei uma mãozinha, como servente de pedreiro. O Jorge Americano, como reitor, trabalhava de pedreiro, porque ele era o único sujeito que conhecia radar, ultra-som. Ele trabalhava na Inglaterra e, quando desencadeou a guerra, os ingleses quiseram levá-lo para lá e ele se negou a ir, porque sentiu que ia ser necessário aqui. Ele era um patriota.

Mas depois o Marcelo... Foi o quê? Cria do Wataghin e do Occhialini. Foi para a Comissão Nacional de Energia Nuclear, CNEN, no tempo do Jango e deu um grande prestígio. E, quando o Jango caiu, ele foi destituído. Ele que havia fundado o Instituto de Energia Atômica aqui, construído o reator aqui em um ano, foi um record mundial, um reator de potência de sete megato watts, desde a pedra fundamental até o reator crítico, um ano - 365 dias - e com todas as dificuldades da construção desse edifício, que vocês sabem que tem condições especialíssimas de trabalho, de isolamento, de cuidado, etc, etc. Quando ele voltou para cá, para o Instituto que ele fundara, ele tinha deixado o Pieronio na direção, e a primeira coisa que fizeram foi começar a fazer futricas com ele.

Então, ele se aposentou da Universidade de São Paulo e eu o contratei como professor de Física da Universidade de Cam

pinas e diretor do Instituto de Física. Tínhamos nada. Mas a primeira coisa que estabelecemos, e que ficou bem clara, é que nós não devíamos cogitar de Energia Nuclear, em primeiro lugar porque já havia aqui equipamentos e segundo porque era muito caro. Nós tínhamos que caminhar para um ramo da Física menos dispendioso e de muita importância - Física de Estado Sólido e Ciências dos Materiais. Então começamos a buscar ...

R.G. - Raios Cósmicos, também, não?

Z.V. - Raios Cósmicos foi logo depois, quando o Lattes foi praticamente posto fora dessa universidade com um processo.

R.G. - USP?

Z.V. - É. Como tinha sido posto fora do Centro Brasileiro de Pesquisa Físicas. Eu levei o Lattes para lá. O Lattes tem fases agressivas e, nessas fases agressivas, ele diz as maiores barbaridades aos superiores. E eu levei para lá e está lá até hoje, vive comigo ... Por que ele está lá até hoje? Porque quando ele tem essas fases agressivas, eu o trato como médico. É aí, então, a hora que lhe dou mais apoio. Depois passa e ele volta com todo aquele potencial tremendo que ele tem. E dou-lhe todos elementos de trabalho, fazendo altas energias.

T.F. - A idéia do Damy era Estado Sólido?

Z.V. - Física de Estado Sólido. E começamos então a contactar. E o primeiro que eu contactei foi o Sérgio Porto, que era professor da Universidade de Salt, California. Mas o Sérgio Porto tinha uma posição altíssima lá.

T.F. - Como é que o sr. chegou ao nome do Sérgio Porto?

Z.V. - Foi o Marcelo que me apontou - "Olha, tem lá o Sérgio Porto". E eu escrevi a ele. Ele veio, tive uma conversa longa com ele. Mas o Sérgio Porto tinha uma porção de crias dele que haviam trabalhado com ele na Bell Telephone, inclusive, o Rogério Cerqueira Leite, Ripper, uma série de outros. E eu então me contactei com todos eles, mas eu disse a ele."Olha vocês..." Porque eles só queriam vir em grupos, e eu não queria um, queira o time ...

R.G. - Isto em que ano, professor, aproximadamente?

Z.V. - Isto foi em 1967, 1968 e essa gente quando veio falar comigo eu disse:"Olha aqui, minha gente, o projeto é este. Quando vocês vierem, vocês não terão sequer mesa para sentar, não tenho nada para oferecer, mas eu garanto que quando vocês estiverem aqui eu vou conseguir dinheiro". E foi assim.

R.G. - O sr. já tinha contacto com a área governamental?

Z.V. - Já era o reitor.

R.G. - Pleiteou?

Z.V. - Não.

R.G. - Federal?

Z.V. - Não.

R.G. - FUNTEC?

Z.V. - Não. Ainda não. Quando chegaram aqui, eu fui ao Dilson Funaro, que era o Secretário de Planejamento, grande empresário - é o presidente da Trol, essa grande empresa de plásticos - ele era o secretário do Planejamento, engenheiro, inteligente como o diabo e eu disse: "Dilson, olha aqui, está vendo esta gente aqui. Olha o currículo deles! Olha o passado! Olha os projetos! Essa gente não tem nada, não tem mesa, não tem cadeira, não tem edifício, não tem nada... Eu preciso de dinheiro. Me dá dinheiro aí". Eu devo dizer-lhes que nunca o governo me negou dinheiro. Ele me deu logo 5 milhões, de cara. Naquele então era um bocado de dinheiro - isso equivale hoje a 20 milhões ou 30 milhões de cruzeiros - para começar a comprar equipamentos e conseguir edifícios. Logo depois, eles entraram em contato com o Marcos Viana, do BNDE, Pelúcio Ferreira.

R.G. - Eles entraram?

Z.V. - Sim sr. O Pelúcio parece que já os conhecia da COPPE - o Pelúcio tinha trabalhado na COPPE - mas estava demorando, aquele negócio não saía, o dinheiro. O Marcos Viana tinha me prometido 5 milhões, mas a coisa não saía. Um dia o Rogério veio desanimado...

T.F. - O Rogério já estava aqui?

Z.V. - Já estava aqui.

T.F. - Trazido pelo Sérgio Porto?

Z.V. - Trazido pelo Sérgio Porto, Marcelo Damy, etc. e por mim, porque afinal fui eu quem os trouxe.Mas eu tinha um trunfo muito grande, que era o Ministro da Fazenda, Delfim Neto. O Delfim Neto é um talento matemático, grande matemático, aplicado a Econometria e muito amigo meu, que eu fui... A faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo foi feita na minha casa, elaborarada por mim. O projeto... Eu me assessorei com alguns economistas, mas fui eu quem exigiu que se pusesse Estatística Matemática no curso de Ciências Econômicas. Porque a Estatística que faziam naquele então, era Estatística Demográfica, sabe, Estatística Atuarial, Demográfica, etc. Eu exigi Estatística Matemática, quer dizer,com base para Econometria uma Estatística Matemática. E o

Delfim é um dos produtos dessa escola. E ele sabia que eu tinha sido o fundador e ele sempre teve por mim um grande respeito.

Fui ao Delfim, pedi uma entrevista a ele, Ministro da Fazenda e disse: " Delfim, olha, está acontecendo isto: nós pedimos lá para o Pelúcio mas o Pelúcio está encontrando dificuldade. O Marcos Viana está fazendo não sei o quê." Hoje, o Marcos Viana é amicíssimo meu. Esteve lá, comigo, agora, em Ribeirão, nesse último seminário, onde ele fez uma palestra brilhante. - "Como é que é essa história, Delfim! Você é quem dá o dinheiro". - Ele disse: "Ele está negando dinheiro? Pega esse telefone que eu vou falar com ele. Oh, Marcos Viana, está aqui o meu mestre e patrão. - Quem é? - É o Zeferino Vaz. Você prometeu a ele 5 milhões. Ou você dá o dinheiro para ele ou muda de país. Porque eu devo obrigações e você tem que dar esse dinheiro para ele. Eu sei que ele sabe aplicar bem". E, realmente, sairam os 5 milhões. Mas depois as portas se abriram e então a FINEP, depois a Secretaria de Tecnologia Industrial, quando começamos a desenvolver os planos de desenvolvimento tecnológico.

T.F. - Já era o Bautista Vidal?

Z.V. - Já era o Bautista Vidal. E a TELEBRÁS se empolgou e se interessou, por causa do grupo que eu tinha de telecomunica-

ções. E desenvolvemos para a TELEBRÁS o primeiro equipamento do sistema BCM de telefonia. 30 ligações no mesmo par de fios, porque só tem um. Construímos. O primeiro convênio com a TELEBRÁS foi de 7,5 milhões de cruzeiros. Construído o protótipo, testado de todos os jeitos, ótimo, funcionando, então, já partimos para um outro contrato para 120 ligações num mesmo fio. E já estamos planejando o de 480. Mas a própria TELEBRÁS, em contato com o Ripper com o pessoal da Física, eles desenvolveram aquele núcleo de fibras óticas e Laser para telecomunicações. Mas o pessoal da TELEBRÁS é espetacular, porque eles não pensam só na parte tecnológica e sim, também, nos dão recursos para a preparação de pessoas humanas, de recursos humanos, pensando no futuro.

O fato é que a razão estava comigo; quando você tem grandes homens, primeiro o reitor tem autoridade moral para ir lá gritar: "Gente, eu preciso de dinheiro por isto, por isto e por aquilo". Profundamente convencido como estou, essa convicção você transmite. Segundo, você tendo essa gente vem gente de fora. Agora, a quantidade de gente que nos procura para contratos, para programas é enorme. E os orçamentos foram crescendo, porque eles foram sentindo que, realmente, isto aqui estava em bases muito sérias. Mas não era só o crescimento tecnológico que eu fazia. O grupo de economia tinha estabelecido a ... O grupo de Filosofia, o grupo de Sociologia, o grupo de Antropologia.

Eu trouxe dois ingleses. Um é Peter Flyn, um sujeito formidável. É gente, realmente, de primeira. O grupo de Artes... Quer dizer, contrato o Nathan Schwarztman, que é o maior violinista brasileiro, Fernando Lopes é um dos maiores pianos do Brasil. Trouxe um americano, Allan Scotch, que é um celo de primeira qualidade. O Benito Juarez, grande maestro, estava aqui dando sopa, vivendo de cachês. Então, eu contrato para a UNICAMP dando uma posição sólida.

T.F. - Nessa evolução toda, a universidade evidentemente ficou, um pouco na dependência exatamente de apoio governamental, principalmente nessa área tecnológica. Isso não custaria também a universidade um pouco de perda da sua independência, para buscar o seu caminho científico?

Z.V. - Absolutamente. Nunca nos impuseram nada. Nós aceitamos aquilo que queremos e quando é conveniente para o ensino e para a pesquisa, porque o que se tem encontrado de motivação para trabalhos de pesquisa básica, através desses convênios, vocês não podem fazer idéia. Compramos equipamentos dos mais altamente sofisticados. Por exemplo, nós temos um microscópio no Instituto de Física, o microscópio eletrônico, com um nível de resolução e nível de Angstron que permite fazer radiografia de molécula, e que são microscópios feitos sob encomendas Hitachi & Pertinelli. É

uma associação do Hitachi & Pertinelli. Como é que eu podia ter esse equipamento? Foi através desses convênios. O que nós temos lá em matéria de Física do Estado Sólido, produção de azoto líquido, circulação de Hélio líquido pelos laboratórios, laboratórios de Laser, temos os equipamentos mais sofisticados no nível do horizonte do conhecimento. Não prejudicou em nada, ao contrário, é um erro essa suposição de que porque faz contratos e convênios a universidade fica amarrada por qualquer forma. De forma nenhuma.

T.F. - Mas, por exemplo - uma hipótese do tipo provocativa - se esse dinheiro que é aplicado em tecnologia pelo governo federal, eu digo FINEP, se ele tirasse de uma hora para outra como é que a UNICAMP se veria?

Z.V. - Não sei. Os equipamentos estão lá, os cientistas estão lá, eles vão continuar trabalhando.

Z.V. - O sr. não sente uma certa predileção por trabalhos que a Universidade possa prestar, que sejam tecnológicos ou mais imediatistas, por parte do financiamento governamental ou não?

Z.V. - Não há por necessidade sociais imediatas, mas isto é uma das funções da universidade, satisfazer necessidades sociais, é obrigação. Ela não pode alienar-se de realidade. É dever da universidade, pois é aquilo que eu disse de iní

cio, ela tem que sair fora de seus muros, ela tem que ir ativamente, mesmo quando o governo não lhe dê recursos. Estamos na área educacional lá em Campinas, na Faculdade de Educação, no ensino pré-primário, primário e secundário vendo que problemas de metodologia, de deficiência de professores... Outro dia tivemos uma reunião de reitores e o padre MacDowell, da PUC do Rio de Janeiro, declarou lá que uma das razões das deficiências do ensino universitário, é a má preparação dos estudantes que chegam para a universidade.

Eu pedi: "Olha, padre MacDowell, dá licença para um aparte. Estou farto de ouvir isto, todo mundo mete o pau aqui no ensino secundário. Agora quero fazer-lhe uma pergunta: O que que o sr. tem feito? O que que a sua universidade tem feito no sentido de melhorar esse ensino secundário? Ele disse: "Ah, mas não é função nossa". "É porque o ensino secundário é ministrado por professores que o sr. forma; se ele é mau resulta de maus professores que o sr. forma".

E a universidade foi investigar, relativamente, quais são os funis, quais são as dificuldades, quais são os erros? A minha está dentro desta, está fazendo esta pesquisa. As deficiências do ensino primário, em que a nutrição está interferindo? Em que que as técnicas de ensino estão interferindo? Nós estamos investigando isso. São assuntos de teses de mestrado e doutorado da nossa Faculdade de Educa

ção. Não precisa ir procurar lá fora. Não precisa ir às tribos do Xingú estudar a vida sexual dos tupiniquins para encontrar motivo de trabalho original. Está aqui, está ao lado.

R.G. - Tive uma oportunidade de ver uma defesa de tese nessa área lá Campinas.

Z.V. - Em quê?

R.G. - Na parte de Educação Secundária de Campinas.

T.F. - Campinas teria condições de gerar uma parcela dos seus próprios recursos?

Z.V. - Está gerando, através desses convênios e contratos.

T.F. - Isso seria uma forma que vem a pedido dos projetos. Estou me referindo a esforços, por exemplo, como a CODETEC.

Z.V. - Sim.

T.F. - Isso é uma outra forma.

Z.V. - É uma outra. Mas nunca pretender uma autonomia, isso não. O Estado tem que dar, é função do Estado. O que pode é a Universidade aliviar ou encontrar recursos para outras... Para destinar à áreas que não tem assim uma aplicação imediata, ou não são fontes de recursos, como as ciências hu

manas, como Antropologia, como a Sociologia, como Políti ca, como a Música.

T.F. - Por exemplo, haveria condições da Universidade de Campinas se beneficiar de patentes elaboradas na Universidade?

Z.V. - Perfeitamente. Agora acaba de ser desenvolvido lá, uma tecnologia de produção de massa de tomate, que é um Ovo de Colombo, que revoluciona a produção de massa de tomate simplificando tremendamente o processo, diminuindo brutalmente o consumo de energia para obter a massa de tomate concentrada. E não só o volume de energia, a quantidade de energia gasta, mas também o volume dos concentrados, o tamanho brutal dos atuais concentrados, que custam uma fábula em ácido inoxidável e são importados, por uma introdução de uma tecnologia que é um verdadeiro Ovo de Colombo.

Ao invés de pôr o tomate integral no concentrado para fazer a massa de tomate, depois de tirar a película e a semente, primeiro separa o soro da polpa propriamente e só concentra o soro. Só concentra o soro. Quer dizer, o volume que você concentra é pequeníssimo. Depois você mistura esse concentrado de soro com o de massa de tomate e faz uma mistura homogênea. Não perdeu a palatabilidade, não degradou nenhuma proteína daquela polpa do tomate, gastou a quinta parte de energia e concentrou num volume cinco vezes menor. É um Ovo de Colombo revolucionário e internacio

nal, e é claro que nós vamos participar dessa...

R.G. - Professor, que proporção do dinheiro da UNICAMP vem de dotação orçamentária, vem de prestação de serviços a empresas e vem de contratos com agências governamentais?

Z.V. - No momento, eu diria que 80% é do Estado.

R.G. - Dotação?

Z.V. - Digamos, 15% de empresas governamentais - FINEP, MIC,etc - e 5% (mais um pouco, talvez, eu não tenho esse balanço assim) são de contratos com empresas privadas, ou paraestatais ou economia mista. Porque nós temos contratos com muitas empresas. Os números não estão certos. Eu diria 70% do governo do Estado, 20% de ... Porque a TELEBRÁS nós dá 120 milhões. É um contrato substancial e, mais do que isso, ela está construindo o seu Instituto de Pesquisa próprio da TELEBRÁS, junto da UNICAMP.

R.G. - Isso é a primeira vez que acontece?

Z.V. - Ah, sim! Claro! Junto à UNICAMP por quê? Porque ela tem apoio logístico, científico de cabeça, que é o que interessa a ela. E assim outras empresas. Quer dizer, Campinas ficou um polo de atração mesmo. Buscando o quê? Cérebros que eu contratei. Então, vocês vêm, chamo sempre a atenção para importância fundamental - cérebros, cérebros, cérebros!

T.F. - Um dos grandes perigos é a universidade crescer. Isso significaria que de alguma maneira ...

Z.V. - Eu planejei um limite - 15 mil alunos no máximo, e olha lá hem!

T.F. - Como é que essa limitação está embutida no ...

Z.V. - E o estatuto que... Claro, somos nós que fazemos às vagas.

T.F. - Isso estatutariamente está definido.

Z.V. - Está sim, claro. Isso é autonomia da universidade, autonomia didática, pois não queremos mais. Façam outra! Como se fez a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, quando São Paulo sofria aquela pressão de gente que queira entrar nela. Façam outra! Sai muito mais barato e funcional. Porque a Universidade do México com 280 mil alunos - você estava lá, você sabe que aquilo é uma bagunça! A de Buenos Aires com 200 mil alunos, o que é isso! Isto não é universidade, não é nada. Mesmo São Paulo já não é uma universidade. Fundão não é.

T.F. - USP está com quantos?

Z.V. - 40 mil alunos.

R.G. - UNICAMP está com 5 mil?

Z.V. - 9 mil. Mas nós não temos curso de Direito, nós não temos curso de Letras. Nós temos o Instituto de Estudos da Linguagem, porque os Institutos de Letras nossos o que são? São conglomerados de línguas e literaturas - francesa, aramaica, árabe, etc. Qual o denominador comum de todas elas? Não tem. Eu só criei o Instituto de Letras quando pude levar o Antonio Cândido para lá, quer dizer, a maior figura da crítica literária brasileira. Eu levei 8 anos cantando o Antonio Cândido para lá. Mas nem sequer chama-se Instituto de Letras, chama-se Instituto de Estudos da Linguagem, que tem dois departamentos: um departamento de Lingüística e um departamento de Crítica Literária, de Teoria Literária, quer dizer, dois departamentos que são as bases ou alicerces de qualquer língua ou literatura. Então, o que me importa é criar fundações sólidas. Mas enquanto esperava o Antonio Cândido mandei para o exterior 8 ou 10 indivíduos que foram lá fazer mestrado de Lingüística Matemática e também doutorado. Então, eu já tenho massa crítica. E de teoria literária o Antonio Cândido que está me indicando, e eu tenho já contratados uma porção de gente lá, de altíssimo padrão.

T.F. - Quando a universidade ainda era muito pequena, quando o sr. levou para lá o Damy, era relativamente fácil fixar uma orientação, uma linha de pesquisa, definir por onde

se ia, que tipo de ciência ia fazer, etc. Como é que isto está sendo institucionalizado agora que o corpo técnico é muito mais complexo? A escolha de linhas, a opção por esta linha científica?

Z.V. - Liberdade total. Eu não interfiro no que o cientista quer fazer. A corrente de pensamento numa universidade é centrípeta, numa empresa de produção de bens ela é centrífuga. A universidade é uma de produção de cultura, é o produto mais nobre do espírito humano, mas é uma empresa de produção e eu a trato como tal.

Para as atividades meios, os princípios são os mesmos, unidade de atividade meio, então os princípios são centrais. Mas para as atividades fim, numa empresa de produção de bens, e se eu quero produzir uma engrenagem de câmbio, a empresa tem um *staff*, um estado maior pensante que bola um novo tipo de engrenagem e estuda todos os detalhes da engrenagem, a liga metálica, medidas exatas, corretas, isso é o estado maior quem determina, depois sai a ordem através do engenheiro operacional ou mestre-de-obra e vai ao operário, que tem aqui executar exatamente aquilo que foi determinado. Ele não pode alterar um milímetro da espessura da engrenagem. Numa empresa de produção de cultura, como a universidade, a corrente de pensamento é centrípeta. Ela nasce na periferia, nasce no cientista que é o executor da atividade de fim. É ele o grande especialista, é ele que agora gera o pensamento, que bola a concepção nova. E essa corrente

de pensamento vem ao centro, vem ao reitor.

E a função do reitor, que é difícil... A grande dificuldade do reitor não é distinguir entre o certo e do errado, é distinguir entre o certo e o certo. Qual das propostas certas num certo momento merecem mais ênfase, mais recursos, mais apoio. Mas ela nasce de lá, eu não imponho. É claro que se tenho equipamentos de criogênia, de lasers, de Física de Estado Sólido e os cientistas são dessa áreas, dificilmente eles vão propor uma pesquisa de Física Nuclear , porque não dispõem de equipamentos. Certo? Mas eles têm liberdade total e liberdade de se articular com cientistas de fora da universidade, de Institutos, de outras universidades. Programas com outras universidades nós temos uma quantidade.

R.G. - Como é que se dá dentro disso, quer dizer, paralelamente a isso, a escolha dos chefe de departamento e dos coordenadores dos Institutos e Faculdades?

Z.V. - Bom, a escolha dos coordenadores é minha.

Z.V. - Mas é uma indicação do sr.?

Z.V. - Minha. Nomeei o Sérgio Porto Coordenador dos Institutos e o Rogério Coordenador das Faculdades.

R.G. - Do reitor.

T.F. - Estranha coincidência que o sr. tenha escolhido exatamente dois físicos e dois físicos de uma mesma orientação teórica.

Z.V. - Da mesma origem, mas não têm a mesma orientação, e são mentalidades diferentes.

T.F. - O sr. que é da área Biomédica.

FINAL DA FITA 4-A

Z.V. - Aquela pergunta ...

T.F. - Sobre o sr. que é da área Biomédica.

Z.V. - Eu não fiz propriamente uma distinção muito de personalidade. Eu fiz pelo *status* científico muito alto. E o Rogério eu pus nas faculdades - ele era diretor do Instituto de Física - e ele sentiu depois de quatro anos que era melhor ele passar a direção do Instituto de Física para o Ripper, que era realmente um sujeito também altamente destacado. Acontece que o Rogério Cerqueira Leite é um espírito universal. Ele, além de grande físico, físico de Estado Sólido - ele trabalhou também na Bell Telephone como Chefe de grupo de pesquisas. Ele é um especialista em música, faz musicologia superior, ele era conferencista de universidades americanas, além disso ele é um poeta de alta sensibilidade, aliás, lembra muito o Fernando Pessoa.

Além disto ele é um naturalista - o sitiozinho que ele tem ali perto de Campinas é um parque ecológico, com animais de todos os tipos. Ele cria aranhas carangueijeiras em casa e os filhos dele criam aranhas carangueijeiras. Assusta todo mundo, eles bricam com elas e tal... Carangueijeira não tem perigo nenhum. Mas tem tudo, bichos da Amazônia que ele conseguiu e gosta e adora as ciências naturais. Ele é um naturalista. Mas é também um dramaturgo. Escreve pe

ças de teatro impressionantes e discute problemas econômicos, ele tem até uns livros publicados e tudo ele faz bem. Agora, eu não sei quando ele descança, entende? É um problema para mim que até hoje não resolvi. E as faculdades, como são de exercício profissional, tem que ter uma base científica sólida e uma diversificação maior de atividades e essa capacidade dele de diversificação, este apego dele às ciências biológicas é que me levaram a pô-lo na direção das Faculdades, como coordenador, porque tem Faculdade de Medicina, Ciências Médicas, Enfermagem, Odontologia, tem os cursos de Ciências Biológicas. Enfim... Então, ele foi para as faculdades e o Sérgio Porto, que é Físico, e é físico mesmo de altíssimo padrão, ficou na direção dos institutos. Essa é a explicação que eu podia dar a vocês. Mas é porque ambos são muitos respeitados pela comunidade e pela altitude científica.

T.F. - Eles são indicados pelo departamento, numa espécie de uma lista tríplice?

Z.V. - Não sr. Os coordenadores foram nomeados por mim, no caso, como o coordenador geral da Administração, e eu tive a sorte de encontrar um menino que é um gênio da administração, as atividades meio, lá, são centralizadas mesmo, e nós gostamos muito, hoje, em atividades meios, quer dizer, em administração. Mais ou menos 10% do orçamento da universidade, o que se aproxima muito das grandes empresas bem or

ganizadas.

T.F. - Quem foi o pai desse milagre?

Z.V. - Bom, eu fui o criador e eu tenho um pouco espírito de administrador, mas encontrei no ZOAIR BARBAQUIA, esse palestino diabólico, inteleigente, um sujeito extraordinário. Quem me indicou o Zoair foi o Lattes. O Zoair era segundo escriturário aqui da universidade de São paulo, e um dia o Lattes, lá em Campinas, me procurou e me diz: "Oh Zeferino, você sabe de uma coisa, eu vou te dar um conselho, vê se você traz para cá um rapaz chamado Zoair Barbaquia porque você sabe que eu sou o tipo do sujeito complicado e liga pouco para as coisas e tenho tido problemas incríveis de importação. As minhas coisas estão todas atrapalhadas e ele me resolve os problemas com uma rapidez assustadora, encontra soluções adequadas para tudo, pega esse camarada!"

Eu eu chamei o Zoair. E tive uma conversa com ele de duas horas. Ele tímido, assim, segundo escriturário da Universidade de São Paulo. Ao cabo de duas horas, eu disse: "Menino, você quer ser o Coordenador Geral da Administração da Universidade?" Ele quase caiu de costas! No final, eu estimulei ele topou. Depois dizem que eu tenho sorte! Não se trata de sorte, conversando com ele, pondo problemas, eu

vi que agilidade mental este homem tem para resolver proble mas de Administração. Tribunal de Contas, que era uma com plicação dos demônios. Ele sabe tudo, o desgraçado! E es sas verbas que você recebe à ultima hora, você não quer gastar mal e então como é que você vai fazer para não gas tar mal? Então, você aloca essa verba num negócio assim que você pode, no ano que vem, voltar de novo para aquilo que você queria. Enfim, é um homem diabolicamente capaz.

E na Coordenação.Geral da Universidade está o Paulo Gomes Romeu, que é uma espécie de vice-reitor, que é outro demô nio em figura de gente, de habilidade, de bom senso, de pé-no-chão, porque o cientista é muito estratosférico. Ele pega o Sérgio Porto ou o Rogério - "Oh, gente pah! Vê se aterriza aqui, porque se não nós vamos para estratosfera. "E eles aceitam, porque ele argumenta, ele é inteligente , ele percebe, ele compreende o cientista. É uma grande figu ra. Mas é muito importante acentuar que na Universidade de Campinas a corrente de pensamento nas atividades fim, é centrípeta, nasce da periferia para o centro.

Mas este centro, que no fim é o reitor, está a par de tudo. E quando eu sei que um sujeito fêz uma coisa interessante, que o seu William da Silva isolou uma variedade de milho , obteve uma variedade de milho,que realmente é importante para a economia do país, que é um lucro a mais, eu chamo. Lá o reitor fala mesmo com todos os cientistas ele contac

ta. Então, ele me conta, detalha todo. Bom, o quê que está te faltando. O que precisa, não precisa... E eu digo: "Ótimo,que bom!" "Então, eu estimulo e ele sente que alguém está reconhecendo o trabalho.

R.G. - Me fica a impressão de que a UNICAMP é muito do sr...

Z.V. - Tem muito de mim. Tem de alma, do espírito, do cientista que sofreu esta influência maravilhosa de homens como o Travassos, Neiva, Dreyfus, que sabe os anseios de um cientista.

T.F. - O sr. fez o paralelo do reitor com a figura paterna.

Z.V. - Exatamente. Reitor que disciplina: - "Não sr. isso você não vai fazer coisa nenhuma, não vai fazer, por isso e por aquilo."

Z.V. - Mas isso me deixa uma apreensão também.

Z.V. - Qual é?

R.G. - É o problema do sr. saindo, como fica? Se existem mecanismos institucionalizados para que seja garantida, por si só, a continuidade dessa obra.

Z.V. - Porque eles aprenderam como é!

R.G. - Como se dá a nomeação do reitor, através de lista tríplice?

Z.V. - É uma lista tríplice, ou sextupla, não importa, que vai ao governador e o governador nomeia. Mas eu não vou sair da universidade, eu vou continuar. A presença física minha é importante.

T.F. - Fazendo um pouco paralelo com Ribeirão Preto, Campinas ainda não alcançou maioridade?

Z.V. - Total não, porque aqui é uma universidade que eu tenho 1200 professores. Não é uma bricandeira. Lá é 80, 90, 100 professores. Aqui são 1200, dos quais 230 estrangeiros e eu converso com esses estrangeiros e quando eles vêm eu tenho uma longa conversa com eles, mostrando o que vai acontecer com eles numa primeira fase em que tudo é gentileza, depois vem uma segunda fase em que eles vão sentir agressividades, depois essa fase passa e uns aprendem a fazer soma algébrica dos outros, ver qualidades positivas e negativas. Quando a resultante é positiva o entrosamento se faz. Eu não perco trinta segundos para resolver um problema técnico, porque esta vasta experiência anterior aparece. Solução imediata.

E perco meses, às vezes, para resolver problemas humanos. Porque há ciúmes incríveis - porque o professor falou comigo 15 minutos, com outro só falou 10. Os ciúmes do reitor. Então, aqui *off record*, são uns veados e eu não gosto. Essa figura do Chico Anísio, daquele imbecil ... Vocês têm

visto o Chico Anísio, o programa?

T.F. - Não, ultimamente não.

Z.V. - Ah! Vocês estão perdendo um espetáculo. Você não tem visto o Chico Anísio?

T.F. - O Chico City.

Z.V. - O Chico City, bom, então, eu nem vou falar porque ... Tem uma figura de um sujeito, ele conseguiu deformar. Tem cara de antropóide, que é capaz de manter uma conversa imbecil. Ele tem uma qualidade fabulosa, ele tem horror de homem - homem já chega perto, ele já dá coice, mulher ele já fica cucando. O Antropóide. Mas, enfim, problemas humanos surgem constantemente, são naturais nas comunidades humanas e buscar solução para eles às vezes é demorada, outras vezes é mais simples. Inveja, ciúmes, e isto existe em toda a comunidade. Os cientistas, quase sempre, têm aspectos infantis impressionantes, porque a maturidade espiritual não tem nada que ver com a inteligência e com a cultura. Vocês têm homens maduros, eu tenho motoristas, chofer de caminhão maduro, equilibrado e você tem cientistas neuróticos, cheios de problemas, com atitudes infantis impressionantes, mas como eles são muito inteligentes, eles racionalizam muito, dão uma capa de racionalidade à infantilidade, mas a minha especialidade é tirar toda essa casquinha e mostrar "Olha,

a criancinha aqui, filho, vamos deixar de ser bebê ... "É a minha especialidade. Porque é comuníssimo e a gente tem de considerar que a natureza é assim.

É uma realidade e você tem que fazer soma algébrica, se a resultante é positiva tudo bem, se não, aí eu também não titubeio. O indivíduo que não produz naquela universidade não fica lá. Eu dou prazo, dou tempo, mas eu chamo e digo: "Olha, gente, você precisa produzir se não eu ponho para fora". Porque eu sou muito egoísta. Quando você está produzindo algo novo, 97% é para você, mas 3% é para mim, para o reitor. Eu tenho uma corretagem nesse negócio. Ora, se você não produz, eu não tenho corretagem nenhuma e não me interessa, nem a você e nem à universidade. Então, fora. Então, é preciso que ele produza cientificamente. Eu não quero saber da quantidade de trabalhos, eu quero saber da qualidade. Mas eu dou estímulo ao que produz e trato diferentemente o que produz daquele que não produz.

Porque o grande mal das grandes instituições, e esse é um dos grandes males do gigantismo, é que você tem uma verba X e você distribui em partes iguais para todos, mereça ou não mereça. Porque você não pode pôr no computador, e essa é a distinção, quantificar o trabalho cultural pelo número de trabalhos. Uma empresa multinacional pode ser gigantesca, você acrescenta a memória do computador e você controla a produção, a renda, o mercado, porque tudo é quanti

ficado, mas você não quantifica a qualidade do trabalho produzido. Então, essa tem que ser julgada por homens e a capacidade de julgar é limitada. Você não pode julgar além de um certo número. Por isto que uma universidade não pode crescer indefinidamente. É um dos outros fatores limitantes, porque você não pode quantificar a qualidade da produção da cultura, a didática, a produção cientifica original e os trabalhos de extensão à comunidade.

Exemplo de extensão à comunidade, programa problemas da comunidade que a universidade pode e deve resolver. Problema do câncer uterino e do câncer mamário está devastando mulheres aí. Bom, toda universidade que se preza, que tem uma faculdade de Medicina, onde tem um serviço de Ginecologia, tem que ter um serviço de Citologia para fazer o Papa Nicolau e detectar o pré-câncer. Ninguém faz nada. Há nove anos atrás, chamo o diretor da Faculdade, o professor Pinotte, e digo:"Olha, Pino" (que era o professor de obstetrícia) "Pinotte como é que vamos fazer o câncer uterino? Vamos trabalhar. Você tem citologistas bons, então nós vamos procurar como atrair mulheres para serem examinadas. "Elas não vêm, primeiro por problema de pudor; segundo por ignorância. Então, procuramos todos os médicos dos sindicatos operários, do Serviço de Saúde, do INPS, Serviço de Saúde Municipal, Serviço de Saúde Estadual: "Gente, toda mulher que vier aqui para exame, por qualquer que seja o motivo, você pede um Papa Nicolau, nós fazemos de graça e

estamos trabalhando em benefício dela".

E assim fizemos. Até hoje, nós já examinamos 40 mil mulhe res de Campinas e vocês podem imaginar que já salvamos cen tenas de vidas preciosas, detectando no pré-câncer e ope rando no momento precioso de câncer uterino e de câncer mamário. Por que as outras não fazem? Porque ninguém se preocupa com os outros. Ninguém se preocupa com a comunida de. Problema de produção industrial - só o município de Campinas tem 1204 indústrias, uma grande quantidade de pe quenas e médias indústrias que são de antigos operários in teligentes, ambiciosos, começaram com uma fabriquinha de fundo de quintal, foram progredindo, hoje têm umas fabri quetinhas boas, mas eles ignoram alguns princípios elemen tares de administração.

A propriação de custos, quanto custa esta xícara que você esta pedindo realmente? Quantos fatores ele não conside ra; princípios de *layout*, a disposição física dos equipa mentos para a seqüência da produção; alguns principiozi - nhos de *marketing*, como alcançar o consumidor; como fazer um projeto para pedir um financiamento para BADESP ou BNDE, eles têm que pagar corretores intermediários que ganham 10% e depois ainda dizem "Ah, precisa dar uma gorjeta para fulano" que, em geral, é mentira. Nós ensinamos, então, is to em cursos de Administração para pequenas e médias in dústrias. Começamos há nove anos atrás. Já demos para 650

industriais e são cursos para no máximo 20, de dois meses, de 7:30 às 11:30 horas da manhã, poucas aulas teóricas e demonstrações práticas nas fábricas deles mesmos, com resultados empolgantes. E cada um deles, terminado o curso, é obrigado a fazer um pequeno relatório, o que sucedeu com a sua indústria como conseqüência do curso. O aumento da produtividade com o mesmo custo é um negócio incrível.

Mas quem se preocupa com isto? E qual foi a conseqüência? O que a universidade ganhou? A comunidade ganhou evidentemente. O que ganhou a universidade? Ganhou a confiabilidade da indústria e nós pudemos fazer o levantamento, o cadastro industrial de Campinas e agora, de todos os 28 municípios da região de Campinas, que é o único que existe no Brasil, com todas as firmas, com o cadastro, a ficha completa da firma com todos os dados, de capital, número de operários, de matéria-prima, de produtos, diretores, tudo, tudo. O índice alfabético dos produtos elaborados com os números. Cada firma é numerada. O Ministério da Fazenda não tinha, a Secretaria da Fazenda não tinha, bancos não tinham, nós estamos dando isso para todo mundo.

Mas quem fez esses levantamentos? Foram estudantes de economia que .... Ninguém consegue isto, porque as indústrias temem sempre a presença de alguém governamental, mas ele confiam na UNICAMP! Então, os nossos estudantes vão e os nossos estudantes entram em contato com realidades. Então

contribue para a função educativa da universidade, não é um ganho apenas da comunidade, a universidade está ganhando. Os nossos professores de Economia e de Administração têm uma outra visão da Administração em função de realidades nossas e não daquilo que eles lêem em livros americanos. E em outro tipo de ...

T.F. - A minha preocupação, um pouco, é a seguinte: é quanto à constatação de que isto é possível no Brasil, mas sempre criando uma coisa nova, porque aparentemente o velho, o que existe, resiste tremendamente...

Z.V. - Ah, resiste brutalmente. É preciso essa motocicleta de português que quebra asfalto romper essa camada de asfalto que impermeabiliza, que fica entre o crânio e o cérebro propriamente dito. É duro, ouviu, filho! Agora, há uma porção de universidades novas que estão aprendendo e nós estamos difundindo isto para todo Brasil, trabalhando por todos os meios, difundindo, difundindo, pregando, pregando. Saiam dessa rotina, saiam das paredes, vão à comunidade, ela precisa de nós. E não prejudica nada o trabalho da universidade, ao contrário, enriquece a universidade de ciência autêntica, de Sociologia verdadeira, de Sociologia de realidades e não Sociologia de livros, de soluções estratosféricas, propor soluções viáveis.

Enfim, é isto o que se tem feito e é isto que explica o su cesso da UNICAMP. É a produção científica original, em to das as grandes revistas científicas do mundo. Cuidamos de fazer profissionais de profissões que não existiam no Brasil. Foi a primeira que criou o curso em Ciência de Computação, já há oito anos atrás, formar o bacharel de Ciência de Computação, analista de sistema, programadores, etc. Engenheiro de alimentos, Engenharia de alimentos que não existia, quando as indústrias de produção de produtos alimentícios têm o maior número de capital do que qualquer outra, com exceção da de petróleo. Isso nos Estados Uni dos também. E os nosso formandos são chupados assim. Os nossos formandos em computação são absorvidos. Criar cur sos que não existiam nas nossas universidades, uma outra forma de inovar.

Enfim, gente, quando eu aceitei o desafio é que eu partia do ponto zero sem preconceitos e sem interesses pré-estabe lecidos. Exatamente como eu fiz em Ribeirão. E com liber dade, autonomia, e sempre aplicando recursos, primeiro em capital humano. Lá vocês não encontrarão nenhum elefante branco, nenhum prédio monumental. Tivemos uma restrição de recursos este ano de 1977, uma recessão. Muito bem! Reduziram as verbas a quarta parte. Ah é? Não posso deixar de abrigar os meus cientistas, então, passei a fazer pavi lhões de tipo industrial, pavilhões de 1100 m^2, cinco me tros e meio de pé direito, estrutura de ferro, 15 metros

de largo por 70, corredor central de três metros, módulos de três metros ou seis por seis, nos extremos . Você pode fazer laboratório ou salões de leitura, ou salas de aula com índice de aproveitamento de 95% da área construída e me custa a quarta parte do preço da construção convencio - nal - aqueles prédios de concreto que os arquitetos enchem de galinhagem. Eu, ao invés de 10 mil cruzeiros o m2 saiu a 2500 o metro. Então, eu fiz 13 desses pavilhões. São 15 mil metros quadrados que eu construi...

T.F. - Num ano de recessão.

Z.V. - Num ano de recessão. E todos estão encantados. Agora todo mundo quer daquele, porque é cômodo, é confortável, é ven_ tilado, a ventilação é ótima. Adaptar-se às circuntâncias a realidades, não fugir a elas e dizer: "Ah, não! Então não posso fazer nada porque não me dão recursos". Que é a atitude do negativista, atitude do sujeito que não quer fazer e arranja sempre como pretexto a falta de recurso. E quando lhe dão recurso, primeiro prédios monumentais e de_ pois não tem recursos para mais nada. Assim não se faz uma universidade. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi feita em prédios velhos, da Escola Prática de Agricul_ tura, galinheiro-laboratório de Clínica Médica. Isto não interferiu em nada na produção e na qualidade dos exames feitos ali.

FINAL DA ENTREVISTA